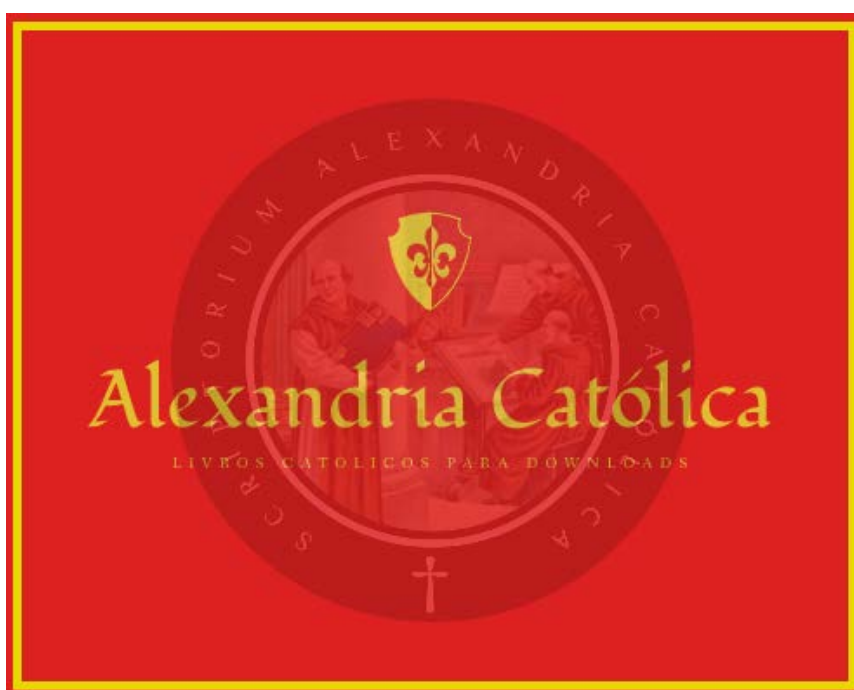


FULTON J. SHEEN, PH. D. D. D.

Os Problemas
da
Vida



LIVRARIA FIGUEIRINHAS — PORTO

FULTON J. SHEEN

*Doutor em Filosofia e em Teologia, Licenciado em Filosofia pela
Universidade de Lovaina*

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Nova Iorque

*Director Nacional nos Estados Unidos da América da Sociedade Mundial
das Missões para Propaganda da Fé*

os problemas

da

Vida

TRADUÇÃO DE

Martha de Mesquita da Câmara

LIVRARIA FIGUEIRINHAS

Porto

desta obra no original:
THOUGHTS FOD DAILY LIVING

reservados todos os direitos em língua portuguesa

ÍNDICE

FELICIDADE

- I — A Felicidade consistirá na Riqueza?
- II — A Felicidade consistirá na Glória na Fama e nas Honras?
- III — Felicidade
- IV — Instabilidade – Um período de deslize
- V — Exagera-se a importância dos conflitos de opiniões

AMOR

- VI — Me, Eu, Tu
- VII — Triunfo e Derrota
- VIII — Até no mal pode haver uma parcela de Bem
- IX — Prazer e Amor
- X — Ciência, apenas, tem seus perigos
- XI — Libertação sexual

COSTUMES E AMBIENTES

- XII — Costumes
- XIII — As Férias são indispensáveis
- XIV — Arquitetura e Urbanidade
- XV — Regeneração espiritual e social
- XVI — Para que nos serve a energia vital?

VONTADE

- XVII — Bondade Interior
- XVIII — O desejo de ser bom
- XIX — Emoções e Renúncias
- XX — Todo o êxito tem seu preço
- XXI — Em que consiste o caráter?
- XXII — Anjinhos da pele do diabo
- XXIII — Criancinhas

- XXIV — Caminho Perigoso
- XXV — Aceitação dos Sacrifícios
- XXVI — Carência de princípios
- XXVII — Crianças
- XXVIII — Parábola para Funcionários Públicos
- XXIX — Criminalidade Infantil
- XXX — A Mocidade e o Heroísmo
- XXXI — Usa, serás mestre
- XXXII — Verdadeira História da Criminalidade Infantil

PERDOAR

- XXXIII — Não Basta Perdoar
- XXXIV — É preciso dominarmo-nos
- XXXV — O Fariseu e o Publicano

HUMILDADE

- XXXVI — Espírito de crítica
- XXXVII — Muleta ou Cruz?
- XXXVIII — Os dons espontâneos são os melhores
- XXXIX — Dor e Angústia
- XL — Juízos Temerários

CONVÍVIO INTELECTUAL

- XLI — Como se deve ler
- XLII — Siso nas palavras
- XLIII — Palavras fora de moda
- XLIV — São precisas Universidades

ESPERANÇA

- XLV — A Psicologia do Desespero
- XLVI — A Religião da Confiança
- XLVII — O Tesouro do Coração
- XLVIII — Significado do Natal

LIBERDADE

- XLIX — Que é a Liberdade?
- L — O Amor é mais forte do que a Morte
- LI — “Estou no meu Direito”
- LII — Somos realmente responsáveis?

A RELIGIÃO E OS HOMENS DE HOJE

- LIII — Estará a Religião a tornar-se popular?
- LIV — Será a Religião uma Ambulância?
- LV — Suicídio Cósmico
- LVI — Cristianismo Fácil
- LVII — Deus e a Crise do Mundo
- LVIII — O Cérebro não é tudo
- LIX — O Futuro depende de Nós

Felicidade

Capítulo I

A Felicidade consistirá na Riqueza?

A felicidade é a ambição de todo o ser humano. A busca da felicidade é uma prova da nossa imperfeição. É como disse Pascal: «A felicidade é o objetivo de todos os homens, sem exceção. Sejam quais forem os meios que empreguem, todos têm em vista a mesma aspiração.»

«Ó felicidade, aspiração e alvo do ser humano! Bondade, prazer, contentamento! Qualquer que seja o nome que te deem,
É sempre qualquer coisa por que todos suspiramos eternamente,
Que nos dá força para suportar a vida e para enfrentar a morte.»
(Alexandre Pope)

Embora procuremos essa felicidade através de outros seres humanos, a verdade é que a consideramos um bem exclusivamente nosso.

O fato de nos sentirmos felizes quando obtemos algo que desejamos, ou de nos sentirmos infelizes com a privação do que ambicionamos, prova que a felicidade está ligada aos objetivos dos nossos desejos ou intentos.

Por essa razão, no fundo da actividade de cada ser humano há sempre prazer e alegria ou tristeza e dor, exatamente como ao cabo de toda a vida humana está um céu ou um inferno.

A felicidade residirá na abundância e nas riquezas?

Há, realmente, várias vantagens em ser rico. Heródoto afirmava que a fortuna permitia ao homem satisfazer as suas paixões.

George Bernard Shaw escreveu que o dinheiro dá poderio: «O dinheiro fala; o dinheiro imprime; o dinheiro faz-se ouvir através da rádio; o dinheiro governa».

E, no entanto, as riquezas não podem constituir felicidade, porquanto representam apenas uma forma de a alcançar e não são parte essencial do nosso ser. Deus Nosso Senhor exprimiu isto mesmo quando disse: «A vida do homem não reside na abundância das suas riquezas». Se colocarmos uma moeda junto dos olhos, deixaremos de ver o Sol. A falta de bens materiais não é fatalmente a causa da infelicidade. Há mais divórcios e mais miséria íntima entre os ricos do que entre os pobres: «O freio de ouro não torna melhor o cavalo».

A abundância de riquezas tem a particularidade de tornar os homens mais ambiciosos. É como disse Jefferson: «Ainda não vi que a honestidade dos homens aumentasse com a sua fortuna». Seja qual for a riqueza que possua, o homem abastado abomina perder o que tem, exatamente como detestaria que lhe arrancassem um só cabelo, muito embora a sua cabeleira fosse abundante. Este espírito de cobiça endurece a alma e suscitou este aviso de Deus Nosso Senhor: «É mais fácil fazer passar um camelo pelo buraco duma agulha que a um homem rico entrar no Reino dos Céus».

Há um paradoxo peculiar ao homem rico: quanto mais ambicioso for, mais pobre se sente, porque deseja sempre algo mais. As almas consagradas, que fizeram voto de pobreza, são mais ricas do que todos os ricos, pois que, não ambicionando coisa alguma, na realidade tudo

possuem.

Em qualquer caso, como é louco todo aquele que faz consistir a felicidade naquilo que algum dia há de deixar!

Se as riquezas são de fato nossas, por que é que as não levamos connosco? As únicas coisas que levaremos connosco na hora da morte serão as mesmas que conservariamos após um naufrágio. Shakespeare disse: «Se tu és rico, és pobre, pois, à semelhança do burro que leva sobre o dorso pesadas barras de ouro, também tu vergas sob o peso das tuas riquezas; mas, ao cabo da breve jornada, a morte despojar-te-á da carga». No dia derradeiro, os parentes e amigos, reunidos em torno do leito de morte do homem rico, perguntam: «quanto deixou?» pois onde houver um testamento há quase sempre litígio. Quanto aos anjos, esses, perguntarão: «quais os bens que trará consigo?»

«A propriedade de um homem muito abastado produzia abundantes colheitas, e ele dizia consigo, preocupado: «O que devo fazer, se não tenho onde armazenar as minhas colheitas?» E, por fim, decidiu: «Farei assim: Demolirei os meus celeiros, construirei outros mais espaçosos e terei assim onde guardar o grão e as alfaias agrícolas. Depois, direi comigo mesmo: «Já possuis abundância de bens para muitos anos; agora,, descansa come, bebe e diverte-te». Deus, porém, disse-lhe: «Louco, esta mesma noite chamarei ao meu tribunal a tua alma, e as riquezas que juntaste para quem serão?»

Assim acontece com todo aquele que amontoa tesouros para si, e é pobre das riquezas de Deus.

Capítulo II

A Felicidade consistirá na Glória na Fama e nas Honras?

Reputação e honrarias são provas de superioridade e de importância, mas não constituem felicidade. Encarar honrarias como objetivo da vida, é tornar a nossa felicidade dependente dos outros, quando a felicidade deve ser algo que ninguém possa arrebatá-nos. Além disso, se as honras são o ideal da vida, então a desonra é o único pecado.

Os homens dos nossos dias não procuram a honra baseada na virtude, mas sim na reputação, que é avaliada mais em extensão do que em profundidade. Reputação é muitas vezes apenas popularidade e desvanece-se à semelhança da brisa. É preciso gozá-la enquanto sopra. Podemos compará-la à bola que os homens impelem enquanto ela rola, e deixam de o fazer desde que ela pára.

A grandeza de uma época avalia-se pelos homens que no seu decorrer desfrutaram renome e fama. A mocidade dos nossos tempos não

corre perigo à conta do seu amor aos prazeres, mas sim pelo culto que presta aos falsos heróis. Muitos dos homens afamados da nossa época serão evocados no próximo século como testemunho da inferioridade mental do século presente. Todo aquele que desfrute consideração do mundo, se for de fato sincero consigo próprio, sabe que não é completamente merecedor desse conceito. O mundo fala de nós, ora para dizer coisas demasiado boas para serem verdadeiras, ora demasiado más para que se possa dar-lhes crédito. Charles Lamb diz, a propósito: «Há muito quem me considere um homem bom. Quão facilmente se adquire essa fama! Sei coisas a meu respeito que fariam com que os amigos fugissem de mim como se foge de uma praga!»

S. Filipe de Nery, ao ver um condenado caminhar para o cadafalso, exclamou: «Aquele poderia ser Filipe de Nery, se não fosse a graça de Deus!»

Quão instável é a felicidade baseada na consideração dos homens! Quantos se elevam às alturas como foguetões de jacto, para se despenharem no solo como simples destroços! O aplauso é fácil e contagioso. Basta que dois ou três comecem a dar palmas, para que a *assistência* em peso os imite. É, como disse Shakespeare:

«A glória assemelha-se a um círculo na água,
que não cessa de se alargar, mais e mais,
até que, à força de se alargar, acaba por se desvanecer.»

O indivíduo verdadeiramente feliz não se importa realmente com aquilo que os homens possam pensar dele, pois que a verdadeira glória reside no julgamento de Deus e não no julgamento dos homens. São Paulo disse: «Pouco importa ser julgado pelo tribunal dos homens». As reputações mais duradouras são aquelas que se firmam após a morte,

quando o falso brilho dos ouropéis da vanglória se extinguiu. A glória de Lincoln foi póstuma. A glória de Cristo veio após a Sua crucifixão. É d'Ele que nos vem este aviso: «Ai daquele de quem todos os homens dizem bem!»

As palavras mais veementes que saíram dos lábios divinos foram aquelas que Jesus pronunciou contra os conquistadores da popularidade, que procuravam a todo o custo ver o seu nome apregoado nas praças públicas, tal como os seus semelhantes dos nossos dias o querem ver impresso nos jornais. «Tudo quanto eles fazem, é com o fim de se tornarem notados pelos homens. É com esse fito que exibem sentimentos religiosos, cobiçam os lugares de honra nos banquetes e nas sinagogas e as saudações na praça pública».

Capítulo III

Felicidade

A felicidade não consiste na abundância de coisas que o homem possua, nem tampouco na satisfação dos desejos humanos — por exemplo, prazer num momento e publicidade noutro. A felicidade é, principalmente, condicionada a duas coisas: um objetivo certo na vida e o autodomínio do egocentrismo e do egoísmo.

O alvo da vida deve satisfazer os mais altos cumes da personalidade, principalmente o desejo de viver, a ânsia da verdade, a procura do amor. A satisfação de viver não está dependente de mais três dias de vida, mas sim da imortalidade que não tem fim. A verdade conquista-se, não com saber uma ciência apenas, com exclusão de outras, ou uma só arte com ignorância das restantes. O espírito só logra descanso quando está senhor do conhecimento da inteira verdade, não sob uma forma abstrata, mas sim personificada n'Aquele que diz: «Eu sou a Verdade».

Finalmente, a vontade satisfaz-se, não com um amor que pode esmorecer ou está sujeito a fases, como a Lua, mas sim com o amor que é um êxtase contínuo, sem intervalos de ódio ou de saciedade.

Esta vida perfeita, esta perfeita verdade e este perfeito amor é Deus — Padre, Filho e Espírito Santo.

A segunda condição da felicidade é o autodomínio do egocentrismo e do egoísmo que impede o caminho por onde se tem de atingir aquele último e final propósito. O inferno é o «eu» afirmado no tempo, no isolamento e

na eternidade, sempre em conflito com outros «eus», que negam constantemente o nosso «eu». O inferno é composto de seres absolutamente egocentristas. Aqueles que convivem com semelhantes indivíduos conhecem antecipadamente o sabor do inferno.

O egoísmo tem de ser eliminado, pois que, enquanto subsistir, nem a Deus nem ao próximo ele acolhe.

Só depois de se ter feito o vácuo na ampola de vidro, é que ela proporciona o meio próprio para os raios X penetrarem através dos músculos e do cérebro, embora os não vejamos. Enquanto o «eu» e o egoísmo persistirem, a quererem assegurar o nosso bem-estar e prazer à custa alheia, seremos torturados pela infelicidade interior. O «eu» arde nas chamas do inferno e é essa a sensação que os egocentristas já sentem vagamente em vida, no tormento que lhes rói a consciência.

Precisamente porque é difícil expulsar o orgulho, a luxúria, a gluttonaria e a ambição, é que só muito lentamente se consegue neste mundo a conquista da felicidade. NÃO HÁ PLANÍCIES NA VIDA ESPIRITUAL. Não basta dar alguns passos em ladeiras íngremes para alcançar prontamente a terra do contentamento. A paz interior não se consegue de um só golpe: temos que andar passo a passo, até logarmos alcançá-la. Apenas chegaremos, quando muito, a uma breve clareira, pois logo surgem na nossa frente espinhos e silvados, prontos a rasgarem, a dilacerarem a nossa carne, além de que subsiste sempre o perigo de escorregarmos de vez em quando, recuando assim alguns passos.

Deus Nosso Senhor disse: «Toma todos os dias a tua cruz».

A luta pela felicidade é ainda condicionada a uma luta incansável com nós mesmos; não é fácil deitar lado a lado o leão e o cordeiro. O cão de caça tem de lutar para agarrar solidamente a fera que em nós existe.

Seja embora difícil a prossecução da felicidade divina, ela proporciona uma paz e uma alegria que o egocentrista não pode

compreender. Cada provação, cada batalha dá uma nova força que se traduz em abundantes graças celestiais. Quantos mais orifícios se fizerem no balão do egocentrismo, tantas mais aberturas ficarão patentes para dar entrada aos influxos da luz e do amor. Os nossos recursos individuais não devem ser poupados na tarefa de tomarmos às costas, dia a dia, as nossas cruces.

Há quem pergunte a si próprio de onde vêm para alguns a força e a paciência, porque nem sequer suspeitam de que existem almas que as graças do céu alimentam com abundância.

Todos pretendem ser felizes, e a razão por que muitos o não são, consiste em que o procuram ser a seu exclusivo gosto e sem terem de pagar o justo preço.

Por mais paradoxal que isso pareça, a felicidade principia onde acaba o egoísmo.

Capítulo IV

Instabilidade – Um período de deslize

Vivemos numa época da qual podemos dizer que tudo parece correr ao sabor dos ventos. Folhas secas e neve acumulam-se em montículos, conforme as variações dos ventos. É também assim que, em certos momentos da história, os espíritos são impelidos pelos ventos mais opostos de doutrinas e de teorias, faltando-lhes quaisquer apoios pelos quais possam avaliar o que está a acontecer-lhes.

Uns chamam-lhes às vezes Sorte, outros dão-lhes o nome de Destino. Seja, porém, qual for a designação que lhe deem, é, afinal, um abandono às forças exteriores, passividade e falta de resistência às vagas que sacodem o navio a seu sabor.

Encontramos disto na Europa, onde há quem diga:

«Construir uma casa? Para quê? Outra guerra que venha destruí-la-á.»

E também o encontramos na América entre aqueles que recusam examinar a causa das nossas tribulações.

A grande diferença que existe entre uma civilização cristã ou moral e a nossa civilização post-cristã é esta: na primeira, encarava-se o mundo

como um andaime, por meio do qual as almas ascendiam até ao Reino dos Céus. Quando a última alma tivesse chegado lá acima, o andaime seria demolido e queimado no fogo ardente, não por ser insignificante, mas sim porque realizara a sua tarefa de nos conduzir de novo até Deus. Isto significava que havia sempre um conjunto de valores e uma soma de critérios pelos quais as ações do mundo político, social e econômico podiam ser julgadas em qualquer momento. Estas medidas não dependiam do mundo em que nos movíamos, tal como a fita métrica nada tem que ver com o tecido. Todos podiam saber se realmente progrediam ou não, pois que havia sempre um ponto fixo de chegada.

Na nossa civilização contemporânea não há pontos fixos. Estes tornaram-se mutáveis e a essa incessante mutação dá-se o nome de progresso. É como jogar a «bola ao cesto», com este a mudar constantemente de lugar. A mira do jogador será, em determinada ocasião, impelir a bola para dentro do cesto, dali a instantes será acertar no árbitro e, logo a seguir, será atingir um cesto que muda de lugar, à semelhança de um brinquedo mecânico em que um coelho é perseguido por um cão. Ninguém parece estar seguro do objetivo da vida e daí resulta o desânimo de muita gente, pois toda a viagem perde o seu interesse, a não ser que tenha um destino.

A impressão de instabilidade é caracterizada pela fatuidade de se julgar que o mundo existe apenas para si próprio, tal como se a lâmpada eléctrica não tivesse outra explicação senão a de ser lâmpada, como se Edison a não tivesse inventado, ou que a explicação de um poema reside na métrica somente, ou que as cores são suficientes para explicar um quadro.

Este desejo de se sentir arrastado na corrente da Natureza, sem destino, sem objetivo, sem motivo, levou Chesterton a comentar lacônica e sarcasticamente: «Eu só queria ser um molusco do mar, para que não pudesse cair pela escada abaixo».

Uma das incongruências que resultaram de nos deixarmos levar ao sabor da corrente consiste em que não há ponto de referência para se saber onde se está e para onde se caminha.

Quando os homens baseiam os seus critérios unicamente na civilização em cujo meio vivem, nunca sabem nem podem saber se esses critérios são bons ou maus. Em tais circunstâncias não se vê que diferença possa haver entre um peixe que se encontra no mar e um homem prestes a afogar-se nas ondas do oceano: tanto um como o outro vão na corrente e, fora dela, nada existe que explique por que motivo o peixe está no seu elemento e o homem não. Desde que se parta do princípio de que os homens só têm como alicerce de pensamento e ação as areias movediças em que vivem, é claro que ninguém poderá jamais convencê-los a construir as suas casas sobre pedra.

A maneira de nos libertarmos dessa sensação de instabilidade, dessa impressão de que vamos arrastados na corrente, consiste em nos desembaraçarmos das peias do mundo em que vivemos e compreendermos que existe um abismo entre o que fazemos e o que deveríamos fazer; entre os nossos ideais e o nosso procedimento; entre o que realmente «queremos» e o que, afinal, «não queremos».

Se o mundo vai sendo arrastado para mais uma guerra, é porque existe nele muita gente que se deixa levar inertemente nessa corrente, ou porque se deixou embrutecer por qualquer estupefaciente que lhe fez crer que tudo quanto acontece resulta de circunstâncias sobre as quais nenhuma vontade ou esforço humano têm poder.

O critério basilar para se fugir a um aluimento de terras consiste em se partir do princípio de que ninguém se deve deixar apanhar por tal fenômeno. Portanto, para se sair da confusão em que se encontra o mundo, cada homem tem de partir deste princípio: primeiro, de que não foi criado para se deixar levar ao sabor das ondas, mas sim para atingir a própria per-

feição e encontrar nela a felicidade; segundo, que está sempre em fácil risco de perder essa felicidade, tão depressa capitule perante o mal e caia em pecado; terceiro, que, mesmo depois de haver pecado, ainda existe uma porta de salvação, a qual consiste em implorar o perdão de Deus.

Talvez isto não sirva para fazer carreira na política, mas é caminho de santidade.

Capítulo V

Exagera-se a importância dos conflitos de opiniões

Quando uma nação começa a manifestar maior interesse pelos conflitos de opiniões do que pela permanência dos princípios, é porque soou para ela a hora de fazer exame de consciência.

Quando a virtude e o vício, o patriotismo e a traição, a pureza e a podridão descem a uma pista de circo, em torno da qual os espectadores apenas se interessam pelo espetáculo de os verem a esmurrar-se mutuamente, chegou o momento de se deplorar que nada reste já de tão sagrado que valha a pena morrer-se em sua defesa, e nada de tão vil que se deva combater com todo o ardor.

Quais serão os fatores psicológicos e espirituais capazes de provocar em qualquer país semelhante situação? Bastará talvez mencionar dois: o esquecimento dos ideais, dos fins a atingir e dos autênticos valores e, como resultante desta primeira causa, a vacuidade e a solidão das almas.

Esquecimento dos fins:

Se o engenheiro do serviço de abastecimento de águas de uma cidade deixasse de se importar com que as bombas fornecessem água aos cidadãos ou deixassem de a fornecer, não seria para estranhar que chegasse ao cúmulo de não compreender o motivo dos protestos e da indignação que

manifestariam, ao verem secas as torneiras e vazios os lavatórios, O assassino que não admite o princípio basilar de que a vida humana é coisa sagrada, também não consegue perceber por que razão a sociedade é contra ele tão «vingativa». O maquinista de um comboio que entenda ter direito a ser despreocupado acerca do destino da sua composição, tanto se importando levá-lo para Nova Iorque como para São Francisco da Califórnia, não admitirá igualmente que os passageiros indignados sejam «reacionários», a ponto de entenderem que o comboio deve ir para o destino prefixo.

Quando os cidadãos perdem o sentido das proporções e dos valores e deixam de compreender o significado da vida, está claro que não podem entender por que razão o Bem é mais importante do que o Mal e daqui a reduzirem o critério moral ao nível de uma competição desportiva vai menos do que um passo.

Desde que se esquece o fim ou o objetivo da vida, apenas a escolha dos meios terá ainda algum interesse. A força passará então a ser mais importante do que o direito, e é por isso que a nossa capacidade científica de produzir energia atômica é maior do que a nossa capacidade moral para decidir como deve ser usada essa energia.

Se os homens esquecerem que o destino de uma cadeira é o de servir para a gente se sentar, poderão todos viver em paz — e de pé na mesma sala. Se, todavia, além de esquecerem essa utilidade da cadeira, lhe supuseram outra utilidade bem diferente, então a cadeira poderá transformar-se em arma de combate numa desordem: um contendor achará que é instrumento apropriado para escavar a restante mobília, e o seu opositor aproveitá-la-á para amolgar cabeças.

A segunda causa que faz com que os homens se preocupem mais com os conflitos das opiniões do que com a afirmação dos princípios reside na vacuidade angustiosa dos corações. Porque perdeu a compreensão do

seu verdadeiro destino, o mundo interior de cada homem é feito de irritação e desalento. Para se compensarem — se não para se vingarem ou para se equilibrarem na sensação de vácuo, os homens procuram criar no mundo exterior a mesma desordem que lhes vai na alma e assim é que, segundo escreveu Franz Werfel, «cada um procura fugir do seu mundo interior, cujo vazio é mais doloroso que o do mundo exterior, pois que neste há, ao menos, ruído e agitação».

Quando a alma do homem sai da sua predestinada órbita, converte-se num instrumento de destruição. Enquanto procura servir a Deus e amar o próximo, goza íntima paz; quando, porém, a alma se afasta da trajetória que Deus lhe marcou, transforma-se em explosiva fonte de confusão caótica.

Uma casa vazia é triste, porque não tem alguém que a ponha em ordem e lhe dê calor. Assim também, quando a alma está vazia, encontra-se mergulhada na escuridão da tristeza. Criada para o Infinito, nada do que seja finito poderá satisfazê-la completamente. Se apenas o amor a orientasse, em vez de obedecer a caprichos e apetites que para muitos homens também constituem razão de vida, haveria muito mais paz e mais verdadeiro contentamento.

A paz é a tranquilidade e o esplendor da ordem, na definição de Santo Tomás de Aquino, e a ordem implica a subordinação dos sentidos à razão, da razão à fé, do corpo à alma, e de tudo a Deus.

O que caracteriza a decadência é a incapacidade dos homens para compreenderem a posição que Deus lhes destinou na criação e para com essa posição se conformarem; é o fato de se interessarem mais pela música que Nero tocava do que pelo incêndio que entretanto destruía Roma.

As contendas das crianças derivam da falta de amor; as disputas e batalhas dos homens resultam da carência do espírito. E é por isso que os problemas da vida de cada homem e os da história dos homens têm de ser resolvidos pela força, em vez de o serem pela razão.

Na vida familiar, as crianças que brigam merecem repreensão e castigo; menos, porém, do que os pais, quando estes se deixam ficar indiferentes, assistindo ao espetáculo, como se fosse coisa digna de apreço. E se a nossa democracia americana se transforma em arena onde só os políticos conflituosos logrem conquistar atenções e aplausos, é caso para ficarmos de sobreaviso, pois pode bem acontecer que a vítima seja a própria democracia.

Amor

Capítulo VI

Me, Eu, Tu

Sal qual uma semente germina e cresce até ser árvore, assim também o destino da vida intelectual e espiritual do homem é expandir-se até abranger o amor de todos os seus semelhantes. Nesta expansão observam-se três fases.

A primeira fase, que é a da infância, caracteriza-se pelo emprego quase incessante da palavra «me».

Dá-«me». «Não «me» tires». «Tirou-me» a minha boneca».

Repare-se na frequência com que uma criancinha fecha o pequenino punho, símbolo físico do seu incipiente critério de tudo identificar com o seu «me» em miniatura.

Depois, começa a descortinar razões, e aquela infantilidade emocional vai-se diluindo, não completamente, mas até certo ponto. A forma pronominal «me» transforma-se em «eu», a posse material das coisas evolui para sensação de domínio mental ou intelectual, a ideia de posse transforma-se em orgulho. Do orgulho derivam a vanglória, o egoísmo, a agressividade, o ciúme, a vaidade!

«Fui eu que fiz isto», «fui eu que inventei aquilo», «fui eu que ganhei o prêmio no colégio», «sou eu o mais forte da minha classe».

Os «eus» sucedem-se quase ininterruptamente na boca dos rapazes, como acontece a todas as mentalidades intelectualmente pouco desenvolvidas.

Pode esse egocentrismo estar habilidosamente disfarçado, umas vezes sob a máscara de exagero aparentemente propositado, outras vezes sob o manto de excessiva modéstia, e até do próprio ridículo.

«Aprendi toda a gramática em duas semanas». Isto, traduzido, quer, porém, insinuar: «Calculem vocês o que eu saberia de gramática se, em vez de duas semanas apenas, eu tivesse empregado três!»

Às vezes, esse egocentrismo chega ao ponto de magoar os outros pelo seu excesso de pedantaria. Franz Werfel, numa passagem arguta da sua autobiografia, escreve:

«Tenho visto muitas variedades de arrogância, em mim próprio e nos outros. Como, porém, eu dei exemplo dessas mesmas variedades no meu tempo de rapaz, devo confessar, por experiência própria, que não existe arrogância mais irritante, mais insolente, mais cáustica, mais diabólica do que a dos pseudo-ultra-avançados em questões de arte e de literatura, a dos intelectuais do radicalismo, a imparem com a vã pretensão de serem profundos, tenebrosos e sutis, e com o propósito consciente de humilharem os outros.»

A terceira fase, que é a do início da maturidade e do princípio da eliminação do egocentrismo, caracteriza-se pela evolução do «eu» para o «tu», quer dizer pelo alvorecer do sentimento, pelo amor do próximo» Começa-se então a descobrir que o «tu» é alguém de merecimento, alguém em quem se espelha o reflexo da Divindade, alguém que é portador dos direitos inalienáveis e imprescritíveis que são o alicerce de toda a verdadeira democracia, alguém dotado de predicados e de aspirações que fazem dele um filho de Deus.

O «próximo» não é, necessariamente, aquele que habita na casa ao lado. Esse vizinho de paredes meias pode ser um inimigo, sem por isso deixar de morar ali tão perto. Não, o vizinho é a pessoa desconhecida, imprevista e misteriosa com quem podemos cruzar-nos a todo o instante,

com quem podemos topar, quer em termos amigáveis, quer hostis. O vizinho tanto pode ser alguém de quem gostamos, como alguém com quem embirramos, mas, será sempre alguém a quem devemos amar, em obediência ao preceito que nos manda «amar o próximo como a nós mesmos».

Ter-se-á atingido a maturidade espiritual quando tivermos aprendido a amar cada «tu» com quem deparamos, com um amor tão semelhante quanto possível ao que dedicamos a nós próprios, perdoando-lhes quando nos ofenderem, felicitando-os quando procederem bem, desculpando-os da mesma forma com que encontramos desculpas para nós próprios.

Para tudo isto não é preciso, evidentemente, passarmos o tempo a perguntar a nós mesmos, a cada instante, se amamos o nosso próximo. O que importa é que, chegada a ocasião, saibamos proceder consoante no-lo impõe esse amor.

Aprendemos a andar, andando; a nadar, nadando.

Aprendamos, portanto, a amar, amando. Se praticarmos uma boa ação em favor de alguém a quem odiamos, sentiremos no íntimo do coração tal contentamento que até o nosso ódio diminuirá. Se, porém, lhe pregarmos alguma partida traiçoeira, descobriremos que a nossa malquerença aumentou.

Fazer bem aos outros, faz com que os outros nos pareçam bons e dignos de amor. E, se o não forem, suponhamos piamente que o são, e tanto bastará para que assim no-lo pareçam.

Capítulo VII

Triunfo e Derrota

Não é tanto o trabalho, mas sim o desengano que advém de se ter dado importância demasiada às banalidades, o que realmente magoa as almas. Poucos estão prontos a obedecer à ordem que Nosso Senhor deu a Pedro no Mar da Galileia: «Leva a tua barca mais para o largo e lança as redes até ao fundo».

Quando Pedro ouviu esta ordem, respondeu que todas as tentativas para pescar no fundo do lago tinham sido vãs:

«Mestre, trabalhamos toda a noite e nada pescamos, mas à Tua palavra...»

Pode bem haver sucedido que tenhamos procurado ganhar o bastante para sustentar a família, para aprender uma profissão, para obedecer a uma vocação, para obter um emprego, sem que, todavia, qualquer desses esforços parecesse ter tido êxito. A ordem do Senhor é, porém, não desistir. À sua palavra, tornemos a lançar as redes. O dever tem de estar sempre antes do prazer, pois que as distrações são recompensa, e não alternativa ou substituição do trabalho e têm, por conseguinte, de ser merecidas.

Quantas vezes Deus está pronto a ajudar-nos muito mais, principalmente quando reconhecemos que nada conseguimos por nosso próprio esforço apenas. «Mas, à Tua palavra...» É assim o estímulo dos heróis da perseverança. Mercê da confiança na promessa de Nosso Senhor,

tornam-se dignos do auxílio de Aquele cuja onipotência criou do nada os Universos que enxameiam os espaços.

A Arca foi edificada em terra firme e, enquanto estava a ser construída, uma multidão de curiosos reuniu-se em torno, a troçar sarcasticamente do velho Noé de longas barbas. Indiferente às chufas, Noé levantava os olhos ao céu e dizia: «Senhor, foi por Teu mandamento que construí este barco».

Por sua vez, Pedro diria, não por que tivesse alcançado êxito, mas precisamente porque o não havia conseguido:

«Mas, à Tua palavra, tornarei a lançar a rede» quer dizer: sem a bênção de Deus, a rede viria vazia e, com essa bênção, veio carregada de peixe. Aquela noite de trabalho vão transformou-se numa lição de obediente fé. Pode acontecer-nos pior que uma derrota, porque podemos triunfar, orgulhar-nos do nosso êxito e atribuí-lo ao nosso próprio mérito, ou até mesmo ao das redes, desprezando ao mesmo tempo os que nada conseguem pescar, e esquecendo que tudo depende da vontade de Aquele que tudo pode dar e tudo nos pode tirar.

Quando Pedro obedeceu, a sua rede vinha tão cheia que quase rebentava com o peso da pescaria. O triunfo seguiu-se à derrota; não se seguiu à desistência do esforço, mas sim à persistência.

Aqueles que disserem: «Trabalhei toda a noite em vão, e agora quero dormir», ou «não quero continuar a lançar as redes», ou «já estou farto de trabalhar para nada» não têm direito a esperar que Deus queira ajudá-los. Tal é o significado do velho e bem conhecido provérbio: «Ajuda-te, que Deus te ajudará».

Quer isto dizer que devemos trabalhar como se tudo dependesse de nós somente, e confiar em Deus como se tudo dependesse da Sua vontade.

Quantas vezes é o trabalho em que menos confiança temos, aquele que, no fim, nos dá maior alegria!

O milagre da pesca maravilhosa fez com que Pedro caísse de joelhos aos pés de Jesus, dizendo-lhe:

«Afasta-Te de mim, Senhor, porque eu não passo de um pecador!»

Era um grito de desesperado amor, não de desesperado ódio, o grito de alguém que ambicionava o infinito Bem e se reconhecia indigno dele.

A maior parte da humanidade não tem plena consciência das suas deficiências morais, embora conheça mais que perfeitamente as suas deficiências físicas.

Os que vivem afastados de Deus carecem completamente, em verdade, de qualquer padrão pelo qual possam aferir até que distância se afastaram dos preceitos da Lei Moral. O cevado não faz a mínima ideia da limpeza nem do que ela significa. Assim, os homens só principiam a apreciar a própria degradação e a misericórdia de Deus, quando começam a elevar-se acima do ambiente dos miasmas das suas vidas pecaminosas.

A intuição e o talento de um grande médico fazem com que o doente acabe por ter consciência, não só da gravidade da doença de que escapou, como do encanto da saúde recuperada. Ninguém pode, contudo, esperar ser admitido à presença de Deus, sem que primeiro tenha compreendido e cumprido o preceito que a todos os homens se impõe de purificarem primeiro as suas vidas, para que assim se assemelhem o mais possível à Sua imagem.

Naquela exclamação de São Pedro — «mas em vista da Tua palavra...», encontra-se vibrantemente a nota da aceitação da vontade de Deus, e não a da Sua rejeição; Assim como um homem tem mais viva a sensação das suas culpas na presença de uma criança inocente, assim também é principalmente na presença de Deus que ele compreende que realmente nada vale, e pode muito bem suceder que faça essa descoberta após a desilusão de uma grande derrota...

Capítulo VIII

Até no mal pode haver uma parcela de Bem

Quando descobrimos defeitos nos nossos semelhantes, quase sempre deixamos de os estimar. Ora, pode ser essa precisamente a causa de subsistirem neles esses defeitos, porquanto lhes falta alguém que, por meio do amor, os reencaminhe para a perfeição.

Também nos viciosos há muitas qualidades dignas de apreço, pois raro será que neles não sobrevivam restos de decência e de honradez.

O fato de se estar possesso de um grande pecado apenas, é muitas vezes bastante para que naturalmente não se cometam outros pecados, e tanto basta para que nesse grande pecador exista qualquer coisa digno de amor. O pródigo, por exemplo, nunca será avarento ao mesmo tempo; os comunistas, com a sua ambição do poder e da revolução, nem se preocupam muitas vezes com o pecado de carne que, para eles, representa o ínfimo dos prazeres deste mundo. Tal qual certas ervas daninhas destroem outras do mesmo gênero, assim acontece também com muitos pecados: o filho pródigo era, provavelmente, um moço de convívio encantador.

Lê-se no Evangelho que, certo dia, se aproximou de Nosso Senhor um jovem poderoso e rico que Lhe perguntou o que devia fazer para alcançar a Vida Eterna. Respondeu-lhe Jesus que cumprisse os manda-

mentos, ao que o jovem respondeu que assim procedera sempre desde criança. Disse-lhe então Nosso Senhor o que devia fazer para ser perfeito: «Vai, vende o que tens, dá-o aos pobres, e depois procura-Me e segue-Me».

Foi-se embora o jovem cheio de tristeza, porque possuía largos bens de que não queria privar-se. Acrescenta, porém, o Evangelho que «Nosso Senhor o amou», apesar daquela sua patente imperfeição.

Deste episódio evangélico fica apenas na impressão e na memória de quase todos nós a circunstância de não ter querido aquele moço separar-se dos bens terrenos, de não ter tido coragem para ser um herói espiritual. Só Jesus, no entanto, via e sabia que, não obstante não poder e não querer ser herói, aquele rapaz merecia ser amado assim mesmo, naquela sua fraqueza espiritual.

Se abstrairmos dos aspectos desagradáveis do caráter das pessoas, se deixarmos esfumarem-se na nossa atenção esses lados maus em vez de só neles atentarmos, imediatamente começarão a destacar-se e a avultar as boas qualidades dessas pessoas.

É bem sabido que assim acontece quando alguém morre: enquanto era vivo, os seus defeitos pareciam nódoas negras num manto branco; depois de morto, porém, quase que só aparece o fundo branco da alvura das boas qualidades que em vida nem sequer lhe havíamos suspeitado.

Pois Nosso Senhor vê assim os homens enquanto ainda vivos, ao passo que nós só de tal maneira os encaramos depois de mortos e enterrados. Porquê? Porque decerto a Sabedoria Divina, que perscruta o mais íntimo das nossas almas, vê que não há má qualidade que não seja, afinal, a distorção de uma qualidade boa. A falta de sinceridade pode provir do receio de melindrar os outros; a prodigalidade provém talvez dum exagero de generosidade, e a propensão para a luxúria será um desequilíbrio do amor da perfeição. A grosseria representará, possivelmente, uma forma extrema e brutal de leal franqueza, e a

maledicência o lado negro do propósito de criticar com verdade e retidão, e que pretende começar pelos outros, em vez de começar por si próprio.

No caso do jovem de que fala o Evangelho, o fato de ser rico era de somenos importância; o que realmente interessou foi a demonstração que ele deu de que amava as suas riquezas mais que tudo, mais até que a perfeição da vida eterna que pretendia alcançar. E foi o conselho que Nosso Senhor lhe deu, que pôs a nu aquela sua fraqueza.

Há efetivamente muita gente que tem fé em Deus, enquanto tem nos bancos uns depósitos chorudos. Ora, aquele rapaz era dotado de excelentes qualidades: queria alcançar a vida eterna, tinha cumprido desde criança os mandamentos, era tão humilde que declarava a Nosso Senhor, em plena praça pública, em alta voz e, portanto, ouvido pelos circunstantes curiosos, o seu propósito de aperfeiçoar-se moralmente. Faltava-lhe uma coisa apenas: a vontade da renúncia completa e total, o espírito do soldado que apenas pergunta pelas ordens para as cumprir. Por isso lhe disse Nosso Senhor que «só lhe faltava uma coisa».

Ninguém está realmente longe de perfeição e da paz interior. Como escreveu Léon Bloy: «basta dar um passo para se sair do pecado e estarmos salvos».

Um relógio com os diamantes, mas sem molas; um navio com as máquinas, mas sem leme; um avião com motores, mas sem hélices — a todos falta apenas uma coisa.

Multipliquem todos os zeros que quiserem alinhar numa folha de papel, e o resultado será sempre constituído por zeros porque lhes falta uma coisa. Escrevam, porém, 1 ou 2 adiante desses zeros, e eles formarão imediatamente números enormes.

Basta um pecado, ou até uma simples falha habitual, para viciar uma vida inteira. Mesmo, porém, quando falta uma só coisa, se não tivermos amor bastante ao relógio para lhe darmos a mola de que unicamente carece;

se amarmos bastante o navio e, no entanto, lhe negarmos o leme, ambos ficarão inúteis para sempre.

O mesmo sucede com os homens: se não lhes tivermos amor, nunca lhes proporcionaremos a tal coisa única de que carecem para se regenerarem, para serem felizes, para gozarem aquela íntima paz que é prenúncio e promessa da eterna bem-aventurança.

Capítulo IX

Prazer e Amor

Não há coração humano em que não esteja profundamente gravada esta lei: quanto mais nos entregamos aos prazeres, mais diminuimos o prazer.

Gostamos de ver uma luz brilhante, mas, se aumentamos essa luz, podemos chegar ao ponto de cegar. No prazer de comer, depressa atingimos a saciedade; assistir a espetáculos por dever de ofício, torna-se uma tarefa fastidiosa, como sucede aos críticos teatrais. O rapazinho que julga insuficiente para o seu apetite todos os sorvetes e rebuçados¹ que há no mundo, não tarda a verificar, após uma bela indigestão, que ele é que era pequeno para meio quilo de guloseimas.

A Natureza pôs certos limites automáticos aos prazeres e gozos deste mundo e, mesmo que não se excedam esses limites, o prazer que eles nos proporcionam vai diminuindo com o tempo e com o hábito. Vai para alguns anos, lembraram-se dois psicólogos de achar uma lei, de encontrar uma regra matemática de diminuição proporcional dos prazeres. Pretendiam eles demonstrar que, para se obter um aumento de prazer em progressão aritmética - 1, 2, 3, 4, etc. - era preciso aumentar em progressão geométrica - 2, 4, 8, 16, etc. - o estímulo ou a excitação para esse prazer. Jamais, porém, conseguiram reduzir a uma fórmula algébrica as conclusões a que chegaram, pois que era bem de ver que fenômenos da alma e do espírito

¹ Doce caramelado.

não são traduzíveis em números matemáticos, muito embora fosse indiscutivelmente verdadeira a conclusão genérica a que haviam chegado, de que todo o aumento do grau de um prazer requer um aumento incessantemente maior do respectivo estímulo. Uma pílula de narcótico basta na primeira vez para proporcionar uma noite de sono; mas não tardará que, para esse fim, seja preciso ir aumentando a dose mais e mais.

Um filósofo inglês, o Professor E. E. M. Joad, que foi presidente do *Brains Trust* (Comissão de Intelectuais) da Emissora Nacional Britânica B. B. E., escreveu páginas interessantes acerca do prazer que sentia em fumar cigarros. Fumava tantos cigarros por dia, que teve a certa altura a revelação de que não sentia prazer algum em fumar. E compreendeu que era mais, afinal, para não sentir a contrariedade de não ter um cigarro ali à mão, do que para o prazer de o ter, que acendia cigarros uns após outros. O hábito de fumar tornara-se nele tão automático, que as suas reações musculares tendiam unicamente a evitar o aborrecimento de não estar a fumar. Tratou, portanto, de reduzir o número de cigarros, até conseguir fumar apenas quatro por dia, após as quatro refeições. E, quando chegou a esse limite, é que principiou, realmente a saborear o prazer de fumar. Quer dizer, o prazer aumentou na proporção em que lhe diminuiu a frequência.

Se o mesmo aconteceu ou aconteceria com todos os fumadores deste mundo, isso é outra questão. O que é, porém, certo é que o resultado obtido pelo professor Joad confirma o aforismo do velho Hipócrates: «Quanto mais se dá de comer aos corpos doentes, mais doentes eles ficam».

Até certo ponto o prazer é, por conseguinte, função da sua própria limitação. Para quê, porém, evitar excessos, quer de bebidas ou de comidas, quer de fumar ou de relações sexuais?

Com efeito, se se partir do princípio que o «eu» é uma entidade absoluta, nenhuma razão haverá para que limite os seus apetites.

Suponhamos, todavia, que existe alguém a quem amamos mais do

que a nós próprios e que, portanto, queremos renunciar ao objeto do menor amor, para nos consagrarmos ao do maior.

Ora, quanto maior for o amor por esse alguém, menos sentiremos como sacrifício tudo quanto fizermos para conquistar e conservar aquilo a que dedicamos o nosso amor.

Foi assim que Jacob não hesitou em servir de pastor durante sete anos para desposar Raquel, porque a amava.

Quando não existe amor, não há fundamento verdadeiro para exigir dos homens que renunciem ao prazer próprio, ou que lhe ponham, ao menos, um limite, a pretexto de que aumentarão assim a alegria de viver. Como não têm amor senão a si próprios, jamais estarão dispostos a sacrificar voluntariamente o prazer egoísta que possuem. Sempre os sacrifícios nos parecem enormes, quando é pequeno o amor. Onde houver, porém, o amor de Deus e a compreensão profunda de tudo quanto está implícito no sacrifício de Nosso Senhor na Cruz do Calvário, então é fácil abandonar todos os míseros prazeres deste mundo, em troca da infinita paz que o mundo não nos pode dar nem nos pode tirar.

Os corações tornam-se então como navios que haviam encalhado em bancos de lodo, mas que a maré alta do Amor desencalhou das paixões vergonhosas que os prendiam e pôs a flutuar, para retomarem o caminho do porto celestial do eterno abrigo e da imorredoura paz.

Capítulo X

Ciência, apenas, tem seus perigos

Uma civilização que põe no pináculo a instrução mental, corre o perigo de desleixar a educação do caráter. Jamais houve na história do mundo tanta instrução, e nunca houve também tantas guerras, tanta anarquia mental e tanta criminalidade na juventude. Segue-se necessariamente, portanto, tal qual ao dia se segue a noite, que a ciência, só por si, não cria virtude. E, na verdade, dela só, e por ela só, podem decorrer enormes perigos.

Bacon, no seu tratado do «Progresso da Sabedoria», disse com razão que «o saber contém em si qualquer coisa do Veneno da serpente e, assim, quando esse veneno entra no homem, fá-lo inchar».

Esse saber que torna o homem impante² de vaidade é o que resulta da ciência sem amor.

O saber que cada homem, de per si, pode possuir e assimilar na mente, é coisa mínima, em comparação com tudo quanto no mundo espiritual e material constitui o conjunto da ciência. Disse Newton algures que tinha a impressão de estar numa praia e que contemplava o oceano da ciência a estender-se diante dele, a perder de vista. E Darwin, que tão

² Que impa. 2. Cheio ou inchado. 3. Que mostra orgulho ou arrogância.

grande foi nas ciências naturais, disse, por sua vez: «Tudo quanto sabemos deste nosso planeta assemelha-se ao que sabe uma galinha velha acerca do recinto de dez metros quadrados da sua capoeira, num canto da qual, à força de esgaravatar³, conseguiu descobrir duas minhocas».

Por si só, o saber não constitui elo de união dos homens; pelo contrário, opõe uns contra os outros, como sucede, quando um professor se remorde de inveja, ante o saber e renome de outro professor, tal qual uma mulher, devorada de ciúme por causa do casaco de peles de outra mulher. Assim é que os viveiros de sábios, que se chamam universidades, não são, geralmente, centros de boa camaradagem.

Se realmente o saber unisse os homens, então as universidades deveriam servir ao mundo de modelos de fraterno amor. Ora o que o saber consegue é levar muitas vezes os homens a humilhar o seu semelhante, quer pela jactância de maior ciência que a deles, quer pelo desdém de inferior cultura dos outros, perante a vastidão da própria.

Os antigos gregos menosprezaram os outros povos, chamando-lhes bárbaros, principalmente porque eram vaidosos da sua cultura. E Horácio, grande poeta, e homem de muito saber, escreveu aquele famoso verso:

«Odeio a ignorância do vulgo e fujo dele.»

Saber é força e é poder, talvez, porém, tanto para o mal como para o bem, a não ser que, à semelhança de uma caldeira de vapor, tenha uma válvula de segurança e um maquinista competente. Só o amor é capaz de tirar ao saber o senão fatal da presunção.

Como disse São Paulo, o saber enche o homem como se ele fosse um balão, mas só o amor consegue elevá-lo. Ciência sem amor produz vaidade, intolerância e egoísmo. Não quer isto, porém, dizer que seja mais de aconselhar o amor sem a ciência, pois que deste extremo oposto resultam o sentimentalismo, a superstição e a ignorância. O amor torna eficaz e útil o

³ Remexer (a galinha) a terra com os dedos. Ciscar.

saber. Há muito quem conheça, pelo menos, os elementos da lei moral e compreenda até as provas da existência de Deus. Como, todavia, não procede de acordo com esses princípios, nunca progredirá na compreensão e na inteira ciência que eles encerram.

Quando o verdadeiro amor inspira o saber, orienta-o para mais profunda e inteira compreensão. O saber não transpõe o limiar do templo: o amor entra e prostrasse diante do altar.

É sempre indispensável um mínimo de saber, antes que alguém possa amar a outrem, pois que carece necessariamente de o conhecer primeiro. Daí por diante, no entanto, à medida que as relações pessoais se estreitam, é o amor que toma a dianteira e faz progredir a compreensão da pessoa a quem se ama. Por isso, dizem as Escrituras que aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.

Não é a inteligência que abre os mais íntimos tesouros do amor humano: se outrem nos mostra uma curiosidade demasiado intelectual a nosso respeito, nós imaginaremos que apenas quer autopsiar a frio a nossa alma, psicanalisar-nos (como é moda dizer-se agora), tão certo é que a personalidade de qualquer pessoa se melindra com a mera curiosidade mental e faz com que o mais íntimo dessa personalidade se feche, como planta sensitiva ao menor toque estranho.

Ciência sem amor, sem o Amor de Deus, sem o amor da pátria, sem o amor dos pais, é uma força de destruição.

Estamos agora de posse da ciência da energia nuclear dos átomos, e começamos, ao mesmo tempo, a procurar acautelar-nos contra os seus efeitos. Será preciso, porém, mais tempo e, mais ainda, amor, para que aprendamos também a não nos servirmos dessa nova ciência e do poder e força que ela dá, para fazermos ir pelos ares o planeta em que vivemos. Instruídos em ciência sem amor já nós estamos demais, e talvez seja agora conveniente construirmos algumas universidades onde se ensine que o

amor de Deus, e do próximo por amor de Deus, são os melhores companheiros das ciências da Natureza.

Capítulo XI

Libertação sexual

Chega a ser divertido ler artigos de jornais e comunicados de grandes agências de propaganda, em que se afirma que, finalmente, a questão sexual foi libertada. Não mais — diz-se — se fecham à chave num quarto escuro os assuntos sexuais, antes pelo contrário, são debatidos em público, para que todos os conheçam e os estudem.

Deste uso e abuso das palavras «libertação» e «liberdade», até parece que isto de «sexos» era qualquer mistério ignoto, escondido no recanto mais tenebroso da África Equatorial ou da selva amazônica e só agora descoberto pelos audaciosos exploradores dos nossos dias. E dá-se ao caso mais importância e atenção do que ao futuro da humanidade em face do Comunismo e da bomba de hidrogênio.

Ora, se as questões sexuais eram matéria proibida, como se justifica o enorme acréscimo de população da Terra? Como se explica serem dias de festa as cerimônias dos casamentos? O ajuntamento à porta das igrejas terá por único objetivo a contemplação comovida de uma linda noiva?

Não! A discussão dos assuntos sexuais esteve sempre tão longe de ser matéria proibida como a discussão das apendicites. Afirmar o contrário é esquecer a gigantesca produção literária que, só na clássica língua latina, se tem amontoado através dos séculos acerca do sexto mandamento. Os que falam agora da «libertação sexual» esquecem ou ignoram uma distinção

essencial que existe, primeiro, entre coisas que uma pessoa decente deve fazer a sós; segundo, exclusiva e unicamente com outra pessoa; terceiro, as que pode fazer em público.

Há uma tendência de bom senso e de bom gosto no instinto natural dos homens para não falarem das coisas que cada um faz absolutamente só, por exemplo, assoar-se⁴ ou cortar as unhas. Porquê? Porque é um ato puramente individual e não um ato público. Com efeito, uma criança começa a ser «gente» quando principia a sentir-se contrariada se a sua mamã lhe põe um lenço no nariz e lhe diz: «Assoa-te com força».

No instante em que aborrece tornar ato social o que é tão exclusivamente pessoal, a criança sentiu-se, fez-se adulta. Não existem compêndios que tratem de eructações, nem relatórios acerca da maneira de palitar os dentes e outros assuntos do mesmo gênero, porque essas ações, puramente individuais, não constituem tema de conversas. Seria, porventura, contribuir para o triunfo da sacrossanta causa das «libertações» lembrar-se alguém de escrever um tratado acerca da libertação dos gases intestinais?

Como tal assunto não foi, até ao presente, que conste, discutido em público, dever-se-á concluir que se têm mantido escravizados e que estão, portanto, a precisar de um genial «libertador gasoso»?

Além destas e doutras coisas que cada qual deve fazer a sós, outra coisa existe que é praticada unicamente com outra pessoa. Os atos que se praticam diante de gente, tais como comer, beber ou jogar, são sociais por natureza.

O amor, porém, não é por natureza, coisa pública: é pessoal, exclusivo e incomunicável. Ninguém se escandaliza ao ver indivíduos que tomam bebidas e comem bolos à mesa do café, ou saboreiam qualquer

⁴ 1. Limpar o nariz das mucosidades. 2. Limpar-se do muco nasal apertando as narinas e fazendo sair com força o ar pelas fossas nasais.

guloseima sentados na soleira de uma porta. Toda a gente estranhará, porém, que um homem e uma mulher, mesmo que sejam casados, se abracem e beijem com demasiada efusão em plena rua.

Se forem marido e mulher, não haveria algo de moralmente ilícito em tais expansões, mas o que se torna impróprio nessas circunstâncias, não é o fato em si, mas sim o de praticarem esse ato pessoal e confidencial perante o vulgo profano. É o caso de recordar literalmente a etimologia destas duas palavras: torna-se um ato de vulgaridade e de profanação. Pela sua própria e intrínseca natureza, esses atos são incomunicáveis para todos, exceto para a outra e única pessoa que partilha exclusivamente do seu natural segredo.

Dizer-se, portanto, de um marido e de uma esposa que assim procedessem em público, que estavam a «libertar» o casamento, seria desconhecer a distância que separa as questões sexuais nos cães ou nos cevados⁵, do amor dos seres humanos.

Este respeito inato pela santidade do amor explica a timidez e a hesitação com que as esposas recém-casadas se decidem a confessar o segredo de haverem concebido, quando tal revelação é ainda precoce, pois, se gostassem de alardear diante de estranhos esse fato, mostrariam ter perdido o pudor do mistério da vida. É esse também o fundamento do cavalheirismo dos homens para com as mulheres, que não provem da glória de se considerarem mais fortes fisicamente do que elas, mas sim do temor e deslumbramento que sentem, mais ou menos conscientemente, perante esse mesmo mistério.

Não se acoime de acanhado, afetado ou hipócrita aquele que não gosta de conversar em público desses assuntos íntimos, guardando ciosamente consigo a exclusividade do segredo do seu amor.

Desses, dirá talvez o mundo de hoje que não estão «libertados» da

⁵ Cevado: porco gordo.

intimidade sacrossanta do amor; mas, em compensação, o mesmo mundo poderá afirmar que estão «libertados» os macacos, visto que não guardam essa intimidade.

É que os irracionais não são pessoas: neles existe apenas o instinto e o reflexo de uma função glandular, ao passo que, nos homens, existe o segredo de um coração. Uma coudelaria⁶ não é a mesma coisa que um lar. Neste caminho de «libertações», pode muito bem acontecer que chegue algum dia em que apareça gente a dizer que a bandeira de uma nação é um mero pedaço de fazenda sem nobreza, e não um símbolo da pátria.

Escrever-se-ão artigos a respeito da «libertação» das bandeiras nacionais, por força da qual elas deixarão de tremular no alto dos mastros, para passarem a ser calcadas aos pés, a fim de cada um se mostrar dessa maneira «libertado» do culto desse «farrapo».

Se esse dia chegasse e lhe dessem o nome de «libertação», seria porque os homens teriam deixado corromper as suas almas.

Oxalá não aconteça primeiro ao amor essa tragédia...

⁶ Estabelecimento em que se trata do aperfeiçoamento das raças cavalares.

Costumes e ambientes

Capítulo XII

Costumes

Escreveu Confúcio: «A natureza dos homens é a mesma em todos; apenas os costumes os distinguem». Os Espanhóis têm um provérbio que traduz e reforça até esse conceito: «Os costumes são ao princípio teias de aranha e com a continuação volvem-se em cordas».

Os costumes são característica específica dos homens e merecem, por isso, mais atenção do que geralmente se lhes dá.

Com efeito, os animais não criam hábitos no estrito sentido da palavra, porque o seu aperfeiçoamento psíquico (chamemos-lhe assim para simplificar) não vai além de limites biológicos prefixos e definidos.

Um cão pode, realmente, ir buscar um jornal ou os sapatos do dono, mas fá-lo pelo fato de ter sido treinado a proceder assim. Entregue ao seu próprio instinto, o cão rasgaria o jornal em pedaços e ladraria ao rapaz que o veio entregar.

Como temos a faculdade de criar hábitos em diferentes direções, segue-se que esses costumes tanto podem ser bons como maus, conforme a intenção que os dita e o objetivo que têm em vista.

Assim, no manejar de uma faca pode atingir-se a perfeição que servirá a um cirurgião para abrir um tumor ao seu operado, e a um facínora para cortar o pescoço ao seu adversário.

Os costumes podem, portanto, indistintamente auxiliar os homens a

atingir o seu fim eterno que é Deus, ou impedi-los de alcançar esse fim, forjando-lhes uma cadeia de hábitos viciosos, difícil de quebrar.

A vantagem principal dos hábitos consiste em nos poupar boa dose de atenção, diligência e memória.

Guiar um automóvel seria constantemente tão irritante para os nervos como o foi o período de aprendizagem ou o dia da prestação de provas de aptidão para obter a carta de condutor, se o costume não tornasse automáticos os reflexos e movimentos necessários. Mercê dos hábitos, muito do que existe de bom em cada um de nós conserva-se e revigora-se.

É, porém, frequente empregar-se a palavra «hábito» a propósito do que é mau, e o vocábulo «costume» a propósito do que é bom. Diz-se vulgarmente, por exemplo, o «hábito de beber», o «hábito de praguejar», e reserva-se vulgarmente a palavra costume para as boas ações, como sejam «o costume de rezar», o «costume de dar esmolas». Ora, a verdade é que os dois termos são sinônimos, e quando o costume ou hábito é de boas ações, chama-se «virtude».

E é assim que, por força do hábito, a virtude se torna tão espontânea e fácil para umas pessoas como o vício para outras.

Como escreveu Walpole, «se os jovens avaliassem quão depressa se transformarão em pensantes e caminantes feixes de hábitos, seriam mais cautelosos acerca do seu procedimento, enquanto durante essa mocidade, os seus caracteres conservam a plasticidade que lhes permite amoldarem-se mais facilmente ao dever. Nessas idades, cada pequenina ação virtuosa, cada minúsculo arranhão de vício deixa para sempre uma leve mas inapagável cicatriz. O beerrão do Rip Van Winkle, do conto de Jefferson, desculpa-se a si próprio cada vez que se embriaga, dizendo que aquela vez não valeu, e que dali por diante se emendará.

Pode ser também que uma Providência misericordiosa consinta em não lhe contar «aquela vez», mas isso não obstará a que se lhe vá

arreigando o mau hábito com mais aquela recaída que ele julga que não conta.

Contam-lha as células nervosas e as fibras do estômago, registrando-a em minúsculo mas inapagável reforço de um hábito, arquivando-a, armazenando-a, para aumentar na próxima vez o peso da tentação. Em estrita e literal verdade científica, nada do que fazemos, uma só vez que seja, é jamais apagado da lousa onde se vão inscrevendo, a um e um, os passos da nossa vida. Tal como por efeito de muitos copos separados certos homens se tornam ébrios permanentes e incorrigíveis, assim também outros homens se fazem santos, por efeito de muitas ações boas sucessivas.

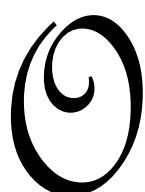
Compreendam, porém, os pais e os mestres que os costumes que contribuem para tornar competente um homem, não fazem necessariamente dele, ao mesmo tempo, um homem-bom. Hábitos artísticos podem fazer de um homem um violinista exímio, mas não bastam para fazer dele um homem de bem.

A educação atual tende a criar hábitos intelectuais de saber, de ciência, com esquecimento de hábitos morais de caráter e de virtude. As raízes profundas e secretas da ansiedade, do temor, da excitação que devora a alma dos homens de hoje, não se encontram em reflexos da gestação, como Freud pretendia: encontram-se escondidas em reflexos de procedimento, tornados hábitos que acabam a pouco e pouco por escravizar aquelas das suas vítimas que por eles se deixaram dominar.

Quem na mocidade não criou bons hábitos que geram virtudes, será na velhice uma vítima de desequilíbrios mentais e morais. Aquele que, ao contrário, soube costumar-se a ser virtuoso, não só receberá de Deus a força para resistir à má fortuna, como até o bom senso para se não deixar deslumbrar pela boa fortuna.

Capítulo XIII

Os férias são indispensáveis

 O descanso parece nunca estar onde nós estamos, mas sim algures. E quando lá chegamos, dir-se-ia que foi para outro lado.

O antigo candidato à presidência dos Estados Unidos, Alfred Smith, o primeiro católico que se propôs a esse alto cargo, disse que «os melhores dias de férias eram o da partida e o do regresso».

O repouso é um imperativo da criação. Até o globo terrestre, que gira perpetuamente sobre o seu eixo e em torno do Sol, passa quotidianamente pelo labor dos dias e pela tranquilidade das noites e percorre as suas estações de atividade germinadora e de descanso hibernar. Não há lavrador que não saiba que o solo é mais produtivo quando se lhe proporciona uma rotação de sementeiras, ou, melhor ainda, quando se deixa em pousio de vez em quando. Todos quantos trabalham têm instintivamente gravada no espírito a lei do descanso, já que, após a labuta do dia, vem a noite em que todos vão dormir. O que a natureza impõe na sua lei imutável, cabe ao homem cumprir pelo raciocínio do bom senso, senão por força de imperiosa necessidade.

Quando criou o Universo, Deus trabalhou seis dias e descansou ao sétimo, dando assim aos homens a lição e o modelo da vida. As inúmeras flores que saíram da Sua mão onipotente com a faculdade de cerrarem as pétalas ao cair da noite, e as aves que escondem as cabeças sob as asas para

dormir, são outros tantos exemplos poéticos que Deus proporcionou aos homens para lhes mostrar que também eles devem descansar.

A ciência confirma este ditame da Natureza, que Nosso Senhor deu também aos seus Apóstolos quando, após muitos dias de caminhadas e trabalhos, os chamou e lhes disse: «Vinde aqui aparte, e descansai um pouco».

Existem no cérebro certas regiões, nas quais se localizam funções determinadas, tais como a de ver, ouvir, etc. Quando qualquer dessas regiões cerebrais funciona sem interrupção durante muito tempo com exclusão de outras funções, sente-se depressão mental, fadiga física e psíquica, e o mesmo sucede quando se utilizam apenas certos músculos do corpo: a insatisfeita necessidade de os empregar a todos proporcionadamente, traduz-se em esgotamento físico e tensão nervosa.

Isto é verdade até no próprio campo da cultura intelectual: o desenvolvimento mental num sentido único somente, com exclusão de uma cultura geral, tende a produzir estreiteza e distorção do espírito, que pode ir até à intolerância.

Nada há que mais entorpeça o cérebro dos homens do que fazer contas longamente. Se essa ocupação monótona e fastidiosa não é, ao menos, compensada por qualquer outro interesse mais espiritual implícito nos números, o espírito acaba por perder a capacidade, não só do pensamento abstrato, como até da visão otimista da vida.

Darwin confessou, já no ocaso da sua existência, que lamentava ter perdido completamente o interesse pela poesia e pela música, em consequência de se haver concentrado no estudo das plantas e dos animais.

As ciências inferiores, que traíam unicamente de coisas materiais, castigam com frequência os seus especialistas com um exclusivismo tal, que chega quase a ser cegueira mental para tudo o mais.

Se o cérebro não se desenvolve e a mente não se consagra a outros

interesses alheios a uma só especialidade e, nomeadamente, a uma especialidade de ciência experimental, pode-se ser induzido erroneamente a acreditar que nada mais existe neste mundo além daquela especialidade e daquilo que se pode ver e palpar.

A necessidade do descanso é quase uma imposição psicológica para os que desempenham trabalhos materiais, tais como ceifar searas, cavar trincheiras, estender fios telefônicos, assentar carris de ferro. Aqueles que se dedicam a trabalhos mentais, deixam-se prender mais facilmente no torvelinho das suas ocupações, convencidos de que os seus deveres e tarefas são de tal importância, que não podem deixar de lhes consagrar um só dia que seja. Este aspecto constitui atualmente o grande erro dos magnatas americanos da finança, da indústria e do comércio, que acumulam afazeres sobre afazeres, a ponto de acabarem por desistir do descanso. É como se tivessem rodopiado por gosto no meio de um amontoado de cordéis que os envolvem, os prendem, os manietam, sem que possam nunca mais desfazer tão confusa e inextricável meada. A fadiga e desgaste provocados pelo trabalho mental em escritórios de bancos, casas comerciais e empresas industriais, são provavelmente mais nocivos à saúde física e psíquica, do que qualquer tarefa material, por mais pesada que esta possa ser. E, todavia, essa gente, esmagada de preocupações e de projetos, fala, pensa e põe em prática tantos negócios tão ininterruptamente, que a única distração que a si própria concede será, quando muito, contemplar durante cinco minutos um átrio cheio de clientes, ou ouvir a música de uma broca elétrica a perfurar o solo para os alicerces de mais outro banco ou de uma nova fábrica. E, mesmo durante esses cinco minutos, é duvidoso que estejam a descansar, pois é mais provável que estejam a revolver no espírito as suas preocupações, visto que, mentalmente, vivem sempre no mundo dos negócios.

Foi para esses que Henry Ward Beecher escreveu que era capaz de

fazer o trabalho de um ano em onze meses, mas jamais em doze, porque precisava do duodécimo para descansar e se refazer, a fim de poder recomeçar. Sabia - dizia ele - que um arco sempre distendido, a lançar flechas ininterruptamente, depressa acaba por perder a força, ou por se quebrar.

Capítulo XIV

Arquitetura e Urbanidade

A moderna arquitetura não tem ornatos; a vida moderna não tem urbanidade.

Haverá entre as duas coisas qualquer relação?

Será que, ao começarem a surgir os edifícios sem ornamentação, começam as relações entre os homens a perder o hábito das boas maneiras?

Ora vamos ver.

Na arquitetura reflete-se uma filosofia da vida. A base filosófica do mundo contemporâneo é o materialismo, isto é, a negação do espírito. Se, porém, outro mundo não existe senão o que pode ser visto, palpado e cientificamente analisado, então é claro que jamais poderá haver ornamentação arquitetônica, pois que ornamentação é um símbolo de comunicação com o imaterial através da matéria.

Ornamentação implica ou supõe, portanto, a existência de outro mundo para além deste que nos rodeia. Os edifícios de moderna arquitetura que se erguem nos Estados Unidos e por esse mundo fora, assemelham-se a gaiolas de vidro e a caixas de sapatos gigantescas, erguidas sobre estacas. São prédios exclusivamente funcionais e utilitários, pois que a única função e a utilidade exclusiva de uma civilização materialista consiste no negócio ou permuta das coisas deste mundo.

Quando a civilização se inspirava numa filosofia mais risonha,

quando as coisas visíveis eram apreciadas como expressões extrínsecas das coisas invisíveis, a arquitetura enobrecia-se com inúmeros ornatos: o pelicano alimentando os filhos com o sangue das próprias veias simbolizava o sacrifício de Jesus Cristo; o leão insuflando vida com o hálito nos filhotes mortos, representava a Ressurreição; a raposa, espreitando à porta da sua toca, servia de aviso premonitório das armadilhas de Satanás. Quando da sua entrada triunfal em Jerusalém, Nosso Senhor disse que, se os homens fossem constantes na sua fé em Deus, até as próprias pedras proclamariam o Seu triunfo — o que veio realmente a acontecer nos templos ogivais, nas catedrais de estilo gótico!

Agora, as pedras já não falam, porque os homens de hoje já não acreditam na existência de outro mundo, não esperam para eles próprios outro destino que não seja o mesmo das inertes pedras.

Perdida a fé no espiritual, a arquitetura deixa de ter que exprimir ou simbolizar.

Anàlogamente, quando os homens perdem a crença de serem todos dotados de uma alma imortal e de ser cada homem, por conseguinte, de maior valia que todo o Universo inanimado, dá-se, naturalmente, o declínio do respeito mútuo. Se os homens não têm alma, então não passam de coisas, e as coisas servem apenas para serem usadas e não para serem respeitadas.

Se é mera coisa, o homem torna-se apenas um «material», semelhante exatamente a uma casa, a um guindaste ou a uma roda. A urbanidade, a cortesia, a amenidade e a gentileza que um ser dotado de alma deve ter para com outro ser igual, deixam de ter razão de existir, pois que a tinham quando cada qual via em si próprio e nos seus semelhantes um ser criado por Deus, à Sua própria imagem. A suprema dignidade da pessoa humana, que é o fundamento da democracia, é também o alicerce da cortesia. Se, porém, os homens não passam de utensílios, é evidente que as

relações entre eles dispensam urbanidade, exatamente como um edifício de moderna arquitetura não carece de ornatos.

O que as ornamentações são para um prédio, é para a vida a cortesia: sinal e símbolo de que neste mundo não existe somente o que se vê e de que no íntimo de cada ato das relações humanas está a trama imperceptível do amor do próximo, que é, afinal, reflexo do amor de Deus. Pronunciar com afeto e com respeito o nome de um amigo, é tal qual uma pedra de catedral a proclamar a glória do Senhor.

Amabilidade e gentileza só vivem e florescem quando existe o sentido de que a pessoa humana é sagrada. É deste princípio que deve derivar o verdadeiro conceito da fraternidade, pois que deve relembrar que somos todos irmãos na Criação de Deus, todos do mesmo sangue, prometidos todos aos mesmos frutos da Redenção, porque de todos é Deus o Pai Comum.

A urbanidade não deve ser condescendência de um superior para com um inferior, nem deve traduzir intervenção que faça lembrar uma tutela nos assuntos alheios. Deve ser homenagem de um coração ao sagrado merecimento de outro coração. Deve manifestar-se em agrado e boa disposição nas conversas, no tom de voz, na moderação do gesto, na graciosa expressão do olhar, em pequeninos nada que refletem a latente crença de que estamos a falar com alguém dotado de uma alma imortal, prometido por Deus à eterna bem-aventurança — alguém por quem Cristo morreu.

Aguardemos, portanto, um pouco e saibamos esperar que regresse a cortesia das maneiras, quando voltarem os ornatos à arquitetura.

Capítulo XV

Regeneração espiritual e social

Nos Estados Unidos, cerca de 50 por cento dos leitos dos hospitais são ocupados por doentes mentais. Um psiquiatra distinto proclamou que psicopatas e neuróticos são o produto espúrio da nossa civilização moderna. Todos os que de entre nós não são jovens, recordam-se do tempo ainda não distante em que eram raros os médicos psiquiatras. Hoje em dia são numerosos e ninguém contestará que todos são úteis e precisos.

Quererá isto dizer que a estabilidade mental dos homens é hoje inferior à dos homens de algumas décadas atrás e de há alguns séculos?

Desde que a perda do sentido divino da vida origina necessariamente a impressão da sua inutilidade, é incontestavelmente verdade que a falta de um objetivo espiritual e absoluto, de um fim supremo e eterno para a vida, aumentou a inquietação e o desequilíbrio dos espíritos. Outra diferença, porém, existe entre os tempos de hoje e os de há algumas dezenas de anos apenas, que não tem sido convenientemente assinalada e que vem a ser a da relação entre o meio em que vivemos e a nossa própria estabilidade individual.

Nos velhos tempos que já lá vão, as pessoas propensas a qualquer forma de instabilidade mental encontravam-se num ambiente que lhes favorecia consideravelmente a possibilidade de se curarem. Seja exemplo disso o caso tradicional do «tolinho da aldeia»: era respeitado no seio da

pequena comunidade onde vivia, admitiam-lhe benevolmente as excentricidades, desculpavam-lhe com espírito de caridade a aparente estupidez, e toda a gente da povoação o acolhia com paciência e com bons modos. O «ambiente» contribuía para a «estabilização» desse pobre anormal.

Assim como o ar puro das alturas é favorável à cura, ou, pelo menos, à estabilização da tuberculose pulmonar, assim também um «meio» estável evita que se tornem psicopatas confirmados os que apenas sofrem de certa debilidade mental.

Ora, atualmente, esse «meio» favorável desapareceu. A própria ordem social é por si mesma instável; não há objetivos comuns de vida compreendidos e aceites espontaneamente por toda a gente, e até o patriotismo de muitos homens se perdeu com a sua total adesão ao Comunismo, cujo desejado advento significaria para tantos desvairados a desapareição final do que ainda resta de moralidade e decência neste mundo.

O Comunismo, porque sabe que só pode fazer progressos onde houver inquietação, conflito ou luta aberta, procura aumentar as discórdias sociais, para que delas saia anarquia e caos que, por seu turno, gerarão a necessidade de uma férrea ditadura bolchevista.

Destas circunstâncias dos nossos dias resulta que as pessoas propensas ao desequilíbrio mental, ou com tendência para uma conduta antissocial, não encontram defesa e auxílio no ambiente que as rodeia: como vivem numa época cujos princípios e ações estão em conflito com as leis da Natureza e com a lei de Deus, têm o seu próprio conflito íntimo exacerbado, em vez de pacificado. Ofegantes por via da sufocação mental que os atormenta, ansiosos pelo ar puro da razão, estão, porém, condenados a respirar uma atmosfera perniciosa, pois que o mundo exterior é tanto ou mais anormal que os seus espíritos doentes. Em vez de haurirem forças do meio ambiente, só dele recebem miasmas deletérios.

Nos tempos antigos, as grandes coisas serviam de escudo às menores.

Assim, por exemplo, quantas pessoas não sacrificavam a vida à santidade do matrimônio! Esposas dedicadas viviam até à morte com maridos brutais e alcoólatras, tratando-os com paciência carinhosa, como fariam se eles fossem tuberculosos ou paralíticos.

E assim se mantinha e preservava a família.

Hoje em dia, a instituição da família é que é a sacrificada, para que os indivíduos possam satisfazer os seus caprichos pessoais. O ambiente social moderno é tão instável, que constitui desculpa aceite por muita gente para o mau procedimento.

Um criminoso jovem, um delinquente infantil — como sói dizer-se agora, em frase já de tendenciosa desculpa — encontra justificação no fato de não ter onde brincar perto de casa, ou no de um pseudo-complexo de inferioridade perante outros rapazes mais ricos do que ele.

Dantes, o ambiente era bom, estava do lado do bem, amparava os fracos, acarinhava os que eram pobres.

Hoje, o ambiente está do lado do mal, é um obstáculo a remover, uma dificuldade mais que é mister vencer.

Dantes, as crianças estavam presas à família, ligadas à vizinhança, enquadradas naturalmente num meio social, assim como o trigo está preso à terra até espigar.

Hoje, graças ao equilíbrio instável das famílias e ao desabamento dos meios sociais, a mocidade está isolada, entregue a si própria, desenraizada da tradição e, o que é pior, a sociedade tende a atribuir-lhe um valor e uma importância que na sua imaturidade não tem ainda, tal qual espiga arrancada ainda verde da haste da planta.

Tudo isto põe em equação o problema basilar que a nova geração tem de resolver depressa, e que vem a ser que a educação está em primeiro

lugar, e só em segundo a cultura.

É preciso primeiro preparar um terreno bom, pois que só dele se podem esperar boas sementeiras e melhores colheitas.

Só com almas sãs será possível fazer uma sociedade, e só pela regeneração espiritual se alcançará o aperfeiçoamento social.

Capítulo XVI

Para que nos serve a energia vital?

A energia física, tal como a de uma máquina de vapor ou de um dínamo elétrico, é susceptível de fácil medição. O mesmo já não sucede, porém, à energia psíquica ou força vital, ao que se chama vulgarmente «ter vida». É, com efeito, coisa sabida que essa energia vital não atinge em toda a gente o mesmo nível.

Nosso Senhor, na parábola daquelas moedas romanas que se chamavam «talentos», atribuiu a um homem dez talentos, a outro, cinco, e um apenas a um terceiro.

Assim também a Divina Providência deu a cada homem certa medida de prediados mentais de que cada um deverá prestar contas no Juízo Final. Aquele que recebeu dez talentos terá que restituir igual ou maior quantia; ao que apenas teve cinco, serão exigidos outros cinco, e aquele a quem coube um talento só, não terá que restituir mais do que uma quinta parte da dívida do segundo, ou o correspondente à décima parte da do primeiro.

Não obstante essas proporcionais diferenças, há uma identidade fundamental nas duas leis psicológicas que parecem aplicar-se a todas as espécies de energia mental. Uma dessas leis refere-se à quantidade da bon-

dade e da maldade do caráter. À medida do bem que praticamos com os talentos e energia espiritual com que fomos dotados, é o mal que teríamos podido praticar, se tivéssemos aplicado em sentido oposto esses mesmos talentos ou energia. Um indivíduo que é capaz de andar dez léguas no caminho da virtude seria também capaz de percorrer igual distância no caminho do vício. E, reciprocamente, quem for capaz de fazer tal caminhada na senda do pecado, poderia fazê-lo igualmente no trilho da santidade, se para o bem e não para o mal se tivesse virado.

Por outras palavras: cada alma recebe em partilha certa dose de energia: os que a empregam em tornar-se ótimos, poderiam utilizá-la em fazer-se péssimos, e os que se servem dela para volver-se em demônios, poderiam aproveitá-la para serem grandes santos.

Se São Francisco de Assis, com os excelsos dons que recebeu, tivesse posto a mira na crueldade, poderia ter sido pior que Stalin. E, pelo contrário, se Lênin tivesse lido o Evangelho de São Marcos em vez de o «evangelho» de Marx, poderia ter sido tão grande santo como o Poverello.

A segunda das leis a que aludi diz respeito aos maus hábitos. Não se pode gozar prazer algum sem certo dispêndio de energia emocional.

Quando experimentados pela vez primeira, certos prazeres podem até ser exaustivos, como se toda a energia existente num indivíduo ficasse esgotada com a libação desse prazer. A pouco e pouco, todavia, o prazer emocional de qualquer ato principia a diminuir.

Nenhum alcoólico aprecia o milionésimo copo de aguardente da sua carreira como apreciou o primeiro que bebeu, quando ainda não estava saturado do seu vício.

Do que precede, surge, porém, agora esta pergunta: Que acontece à energia, se do seu emprego não resulta a obtenção de algum prazer?

Acontece que é empregada na construção de um hábito. Se é apropriado traduzir em termos de quantidades materiais o que é da esfera

do espírito, poderemos dizer que das dez unidades de energia, que a princípio eram empregadas no prazer, apenas cinco servem agora para esse fim, ao passo que as outras cinco se desviam para fabricar o hábito. Algum tempo depois, talvez que uma unidade apenas gere prazer, e outras nove vão reforçar o hábito.

Quando, por fim, as dez unidades vão inteirinhas para o hábito, teremos chegado ao que se chama inveteração, hábito inveterado, como sucede aos alcoólicos e aos morfinômanos⁷. O prazer vai-se tornando cada vez menor, na proporção em que a necessidade do vício se vai fazendo cada vez maior. E acaba por se chegar a um ponto em que o viciado bebe ou se injeta da droga, não para sentir o prazer, mas só para fugir à tortura de não beber ou de se não «picar». A busca incessante do prazer acabou por matar a faculdade de se poder sentir esse prazer.

Assim como um homem que gasta na compra de um selo raro todo o dinheiro que possui, fica sem nenhum para comprar pão para os seus filhos, assim também aquele que despender toda a sua energia psíquica em forjar a grilheta de um hábito, ficará sem nenhuma para o gozo de um prazer. E se algum prazer lhe restar ainda, será apenas o do amargo ressaibo da escravidão.

Não estará, porém, perdida toda a esperança.

Um alcoólico ou escravo de qualquer outro vício não dispõe já da imensa parcela de energia própria com que possa combater a sua inveterada propensão, mas não é somente a sua energia a que existe neste mundo. Assim como um homem devorado de dívidas, por culpa da sua própria extravagância, pode pagá-las e refazer a sua vida mercê da bondade de um amigo, assim também aquele que dissipou toda a sua força psíquica pode implorar a misericórdia do Todo-Poderoso. E é por isso que neste mundo não há casos desesperados.

⁷ Viciados em morfina.

Ontade

Capítulo XVII

Bondade Interior

Se a bondade exterior não é o reflexo da bondade interior, é apenas exibição de hipocrisia.

O que o leme é para o barco, o que a mola é para o relógio, assim é o coração para as ações. É a oficina onde se fabricam os bons e maus atos, a bigorna na qual se forja o procedimento, é o projeto do edifício de cada vida. Assim como o ritmo da pulsação traduz saúde ou revela doença, assim cada homem será na sua vida aquilo que já é nos seus pensamentos e desejos.

Nada revela maior inconsciência do que essa necessidade tão corrente, segundo a qual «não importa o que pensa cada um, o que vale é a maneira como ele procede». Pelo contrário: como todos procedemos consoante aquilo em que acreditamos, é das nossas ideias que as nossas ações recebem impulso e se o nosso pensamento for errado, serão más as ações que praticarmos.

Seria assisado⁸ dizer-se que não faria diferença ao diretor de um jornal, se todos e cada um dos seus leitores fossem de parecer que ele devia ser fuzilado? Pensassem realmente assim todos os leitores, e veriam que ele não tardaria a ser abatido a tiro.

Existem não poucos homens cuja perversão resulta de traduzirem à letra em atos os próprios pensamentos, e é para esses que se fizeram os

⁸ Que tem sisó; sensato, prudente.

hospitais de alienados. Um cavalo manhoso não se torna obediente e manso só pelo fato de lhe prenderem as patas traseiras para que não dê coices.

Bem disse Nosso Senhor que, mesmo quando os nossos maus pensamentos não chegavam a traduzirem-se em atos, nem por isso esses pensamentos deixariam de ser contados como culpas: «Se algum homem olhar para uma mulher com intuito de pecado, já cometeu adultério com ela no seu coração». Se é pecado fazer determinada coisa, é pecado pensar em tal. Se é crime encher colchões com lâminas de barbear, também é crime pensar em fazer semelhante coisa. Sejam honestos os pensamentos, e serão boas as ações.

O meio em que vivemos pode influir nas nossas vidas, mas de forma alguma as determina. Adão vivia em bom ambiente, mas cometeu um ato de rebelião. Judas vivia no melhor ambiente possível, a par de Nosso Senhor, e, todavia, traiçou-O.

Com razão, pois, disse o Nosso Divino Salvador: «nada que venha de fora e entra num homem o pode macular, mas as coisas que dele saem são as que o maculam».

O meio ambiente, as condições econômicas e os exemplos que cada qual recebeu em criança, são circunstâncias que contribuem para orientar a vida dos homens, mas só a orientam na medida em que esse homem tal permitir. A moderna vida dos povos civilizados seria bem mais sadia se a política e a instrução ensinassem lições iguais. A política prega a liberdade: liberdade de imprensa, liberdade de voto, liberdade de escolha de profissão e muitas outras.

Por seu lado, porém, a instrução ensina que os homens não são responsáveis, que as suas glândulas endocrínicas, ou as circunstâncias do seu ambiente, ou as suas condições econômicas o fazem ser o que ele é, o que o ilibda da responsabilidade dos seus atos.

Dizer, porém, que o homem não é responsável, equivale a afirmar

que ele não é livre. Ora, se aqueles conceitos políticos são verdadeiros, são, portanto, falsas aquelas teorias científicas.

Se, no entanto, somos livres, somos senhores da nossa vontade, e, se somos senhores do nosso livre arbítrio, segue-se que os nossos atos resultam de volições interiores e, se provêm da nossa íntima vontade, então, «bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus».

Capítulo XVIII

o desejo de ser bom

Apenas uma razão existe para o fato de não sermos melhores, a qual consiste em não querermos sê-lo. Pretendemos ser melhores, mas pretender é somente desejar. Querer é decisão completada por ação.

Quantos não fazem, a propósito do aperfeiçoamento moral, as mesmas reservas que mantêm acerca do regime alimentar: «Começarei amanhã». Foi assim que Santo Agostinho confessou: «Desejo ser casto, meu Deus, mas daqui por algum tempo».

É que somente nas coisas do espírito é imensamente tênue a linha divisória entre o pró e o contra. Já não é assim nas coisas materiais: há um abismo entre pobreza e abastança, abismo que a poucos é dado transpor, e apenas por efeito de circunstâncias extrínsecas e de boa sorte.

A linha divisória entre a ignorância e o saber é também nítida e larga, pois que nem a melhor das intenções pode suprir o vagar e a inteligência que são condições indispensáveis e que não dependem da vontade de cada qual.

Entre a virtude e o pecado, porém, assim como entre a vulgar correção e a santidade, a linha divisória é de todas a mais tênue, porque o preciso para a transpor é apenas um ato eficaz da nossa vontade, auxiliada pela graça de Deus.

Foi o que Leon Bloy traduziu quando disse: «Um passo em frente e

estaremos salvos».

A nossa vontade esconde-se atrás de inúmeras desculpas, que são semiconscientes porque fugimos a encará-las de frente. Quanto mais nos repugna examinar essas desculpas, mais certo é que se torna indispensável anulá-las.

Somos semelhantes a barcos de velas enfunadas de boas intenções, sem que, todavia, consigamos singrar porque estamos ancorados em fundos de lodo. A chave de todo o progresso espiritual encontra-se no Credo: «Desceu aos infernos e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos». Cada indivíduo tem que descer ao seu subconsciente, até às suas reservas e desculpas, até aos hábitos adquiridos da sua vida, que não vemos porque olhamos através deles, tão certo é que cada mente olha para fora de si própria através de janelas. É assim que olhamos para as realidades, assim as vemos, esquecendo-nos, porém, de que são coloridos os vidros dessas janelas e que, por conseguinte, as realidades nos aparecem vestidas de falsas cores, quando não até desfiguradas.

Preconceitos, hábitos pecaminosos, avareza, inveja, tudo empresta colorido diferente aos grandes objetivos da vida. Se não temos Deus como Supremo Amor da nossa vida, teremos o que os psicólogos denominam um «eu-ideal», pelo qual aferiremos tudo quanto vemos e ouvimos.

Aquele para quem o fenómeno da vida consiste em titilações das extremidades dos nervos do corpo, será totalmente incapaz de compreender as alegrias do espírito. Segundo esse critério, tudo quanto lisonjeia o «eu-ideal» parecer-nos-á suave e agradável; mas tudo quanto disser respeito a Deus, afigurar-se-á loucura e sofrimento. O covarde que teme o sacrifício dos seus mais baixos instintos tenta disfarçar com o ódio a sua falta de amor, tal qual o Ricardo III da tragédia de Shakespeare, que escondia a sua fraqueza sob a violência. Assim como às vezes o que sonhamos traduz confusamente o que desejamos, assim também as reservas e desculpas com

que nos escondemos do bem, anulam os nossos propósitos conscientes perante os deveres da vida. Antes de ressuscitarmos dos mortos, temos primeiro que descer até ao fundo do inferno dessas reservas e desculpas mediante um completo exame de consciência que nos faça ver quanto da luz divina entra até ao mais íntimo da nossa alma. Como o culto do «eu» e a auto-hipocrisia são coisas inseparáveis, porque quanto mais egoísta é o indivíduo, mais finge enganar-se a si próprio, — mais necessário é que esse exame de consciência seja implacável, que a busca e rebusca de cada canto e recanto do subconsciente do nosso espírito seja impiedosa, a fim de pormos perante nós próprios o nosso verdadeiro ser, tal qual ele é, e que é bem diferente do «eu» segundo este julga ser. A ablação total das reservas e desculpas, mais ou menos conscientes, é condição essencial para que a Verdade surja. Precisamente porque a Verdade é inimiga do engano, é que o «eu» foge a encará-la e procede como Pilatos: volta-lhe as costas e resmunga: «O que é a Verdade?».

Nada prejudica mais a vida espiritual do que esses detritos escondidos nos recantos da nossa alma, tais como a vaidade, a imoralidade, a deslealdade e a inveja para com o próximo. Não compreendemos muitas vezes por que motivo sofremos tantos percalços no caminho da virtude, quando nos supomos já tão adiantados nele. E a razão é sempre essa «Quinta Coluna» de preconceitos daninhos e de hábitos viciosos, é o «Cavalo de Tróia» de alguma tendência perniciosa dominante. Enquanto não desenraizarmos tudo isso e não o colocarmos aos pés de Deus, não teremos progresso verdadeiro na vida espiritual, como escreveu Santo Agostinho: «O Teu melhor servo, Senhor, não é aquele que procura ouvir de Ti aquilo que desejaria ouvir, mas sim aquele que procura cumprir aquilo que ouve».

O homem é muitas vezes causa de aborrecimento para o seu semelhante, mas evita ser causa de aborrecimento para si próprio. Muito

embora saiba que só a poder de trabalhoso treino se consegue ensinar os cães, o ser humano espera tornar-se moralmente bom sem esforço nem sacrifício. Quase todas as teorias educativas dos nossos dias esquecem a autodisciplina, mercê de cujos sacrifícios o homem domina e aperta as cordas do violino do seu coração, até que ressoem as mais puras melodias. Raros são aqueles que traçam a si próprios um plano de ação suficientemente largo, para que nele caibam todos os sacrifícios do egoísmo próprio, com vista à perfeição moral.

Não basta, porém, apenas querer ser melhor. Tal decisão é apenas comparável a abrir exclusivamente as portadas de madeira das janelas, mercê do que a luz iluminará a casa. Quando o coração reconhece as suas carências, a graça de Deus principia a infiltrar-se na alma e, mercê da conjunção da nossa vontade e da Onipotência Divina, surge uma bem-aventurança que não é deste mundo e uma paz interior que nenhuma força terrena conseguirá destruir.

Capítulo XIX

Emoções e Renúncias

Será jamais ocorrido à lembrança do homem moderno o pensamento de que, se invertesse o seu pensar acerca de certos assuntos e procedesse de maneira exatamente oposta à que presentemente adota, seria com certeza felicíssimo?

É certo que a nossa época se intitula a si própria de revolucionária. Isso não passa, porém, de uma máscara para disfarçar o desvario que se apossou do mundo desde há alguns séculos para cá. O comunismo, por exemplo, orgulha-se de ser revolucionário, quando afinal não representa o princípio de uma nova era, mas sim o estertor de uma velha época moribunda. Baseia-se nos mesmos princípios de que enfermou o século passado, ou sejam os do materialismo. Ora, no materialismo não existe algo de revolucionário.

O mundo atual assemelha-se a um gigantesco navio de passageiros a navegar em pleno oceano; tem camarotes luxuosos, opípara cozinha, piscinas, cinemas, ascensores, pessoal apurado, lojas bem abastecidas, bailes e concertos, alegria, ordem, mas vai aprofado a um destino errado.

Em quase todas as suas facetas o pensamento, a educação e a maneira de viver dos tempos de hoje estão orientadas pelo falso conceito de que o homem deve ter o pulso livre no emprego das suas emoções e instintos e de que toda a tentativa de se lhe negar a mínima coisa deve considerar-se um ato de penosa repressão. A autodisciplina é apodada de

restrição da personalidade, e à renúncia ou sacrifício das coisas legítimas da vida chama-se com desdenhosa censura «auto-crueldade».

Chega a causar estranheza que os psicólogos e educadores não tenham visto quanta falsidade encerram semelhantes critérios. Assim, o que propugna a irrestrita liberdade das emoções e dos instintos, parte do princípio de que todas as emoções, apetites e desejos são bons. Ora, a verdade é que, em si próprios, não são bons nem maus: são simplesmente amorais. Tal qual as teclas de um piano, no qual não existe intrinsecamente coisa alguma que faça com que umas sejam boas e outras sejam más. O que determina, realmente, a bondade ou a crueldade das teclas brancas ou pretas é qualquer coisa de extrínseco a todas essas teclas, e que consiste na sua conformidade ou na sua discrepância com as notas de um trecho musical. O mesmo sucede aos instintos e às emoções: é o seu objeto que lhes define a moralidade. Assim, o amor de um marido pela sua mulher é legítimo e, portanto, é bom, ao passo que o amor desse marido pela mulher de outro será mau, e, todavia, a emoção é a mesma. Tolerar certos indivíduos socialmente repreensíveis representa um bem, pois que, sendo esses indivíduos criaturas de Deus, têm direito ao nosso amor, porquanto ainda merecem o amor de Deus; mas, a tolerância pelas ações desses indivíduos constitui um mal.

Emoções e sentimentos constituem poderosa força, que tanto pode ser empregada para o bem como para o mal, exatamente como uma locomotiva que serve para puxar comboios de passageiros e de mercadorias, mas que também pode servir para os reduzir a cinzas ou destroços. Sendo, pois, tão poderosas essas forças, segue-se que não só é mister rodeá-las de barreiras protetoras, como é necessário marcar-lhes obrigações legítimas mediante educação moral.

Dominar as próprias emoções não constitui, como tantos julgam, uma espécie de perversão dos sentidos, por via da qual o indivíduo sente

prazer em infligir a si próprio um sofrimento. O pugilista que se treina para um combate tem, porventura, o prazer de apanhar socos do seu parceiro de ensaios, ou, pelo contrário, sujeita-se a isso na esperança de ficar vencedor na pista?

O marido que durante um ano inteiro se priva voluntariamente de beber um dia em cada semana, a fim de poupar dinheiro para no dia de Natal oferecer a sua mulher um presente de valor, abster-se-á assim por sentir um prazer sádico no seu sacrifício? Ora, se fica bem a um marido renunciar espontaneamente a um prazer por amor da sua mulher, por que não será legítimo que um cristão pratique renúncias semelhantes por amor de Deus?

O intento da ascese, da renúncia, do sacrifício, é o aumento da caridade e do amor aos pobres deste mundo por amor de Deus. Não são atos praticados pelo prazer da tortura que possam causar aos seus autores, mas sim e apenas porque se ama o Supremo Bem que é Deus, e porque se ama o próximo por Seu amor.

A renúncia cristã não se baseia no conceito de que o mundo ou a carne são intrinsecamente maus, mas sim na convicção de que Deus é intrinsecamente bom. Assim como um navio, para avançar no meio dum temporal, deitará ao mar algum excesso da sua carga, porque lhe importa mais chegar a porto e salvamento do que a sua carga, assim também o asceta cristão prescindirá de alguns prazeres legítimos para alcançar mais profunda paz. E não significará isso querer fazer-se passar por santo, mas sim que deseja dedicar-se inteiramente à caridade.

Dominar a cólera perante uma violência, ser temperante nas bebidas quando se é tentado a tomá-las em excesso, dar presentes em vez de ser avarento, prescindir de sobremesas para dar aos pobres o que elas custariam, — nada disto representa o intento de se sentir prazer com o próprio sofrimento, mas representa, sim, amor a qualquer coisa de mais alto

e de melhor, — o amor de Deus e do próximo.

Capítulo XX

Todo o êxito tem seu preço

Prender sem estudar, ganhar sem trabalhar, gozar de reputação sem a merecer, viver em paz sem praticar a justiça, são tudo coisas que constituem, simultaneamente, logro da natureza e da razão. Nos outros reinos da Natureza existem parasitas, mas ser um homem parasita é preparar a sua própria destruição.

O parasitismo no reino animal provém de duas causas: há os parasitas que o são para assim conseguirem segurança sem terem de usar as próprias faculdades, e há aqueles que assim se tornaram para obterem alimento sem terem de o procurar. O minúsculo organismo denominado Saculina estreia-se na vida usando os seus seis pezinhos para se proteger e para procurar sustento. Não tarda, porém, que se tome de preguiça e decida viver à custa alheia tal qual certas civilizações de que reza a história. As perninhas que à Saculina serviam para nadar, começam a encurvar-se, para se agarrarem a uma lagosta, caranguejo ou animal marinho semelhante,

E pronto! A sua luta pela vida terminou, pois o minúsculo organismo inscreveu-se como aluno gratuito na «Escola da Esperteza Natural» - onde não há sujeição à disciplina, nem trabalho, onde não se aprende a ganhar a vida, e cujo compêndio único tem apenas um só preceito: «viverei à custa dos outros que têm obrigação de me sustentar».

Poderia ter sido uma criaturinha independente, mas torna-se um parasita, uma criatura dependente. E sucede-lhe então o que o grande

naturalista Ray Lankester explicou nestas palavras: «Quando ocorrem num animal determinadas condições de vida que lhe proporcionam alimento e segurança com demasiada facilidade, o resultado é, por via de regra, a degenerescência, tal qual um homem sadio degenera frequentemente quando recebe de repente uma grande fortuna, e tal qual sucedeu a Roma quando se assenhoreou das riquezas do mundo antigo».

Esta lei é velha, tanto na Natureza como na história — a anulação do esforço conduz inevitavelmente à decadência e à morte. Os músculos do atleta atrofiam-se se ele não se exercita; os dedos de um pianista enferrujam se ele deixa de tocar, e também a inteligência se esvai se apenas se «leem» desenhos e gravuras. Na parábola dos talentos, Nosso Senhor disse ao que recebera uma dessas moedas e não a fizera render: «Deita fora esse talento».

É que os pecados de omissão também são punidos, tal como os pecados por ação. Tanto é passível de castigo não semear, como semear abrolhos. Os homens deixam de cumprir a sua missão tanto quando praticam o mal, como quando deixam de praticar o bem.

Nenhum êxito na vida é verdadeiro e causador de legítima satisfação, se não foi obtido com sacrifício e trabalho. Se alguém goza um triunfo que não pagou, alguém terá pago por ele. O trabalho de um pai que juntou dinheiro, foi o preço do êxito do filho, que limitando-se a despendê-lo e a gozá-lo, nada fez depois para aumentar o pecúlio herdado.

Ganhar um ordenado, fazer fortuna, ou conquistar renome sem dispêndio de esforço, é coisa deprimente para a natureza humana, e foi por isso que São Paulo escreveu: «Aquele que não trabalhou, não o deixem comer».

Riqueza fácil e rápida desviriliza, a não ser que a tempere o domínio do vão orgulho que ela faz nascer.

A própria frequência das igrejas, inspirada apenas na conveniência

ou na moda, ou porque se está na época do Natal ou da Páscoa, em que toda a gente as visita, - até isso pode dar origem à decadência da verdadeira piedade.

O que nada custa, nada vale. A Natureza presenteou o homem com o trigo, mas ele tem de moê-lo. Deus deu a vontade ao homem, mas ele tem de querer o bem. Como disse Goethe, «vida ociosa é morte antecipada». Nunca se inventou nem jamais se inventará melhor filosofia do que a que colocou a Cruz no alto das civilizações do Bem, da Verdade e da Beleza, e proclamou: «Toma cada dia a tua Cruz e segue-Me».

Capítulo XXI

Em que consiste o caráter?

Para esta pergunta há cinco respostas possíveis.

Para Aristóteles e para a Grécia clássica, o caráter consistia na prática da moderação, e, assim, a virtude era o justo meio termo entre os extremos. A coragem, por exemplo, era a média entre a temeridade e a covardia. Os antigos Gregos detestavam o demais e o somenos e nesta posição equilibrada colocavam o caráter ideal.

O ideal da Renascença foi o de uma atividade onímota. Aquele que se abstinha de qualquer especialização — origem da estreiteza do espírito — e conseguia tornar-se bem conhecedor da ciência, da literatura, da história e de outros assuntos, ganhava foros de modelo de uma personalidade bem cultivada. O ideal era, por conseguinte, mais intelectual e cultural do que moral, e antepunha os que sabiam aos que dedicavam a sua vida aos outros.

O ideal do Romantismo concentrava-se em sentimentos e emoções e fazia da visão emocional ou sentimental da humanidade o critério da bondade de cada indivíduo.

Jean Jacques Rousseau, que pregou este ideal, jactou-se de crer que «não existia em todo o mundo alguém mais humilde do que ele».

Partiu-se do princípio de que ter bons sentimentos equivalia a ser bom, entendendo-se, porém, que não se devia basear esse julgamento em qualquer ato ou momento isolado da vida, mas sim no conjunto total de

cada vida.

O ideal de caráter, segundo o comunismo, é completamente diverso do precedente. Segundo ele, cada pessoa é julgada, não por si própria, mas em função da sua atitude perante a classe revolucionária.

Terá bom caráter aquele que submete completamente a sua razão e a sua vontade à razão e à vontade do Partido Revolucionário. O mínimo desvio desta orientação prejudica o caráter, muito embora no íntimo do seu coração o indivíduo saiba que ela é errada.

Há, por fim, o ideal cristão, que é completamente diferente. Contrasta com o ideal comunista, porque atribui valor à pessoa e não à classe a que ele pertence; distingue-se do ideal da Renascença porque este preocupa-se apenas com este mundo, ao passo que o ideal cristão afirma que o homem aspira a um infinito que transcende o espaço e o tempo deste mundo; considera incompleto o ideal do Romantismo, por cuidar pouco ou não atender de todo em todo à inteligência e à vontade, as duas faculdades da alma que tornam o homem diferente dos animais irracionais. O que é, porém, mais interessante, é ver como o ideal cristão se avanta ao da velha Grécia. Esta colocava o ideal principalmente na moderação, ao passo que o ideal cristão consiste essencialmente na imoderação. Nosso Senhor disse que se alguém nos obrigar a acompanhá-lo durante uma légua, devemos acompanhá-lo durante mais outra, e devemos perdoar aos nossos inimigos, não apenas sete vezes, mas sim setenta vezes sete, o que na matemática do Céu representa um número infinito. Mais importante ainda, o ideal de caráter cristão é completamente extrínseco da natureza humana.

O ideal é ser o próprio Cristo. «Eu vos dei o exemplo». O caráter modelar não é de invenção humana: foi delineado por Deus. Quase sempre os homens criam modelos que se adaptem à maneira como vivem. Nosso Senhor, porém, mandou que conformássemos as nossas vidas à maneira como Ele viveu e morreu. Ele ofereceu e deu a Sua vida para pagar as

dívidas morais de todos os homens. Ora se Ele, o Homem Modelo, assim procedeu, portanto também nós, que comungamos no mesmo ideal, devemos mostrar igual imoderação no zelo pelas necessidades do nosso próximo. É mister que tenhamos generosidade ilimitada, a qual não olha ao preço: mais que pensar no dever que temos para com os outros, cumpre-nos antes pensar no amor que a esses outros devemos ter. Em vez de ser função da nossa escolha, o ato de dar deve antes obedecer ao amor devido ao próximo e às suas necessidades.

Esta ética de amor produz nos caracteres efeito duplo: maior tolerância para com as faltas alheias e maior severidade para com as próprias. Maior tolerância, por virtude do princípio de que nos cumpre perdoar aos outros, para que nos perdoem a nós, o que nos torna mais caritativos para com os que pecam. Ao mesmo tempo, cada um aprende que jamais conseguirá alcançar o seu sublime ideal, se não começa por tomar um cinzel na mão, para desbastar da pedra da Natureza grossos blocos de amor-próprio e de egoísmo, orgulho e avareza.

Mais vale encarar de frente esta verdade: o ideal cristão do caráter exige muito mais do que quase todos estamos dispostos a dar, e aqueles que procuram dar o máximo, reconhecem que ainda ficam aquém desse ideal no amor que lhes cumpria ter ao próximo.

Ora, em vez de substituir esse ideal por outro, chamando-lhe progresso, preferível seria que fizéssemos em nós próprios a mudança precisa chamando-lhe aperfeiçoamento do caráter.

Capítulo XXII

Anjinhos da pele do diabo

As crianças são insuportáveis -, tal é a definição hoje em voga acerca da moderna geração.

Há boas dezenas de anos, a expressão usual denominava-as «anjinhos da pele do diabo».

Ora esta fórmula antiga traduz mais adequadamente os fatos. Sem dúvida que as crianças são insuportáveis, como os cãesinhos que precisam de ser ensinados; insuportáveis como os potros que carecem de ser domados. A infância compara-se aos jardins que é mister cultivar, aos frutos que é preciso descascar, ao pão que é preciso cozer, aos sinais de trânsito a que é forçoso obedecer.

São «insuportáveis», no sentido de que é indispensável dedicar-lhes muitos cuidados e muito amor, impor-lhes muita disciplina, para que possam um dia vir a dar o fruto ainda escondido nos belos mas tenros botõezinhos em que hão de florescer primeiro.

Ao mesmo tempo, são efetivamente «anjinhos da pele do diabo», no sentido de cada um ter uma alma imortal onde está gravado o selo do Criador Divino; no sentido de que cada um é tão precioso que, pela sua redenção, Jesus morreu crucificado.

Deus pôs junto de cada menino um Anjo da Guarda que contempla constantemente a visão beatífica da Face do Senhor no esplendor do Céu.

Toda a vida, aliás, está cheia de «anjos da pele do diabo». O fogo é

um deles, diabólico quando reduz a cinzas uma casa, angélico no crepitar da lareira que ilumina e aquece.

O vinho é da pele do diabo quando bebido desregradamente, mas é anjo quando alegra a mesa familiar e é tomado com medida. Não há faculdade e inerente responsabilidade nesta vida que não seja «um anjo da pele do diabo», tenha a forma que tiver: dom de oratória, talento de escritor, posição política ou paixão de amor.

Como estranhar, portanto, que as crianças sejam coisa diferente de «anjinhos da pele do diabo»?

Foi assim que Deus os quis e os criou. O ouro que se extrai da mina é também anjo e demônio: tem de ser separado das escórias pelo fogo; são-no igualmente as árvores da floresta que, só depois do trabalho prévio para as abater, serrar e afeiçoar, servem para as aplicações que o homem lhes dá; até as cordas dos violinos são «anjos da pele do diabo», pois que, só depois de esticadas à justa tensão, podem vibrar em sons melódiosos.

Também as crianças são assim, e desculparem-se os pais com a perda de tempo e excesso de cuidados que a sua educação requer, é esquecerem que nada nesta vida se consegue fazer com perfeição, senão a poder de esforço, de fadiga e de sacrifício.

A mãe leva um filho doente ao médico. Este, depois de examiná-lo, receita e diz: «Dê ao seu menino três doses diárias deste medicamento durante duas semanas. É um pouco amargo, mas vai curá-lo».

Passado um mês, a criança continua doente e volta ao médico, que pergunta se o medicamento lhe foi ministrado. A mãe responde: «O Joãozinho recusou-se a tomá-lo porque era amargo».

Quer isto dizer que, não obrigando o seu filho a tomar o remédio, a mãe lembrou-se apenas de que o filho era de «pele do diabo», e não de que ele era um «anjo».

No primeiro crime cometido sobre a Terra, e que foi punido com a

primeira maldição, ouviu-se a pergunta: «Caim, que fizeste de teu irmão Abel?»

Pois, de igual maneira, Deus perguntará: «Pais, que fizestes dos vossos filhos? Mereceis penitenciarmos pelo que haveis deixado de lhes fazer? Haveis cedido a todos os seus caprichos, capitulado perante cada birra ou cada choro? Haveis esquecido que se o «anjo» e a «pele do diabo» se separam, esta se torna então verdadeiramente diabólica, tal qual um jardim sem cuidados de cultura se transforma num matagal de ervas daninhas?»

Sucede, às vezes, que se espera demasiado das crianças, na persuasão de que hão de espontaneamente, sem intervenção do cinzel que as desbaste, transformar-se em perfeitas imagens de homens, feitas do mais puro mármore.

Ora a criança pode ser imprevidente, mas os pais é que não podem ser egoístas. É desses «anjinhos» da pele do diabo» que se fazem tanto os grandes santos e os homens ilustres, como os ladrões e os assassinos. Estes fizeram-se demônios, precisamente porque os pais se esqueceram de que eles eram anjos.

Capítulo XXIII

Criancinhas

Uma das cenas mais comoventes da vida do Nosso Divino Salvador ocorreu quando Ele falou a favor das criancinhas que os Apóstolos queriam afastar, com receio de que O importunassem.

«Deixai vir a Mim as criancinhas e não as afugenteis, porque o Reino dos Céus é de quem se lhes assemelha».

As crianças são a esperança da espécie humana que, mercê delas, pode recomeçar em cada geração.

Sem elas, os que já entraram na idade madura poderiam bem perder o espírito de sacrifício. Quando são os pecados dos pais que às criancinhas cabem por herança, estas transformam-se em espelho das suas faltas e inspiram-lhes um arrependimento salutar. Se, porém, herdaram boas qualidades, os filhos incitam os pais a qualidades ainda mais excelsas, a um aperfeiçoamento ainda maior.

Mercê das crianças, o dever transforma-se em cuidado e o trabalho converte-se em amor. Elas não ensinam com os lábios, mas sim com a inocência, e na sua presença não há espírito de maldade que não sinta remorsos, que não tenha saudades do tempo em que também era criança, e não suspire pelo ensejo de recomeçar limpamente a vida.

As perguntas que os meninos fazem confundem a pretensa sabedoria dos homens feitos e demonstram que nos seus espíritos infantis reside a

verdadeira filosofia, a perguntar incessantemente: «Porquê?»

Melhor que todos os silogismos dos filósofos, as crianças dão à vida dos adultos um ideal mais nobre, fazendo-os refletir no seu celestial destino.

Assim como sem o perigo não existiram heróis, também sem o encanto da infância não poderia haver ternura. A graça das crianças proporciona alegrias que valem todos os prazeres e fazem-nos compreender que todo o amor tem por fim uma encarnação — até o próprio amor de Deus.

Para os pais, as crianças são barro frágil que lhes incumbe moldar, e assim a forma que forem tomando pela vida afora será, em grande parte, da responsabilidade dos pais.

Quando Deus envia uma criança a este mundo, os Anjos tecem-lhe no céu uma coroa pequenina e aí dos pais que não educam os filhos, fazendo deles, assim, uns deserdados dessa herança celestial.

Cada criança nasce junto às portas do Céu, o que explica a rapidez com que todas aprendem a amar a Deus, mal os pais lhes ensinam as maravilhas desse amor.

É realmente muito grave colocar o mínimo obstáculo entre elas e Nosso Senhor e impedir que se acolham ao refúgio dos braços da Sua Divina Graça.

A este respeito sucede muitas vezes que as crianças põem em situação embaraçosa os pais, pois como podem estes ensinar os filhos a amar a Deus, quando eles próprios não sentem esse amor?

Homem algum pode ser bom servidor da sua Pátria e do bem comum, se não estiver profundamente enraizado num lar.

As máquinas de um navio não o farão navegar, se não estiverem firmemente presas a ele.

Nada existe que prenda mais fortemente os homens aos seus lares e

lhes inspire genuíno patriotismo, do que as crianças. Antes de casarem, o pai e a mãe da criancinha falavam do amor que os unia, chamando-lhe «o nosso amor».

A esse amor davam assim uma personalidade distinta, própria, pois referiam-se sempre a um terceiro termo de equação alheio a eles, como querendo significar que não ficariam perfeitamente ligados um ao outro senão por uns braços fortes que não eram os dele nem os dela.

Quando a criança nasce, principiam eles então a ver concretizado em forma visível e corpórea o mistério do seu amor. Tal qual o amor que liga a árvore à terra, o seu casamento frutifica nesse novo amor, que não é apenas a mera soma dos dois, mas sim o fruto que será primavera quando para eles chegar o inverno da vida. É esse o mistério do amor e do casamento, e é assim que marido e mulher aprendem então que o seu amor representa como que um empréstimo concedido pela vida e que eles têm de pagar, gerando outra vida. Se até então o seu amor fora apenas uma troca de satisfações egoístas, vêem e sentem agora todo esse egoísmo desfeito e aniquilado, ao contemplarem embevecidos o fruto em que o seu amor se desentranhou.

Os filhos da espécie humana e o lar onde eles nascem e se criam, são verdadeiramente, portanto, a esperança da humanidade.

Capítulo XXIV

Caminho Perigoso

Falando da «Lady Chatterley», de D. H. Lawrence, escreveu André Malraux que «a heroína desse romance era uma possessa sexual, consciente da degradação e da morte».

Este comentário tem uma aplicação que vai muito além da simples personagem desse romance.

Quem mais que Freud, por exemplo, ensinou à mentalidade moderna a tudo aferir em função da união dos sexos e da morte?

Nem a própria circunstância de ter empregado palavras gregas para falar desses dois fatos — *Eros* e *Thanatos* — diminui, antes, pelo contrário, avoluma o significado da união de ambos. Para Freud, a sexualidade conduz à morte porque os prazeres que aquela proporciona, para serem plenamente gozados, devem sê-lo perante a sombra ameaçadora da morte. Este gênero de conceito pessimista relembra-nos o quadro não menos macabro daquela poesia de Baudelaire em que o amor e a morte figuram juntos: «O amor sentado sobre uma caveira».

Mas como, Santo Deus, conseguiu o mundo moderno deixar-se apossar desta maneira de pensar tão tenebrosa, degenerada e desumana?

Para respondermos a esta pergunta, convém primeiro recordar o que são numa sociedade equilibrada e sadia o amor e a morte.

Para os grandes pensadores da Grécia Antiga, para os místicos do Oriente e, acima de tudo, para a tradição hebraica e Cristã, a morte é a

porta de uma vida nova, o caminho do cumprimento de um destino, e não apenas a desintegração fisiológica das células de um corpo. O homem tem alma e corpo: o corpo morre, a alma continua a viver e, mais tarde, na ressurreição final, o corpo compartilha do destino da alma.

O amor, numa sociedade saudável, não é uma desenfreada explosão de instintos, não é qualquer coisa que urge aproveitar delirantemente, como se apenas instantes de vida restassem para o desfrutar. É antes o meio pelo qual os homens conseguem vencer a morte, gerando novas vidas, que frutificarão por sua vez em novos amores. O amor não é estéril, é fecundo; não é instrumento de mútuo esgotamento e saciedade, porque é fonte de criação de outras vidas, na sublimação do mesmo amor, mercê do poder gerador que Deus concedeu ao homem e à mulher. Por isso, num mundo sadio, nem a morte nem a paixão sexual são obsessões doentias, pela razão de que nem o amor nem a vida, perpetuados de geração em geração, terão fim enquanto Deus permitir que o mundo exista.

Quando, porém, uma civilização esquece a sua alma, quando ela reduz o homem a mero invólucro fisiológico recheado de apetites psicológicos, quando dá tão pouco valor à vida e tanto valor à carne, quando a diferença entre um homem e um cão é apenas uma diferença na complexidade das reações, então o amor e a morte principiam a conjugar-se numa só obsessão, tal qual a sentiram Baudelaire, Lawrence e Freud.

Uma das consequências desta visão doentia que equipara os homens aos irracionais consiste na correlação que se verifica entre a anarquia política e o desregramento sexual.

Seja pelo que for, existe uma ligação profunda e misteriosa entre a dissolução das famílias na nossa civilização moderna e o espírito revolucionário que se apossou do mundo desde a primeira Grande Guerra.

Adivinha-se que rasteja por todo este mundo uma paixão de destruir a ordem social e de subverter ao mesmo tempo a ordem moral.

Não há dúvida de que algumas revoluções provêm de uma aspiração de justiça social e de que outras são geradas pela miséria de certos povos, mas o espírito revolucionário do século XX tem raízes mais profundas. A anarquia política e a anarquia moral caminham de mãos dadas, porque partilham do mesmo desejo de abolir todas as restrições, primeiro na vida sexual e depois na vida social.

Muito melhor que o Mundo Ocidental, viram os Comunistas a íntima ligação entre esses dois apetites. O Comunismo infiltra-se em cada país mediante a subversão da moralidade da juventude, afirmando que essa moralidade é um «preconceito burguês». E à dissolução das famílias que o liberalismo político já promoveu ou permitiu por meio de leis como a do divórcio, o Comunismo acrescenta o amor livre. Esta estreita ligação pode ser vista em indivíduos tais como André Gide, que se confessou desiludido do Comunismo porque a Rússia acabou por suprimir o amor livre, e que pouco depois rompeu com ele por diferença de critérios econômicos. A razão basilar desse rompimento foi, porém, a reafirmação da família, feita pelos governantes soviéticos. Por esta forma se demonstrou que muitos dos partidários de uma filosofia de subversão política a adotaram, porque já anteriormente praticavam na sua vida particular uma filosofia de animalidade pessoal.

Importa, por conseguinte, que o Mundo Ocidental se lembre de que o abaixamento do nível moral na juventude e nas famílias pode bem estar a preparar a anarquização política das gerações vindouras. Se a educação da mocidade não lhe ensina que Eros não é deus, então a vida dos indivíduos e a vida das nações correm o risco de serem sacrificadas a essa outra divindade tenebrosa que se chama Thanatos — a morte.

Capítulo XXV

Peitação dos Sacrifícios

Não é quando a vida apresenta o seu mais ridente aspecto, mas, sim, quando mostra o pior lado, que se revela um caráter. A maneira de bem apreciar uma tapeçaria é vê-la do avesso. Ao comprar uma cadeira, o inexperiente jamais a examina colocando-a de pernas para o ar, mas quem é perito assim faz sempre. De igual maneira o merecimento de qualquer pessoa tem que ser aferido pela forma como reage perante os obstáculos, as peias⁹ e as amarguras da existência.

Há duas formas de encarar a vida. Segundo uma, as dificuldades, as provações e as dores não deviam fazer parte da essência da existência e, por conseguinte, ao deparar-se-nos qualquer contrariedade, ou devemos evadir-nos dessas duras realidades com o auxílio do álcool ou dos estupefacientes¹⁰, ou então atirar para cima dos outros as culpas de tudo quanto nos acontece. É deste critério que dimanam os conflitos, as revoluções e as guerras.

A segunda forma de encarar a vida consiste em pensar que tudo quanto nos sucede se modificará e sublimará com a graça de Deus e que,

⁹ Peias: [Figurado] Aquilo que impede ou dificulta (ex.: falar sem peias). = EMBARAÇO, EMPECILHO, ESTORVO, IMPEDIMENTO, OBSTÁCULO.

¹⁰ Estupefaciente: Medicamento entorpecedor. Substância que age sobre o sistema nervoso central e pode modificar o estado de consciência e que pode causar habituação e danos físicos ou psíquicos. = DROGA, NARCÓTICO.

portanto, em vez de servirem para nosso desespero, todas as provações nos serão degraus para ascendermos aos mais altos cumes da paz.

Quando um homem animado de espírito empreendedor e zeloso se sente constrangido por quaisquer peias, parecer-lhe-á isso uma das maiores tragédias da vida. E, todavia, quando foi encarcerado, São Paulo escreveu isto: «Apresso-me a afirmar-vos, irmãos, que as circunstâncias em que me encontro aqui, só tiveram por efeito permitir-me espalhar ainda mais o evangelho».

O próprio cárcere pode, portanto, servir de púlpito, pois que não existe coisa alguma que não possa ser utilizada como instrumento do Bem por aqueles cuja fé reside em Deus. O que mais diferencia os seres humanos não é o que lhes sucede, mas sim a maneira como reagem perante o que lhes sucede. A cegueira é fonte de azedume para alguns, mas para outros, como Helena Keller, foi manancial de inspiração.

É muito fácil para os jovens terem visões dos futuros tempos, mas para os velhos, para os quais o sol da Vida começa a entrar no ocaso, já não é fácil sonhar com o porvir. Para estes, o tempo já lhes não permite ilusões, nem contém o estupefaciente perigoso de que são feitos os sonhos. Para os velhos, a visão consoladora já reside apenas no Tempo sem tempo que está para além do tempo e no Espaço sem limites que está para além do espaço.

Nunca, em toda a sua vida de apostolado, São Paulo foi maior do que quando, através das grades da prisão, contemplou as estrelas, por cuja luz distante o seu coração pulsou agradecido. Outros há que, através das mesmas grades, só veem lodo.

Com os seus olhos cegos, Milton viu mais do que os outros homens veem com os olhos que presumem ver e, porque assim via, escreveu: «Não me queixo do poder ou vontade de Deus, nem me falha o coração ou perco a esperança, pois tudo continuo a suportar e a caminhar em frente».

Beethoven, na sua total surdez, ouvia melodias com ouvidos bem

diferentes dos da maioria dos homens, que só conseguem escutar ruídos.

A vida é qual tapeçaria em que cada um de nós trabalha do avesso com o que julgamos serem apenas fios de variadas cores. Deus, porém, vê de antemão pelo lado direito o quadro completo, cuja trama vamos alinhavando. Porque assim confiava, Jó exclamou na sua aflição: «Nele confiarei, embora me torture».

O objetivo da fé não consiste em persuadirmo-nos de que não são dolorosas as nossas dores, de que não são reais os nossos inimigos, de que «tudo acabará em bem», se tivermos em nós próprios mais um bocadinho de confiança. E, menos ainda, é objetivo da fé explicar-nos sempre «por que é» que a adversidade nos avassala, porquanto nem o próprio Deus respondeu aos «porquês» de Jó. Bem pelo contrário, foi Deus quem fez perguntas a Jó, e tanto bastou para que Jó descobrisse que as perguntas de Deus eram mais claras que as respostas dos homens.

Não: a fé é a crença numa verdade, com base na confiança que lhe dá a autoridade de Deus que a revelou. Pelo que respeita às provações da vida, a fé aponta-nos o maior crime do mal e a maior vitória do amor na Ressurreição de Nosso Senhor. Se as provações e torturas não constituíssem elementos essenciais da vida, Deus não teria permitido que o seu Divino Filho feito Homem tivesse, sequer por um instante, posto os olhos num símbolo de contradição que foi a Cruz. O mal quis a sua morte, mas o Bem quis que o amor fosse mais forte do que o Mal e mais forte do que a morte: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem».

Quando José foi deposto pelos irmãos no fundo do poço, disse que o propósito deles era mau, mas que Deus o aproveitaria para o bem.

Chegado o fim da vida, esta aquilatar-se-á em função de termos sido vítimas recalcitrantes como o mau ladrão crucificado à esquerda, ou triunfadores do sofrimento, como o bom ladrão crucificado à direita. Para os que sentem a beleza da conformidade com os sacrifícios da vida é que

foram pronunciadas no âmago da dor aquelas palavras: «Hoje estarás comigo no Paraíso».

E ocorre-nos a recordação da paráfrase que destas palavras da divina promessa fez Bossuet: «Hoje» — que prontidão! «Estarás comigo» — que companhia! — «no Paraíso» — que recompensa!»

Capítulo XXVI

Carência de princípios

Uma das maiores tragédias que podem ocorrer a qualquer civilização é a de se tornarem políticos profissionais os seus orientadores.

Por «orientadores» queremos significar aqueles que têm a seu solene encargo a educação, a direção política, a governação de qualquer estado.

Por «políticos profissionais» queremos significar os estadistas que se deixaram acorrentar pelas rotinas, e para solução de todos os problemas recorrem a expedientes de oportunismo e a fórmulas de pragmatismo. Esta degenerescência ocorre neles sem perda dos seus critérios morais nem diminuição dos seus merecimentos. São como aqueles condutores de automóveis que nas longas viagens se perdem no caminho, sem que tenham deitado fora o mapa das estradas.

Mas são tão numerosos, hoje em dia, os que se arvoram em condutores através das estradas da vida, que muitos deles não só se extraviam, como ainda tentam consolar-se a si próprios com a desculpa de que neste mundo não existe destino certo, nem sequer caminhos direitos.

Isto, aliás, não representa hipocrisia, pois que esta consiste na afirmação de princípios e na sua negação na prática da vida. Não é tampouco espírito de pecado, o qual se traduz pela obstinação em não conformar a vida a um ideal. Quanto à perda dos critérios morais, consiste

em não admitir que possa existir fora do nosso modo de ver qualquer espécie de ordem com a qual nos devêssemos conformar. Ora essa ordem é a «lei natural» que obriga todos os homens e é a base de quase todas as religiões, mesmo pagãs, como é também a base do Antigo Testamento para os Judeus e como o é, igualmente, da Revelação para os Cristãos.

A negação desses critérios ou padrões não transforma os homens em «refugiados» ou «exilados morais», porque um exilado nunca esquece e continua sempre a amar a sua pátria, mas faz deles outros tantos «cidadãos do mundo» que pertencem a qualquer coisa de tão vago que não têm pátria que possam servir com lealdade.

Quem não tem princípios ou critérios morais é semelhante a um louco que assim foi definido por Chesterton: «Um homem que perdeu tudo, exceto a razão» - o que significa que os loucos são tão falhos do sentido das realidades que, fora de si próprios, não reconhecem qualquer espécie de ordem com a qual devam conformar-se e em função da qual as suas ações deveriam ser julgadas.

Efetivamente, os loucos estão sempre de acordo com o seu próprio critério e pensamento e, para eles, a realidade é aquilo que eles encaram como realidade.

Assim é que um louco entenderá que os triângulos têm quatro lados, ao passo que outro estará crente de que é Napoleão, e isso será para eles a verdade, pois que a verdade é o que eles entendem sê-lo, assim como a moralidade é também, a seu ver, a maneira como procedem.

Quantas vezes, hoje em dia, se entende que o bom político não é o homem inspirado por um nobre ideal de que jamais se desvia, mas sim o homem que faz habilidades com o seu pensamento, com as suas ações e com as suas promessas, com o único fim de se conservar no governo ou noutro posto, ou de arrastar após si a multidão, seja por que preço for.

Consoante para cada um desses políticos isto seja mais ou menos

assim, o que é certo é que quem nega os princípios morais, ou sacrifica ao deus irracional do Acaso ou Sorte, venerado sob a invocação de «cara ou coroa», ou então submete-se ao implacável deus da Necessidade. Em qualquer dos casos, a sua ruína moral é inevitável.

A perda de um molde, de um padrão, de uma lei, de um ideal moral implica uma capitulação perante a inconsciência das multidões. A vara graduada que devia servir para medir a espessura da camada de lodo fica enterrada no lodo; o maestro que devia dirigir a sinfonia da civilização contenta-se com a regência de uma orquestra de ruídos dissonantes, e tudo acaba numa mistura incongruente de tradições contraditórias e de critérios inconciliáveis. Num sistema assim, a literatura anquilosa-se¹¹ dentro de modelos obrigatórios e imutáveis, a arquitetura limita-se a imitar, e a filosofia não passa de um sincretismo dos mais variados sistemas.

Não faltam hoje filósofos que julgam alargar a esfera do pensamento com reduzirem Deus, a fé e a moralidade a meros símbolos distantes, quando, assim, pelo contrário, reduzem o âmbito do espírito.

Estreitar os limites do pensamento equivale a aprisionar os homens dentro de um Universo demasiadamente pequeno para a ambição de infinito do coração humano.

À medida que a ideia de Deus se dilui na abstração do mero simbolismo, tornam-se mais densas as sombras da prisão em que o homem se encerra e se faz carcereiro de si próprio.

Será constante mérito do maior dos presidentes que os Estados Unidos tiveram até hoje, e que foi Lincoln, poder dizer-se com verdade que jamais ele se afastou de certos ideais, tais como a preservação da unidade e da integridade do seu país, fosse por que preço fosse; a convicção de que, não só os homens como também as nações, têm que responder perante

¹¹ Anquilosar: 1) Causar ou sofrer anquilose ou privação de movimento numa articulação. 2) [Figurado] Manter ou ficar parado em determinado estado. = CRISTALIZAR.

Deus pelas suas faltas e pecados, e que os verdadeiros e duradouros triunfos das nações se conquistam à força de disciplina e sacrifício, e não de habilidades e expedientes oportunistas. Também nos nossos tempos se mostra indispensável a inspiração desses princípios, à luz dos quais os responsáveis pelo destino dos povos deixarão de se preocupar tanto com a forma de ladear obstáculos a poder de acrobacias de ocasião, e cuidarão mais de imitar o exemplo das árvores, que lançam raízes fortes e profundas, a fim de se firmarem, como elas, num universo mais vasto que o da mesquinha política.

E, logo que se firmem inabalavelmente em princípios morais, imutáveis e ternos, as suas pátrias crescerão em liberdade e prosperidade, como as árvores.

Capítulo XXVII

Crianças

Disse Lênin que não o preocupava saber quantos adultos anticomunistas havia na Rússia, de idade superior a cinquenta anos, porquanto o que lhe interessava eram as crianças. Conseguindo apossar-se delas desde a infância — acrescentava — poderia edificar o Estado Comunista.

A revolução bolchevista ocorreu em 1917, o que quer dizer que todos quantos na Rússia contam agora 45 anos de idade, de nada mais se recordam, a não ser de tirania, de ateísmo e de perseguição.

Em contraste, lembremo-nos de que Nosso Senhor disse: «Deixai vir a mim as criancinhas». E os Apóstolos levaram junto d'Ele os pequeninos, e Jesus não disse: «Levem daqui essas crianças, porque a minha doutrina é para elas incompreensível, e o meu critério moral demasiado severo!»

Não, chamando-as a Si, Jesus quis ensinar que é antes da idade da razão que as crianças devem começar a ser amoldadas ao Bem, pois de contrário se inclinariam para o mal.

A mente de uma criança impressiona-se com cada palavra, cada conversa, cada atitude de que é testemunha.

É bem sintomático o fato de «apanharem» as palavras feias e as frases de calão que ouvem, causando espanto aos pais que não conseguem perceber onde elas foram buscar certas frases.

Ora o que é de fato para admirar, é essa surpresa dos pais, aos quais

competer saber que o espírito das crianças é como cera mole, na qual se gravam imediatamente todas as coisas que vêem e ouvem.

Infância e meninice tanto são terreno para a boa, como para a má semente. Lênin queria as crianças para o ódio, Jesus Cristo queria-as para o amor. A primeira ocasião em que os Evangelhos dizem que Jesus se mostrou «profundamente contrariado», foi quando os discípulos quiseram afugentar as criancinhas. Somente noutra circunstância dizem os Evangelhos que o Divino Mestre também se mostrou «profundamente contrariado». Foi quando os discípulos censuraram a mulher que Lhe ungiu os pés com óleo perfumado.

Segundo Platão, as crianças não deviam ser menosprezadas, somente, porém, pelo motivo de que viriam a ser mais tarde cidadãos.

Na solicitude do Homem Deus para com as crianças havia, aliás, a afirmação de que existem na infância predicados que é mister cheguem intactos até à idade madura e de que nenhum homem será jamais verdadeiramente completo se não conservar alguma parcela da simplicidade e da humildade da criança.

Uma das mais antigas e conhecidas fábulas conta a história de um pescador que lançou o anzol à água e pescou um peixe pequenino. Tirou o anzol da boca do prisioneiro e ia atirá-lo para dentro do cesto quando o peixinho falou, dizendo ao pescador: «Bem vêes que sou muito pequenino e, portanto, não valho coisa alguma. Lança-me outra vez à corrente porque, assim, poderei chegar a ser um peixe grande e então é que te valerá a pena pescar-me». O homem, todavia, não concordou e respondeu: «Se torno a lançar-te à água não é provável que volte a pescar-te e, portanto o melhor que tenho a fazer é ficar contigo, pequenino como és».

Há muita gente que pensa como o peixinho — que as crianças são seres tão pequenos que não vale a pena preocuparmo-nos com elas e que o melhor será deixá-las andar e, mais tarde, quando crescerem, se começará

então a educá-las para que venham a ser pessoas de bem.

Quem desconhecerá a história daquela mãe que levou o filho de cinco anos de idade a um célebre filósofo a quem perguntou: «Em que idade devo começar a educar este meu menino?»

A resposta do filósofo foi: «Vens trazer-me o teu filho com cinco anos de atraso».

Muito se enganam os pais, quando julgam que a educação dos filhos depende da escola. Ora esta não é o primeiro mestre, mas sim o segundo, e a sua autoridade para educar resulta da delegação dos pais, visto que a estes compete esse direito essencial e basilar, e jamais escola alguma logrará substituí-los cabalmente.

Basta observar as crianças quando brincam, ou escutar as suas conversas com os adultos, ou observá-las quando assistem a qualquer festa, para se adivinhar qual a espécie de família e lar a que pertence cada uma delas.

Se esses meninos trouxessem colados nas costas os retratos dos seus progenitores, não patenteariam com maior clareza a moralidade e virtude ou a negligência e inferioridade moral de seus pais. É que as crianças não recebem dos pais apenas os nomes, a alimentação e o vestuário — recebem também o caráter, as boas ou más qualidades, os hábitos louváveis ou perniciosos.

Quando o Filho de Deus se fez Homem, o Evangelho conta a história da Sua infância nestas palavras:

«E regressou a Nazaré, era submisso a seus pais, e lá cresceu em sabedoria e graça perante Deus e os homens.»

São, realmente, os pais que formam a criança e não a escola.

Conta-nos Horácio que o seu amigo e protetor Mecenas era muitas

vezes alvo de remoques¹² dos pretensiosos, por motivo do seu nascimento humilde e da baixa condição de seus pais. Mecenas respondia que se houvesse de tornar a nascer e pudesse escolher os pais, escolheria aqueles que já tinha.

A educação dos filhos é para os pais um privilégio e simultaneamente um dever, e a primeira coisa que lhes compete saber é que a sua tarefa é uma missão de amor.

Serão os pais de hoje quem formarão os cidadãos de amanhã e valerá, por conseguinte, a pena consagrarem aos filhos a maior das atenções, porquanto se os não encaminharem para Deus, caminharão eles para Lênin.

¹² Remoque: 1) Dito picante que disfarçadamente encerra uma intenção repreensiva, ofensiva ou maliciosa. 2. Insinuação indireta.

Capítulo XXVIII

Parábola para Funcionários Públicos

Nestes tempos em que pesa sobre numerosos funcionários públicos norte-americanos a acusação de serem traidores à sua Pátria, em que os magnates da indústria e do comércio são apontados como organizadores de monopólios prejudiciais à economia nacional, e aos chefes de sindicatos operários se atribui o desvio do produto das quotizações dos respectivos filiados em proveito próprio, vale talvez a pena recordar a história de um famoso funcionário público que se converteu de repente em prestante¹³ cidadão.

Foi seu nome Zaqueu e a denominação oficial do cargo que exercia era a de «publicano». Como tal, Zaqueu trabalhava na repartição de cobrança dos impostos do Governo Imperial de Roma na Judeia. Era um cidadão a quem todos desprezavam, não propriamente por ser um cobrador de impostos, mas porque acumulava essas funções com as de traidor.

Assim como hoje em dia certos americanos atraíam a sua pátria para ajudarem a Rússia a escravizar o mundo, assim também Zaqueu trocara os seus patrícios pelo serviço dos Romanos, conquistadores da

¹³ Que ajuda ou gosta de ajudar. = PRESTADIO, PRESTATIVO, PRESTÁVEL, PRESTIMOSO.

Judeia, sua pátria. Até no seu serviço, porém, Zaqueu era desleal e desonesto.

Assim, por exemplo, quando cobrava em determinada área - digamos em moeda atual 5.000 contos - entregava mil aos ocupantes romanos e metia o resto na algibeira.

Ora, chama-se «reputação» ao que os outros dizem de nós, e caráter ao que realmente somos.

Não havia quem não dissesse mal de Zaqueu, cuja reputação era, portanto, péssima e todavia, no íntimo do seu coração parece que se abrigavam os melhores sentimentos, como não tardaria a demonstrá-lo a bem conhecida história da sua transformação.

Um dia em que Nosso Senhor Jesus Cristo chegou a Jericó, onde residia Zaqueu, este resolveu ir ver passar Jesus. Como era de mui pequena estatura, quase anão, e a multidão aglomerada ao longo do caminho não lhe permitiria realizar o seu intento, trepou a uma árvore. É claro que, hoje em dia, ninguém concebe que o chefe de uma Repartição de Finanças de qualquer cidade importante vá empoleirar-se numa árvore para ver uma parada ou procissão, ou assistir à passagem de qualquer notabilidade; mas, pelo visto, Zaqueu era menos protocolar e mais humilde.

Quando um homem começa a querer olhar para Deus, não tarda a descobrir que era Deus Quem estava a olhar para ele.

Nosso Senhor ergueu os olhos para a árvore, ou antes, para Zaqueu, chamou-o pelo nome e disse-lhe: «Desce depressa, quero ficar hoje em tua casa».

As alturas artificiais até onde a vaidade nos faz subir, ou as falsas honrarias de que blasonamos¹⁴ por haveremos trepado à árvore do orgulho egoísta, tudo isso deve ser lançado fora perante o chamamento de Deus.

¹⁴ Verbo transitivo - 1. Mostrar com alarde, ostentar. Verbo intransitivo: 2. Vangloriar-se, arrogar-se (qualidades que não se têm).

De todos os habitantes daquela cidade de pecado, foi apenas a casa daquele desprezado funcionário público que Jesus escolheu para a Si próprio se convidar. Quando a multidão viu a figura majestosa de Jesus Cristo e a figura atarracada do cobrador de impostos caminhando lado a lado e entrarem na casa de Zaqueu, luxuosamente mobilada com o produto das suas «comissões», todos murmuraram sarcasticamente: «Foi morar na casa de um pecador».

Não é provável que as multidões de hoje dissessem o mesmo, porque atualmente ninguém acredita ou afirma que existam pecadores.

Em compensação, diriam talvez: «Olhem, foi para casa daquele tubarão¹⁵ de quem falam os jornais e que mereceria ir dar com os ossos na cadeia».

Enquanto em casa de Zaqueu Nosso Senhor e ele conversavam a sós, qualquer coisa ia acontecendo na alma do publicano. Até àquele momento, Zaqueu cuidara apenas em dar a forma «legal» a tudo quanto fazia — entendendo-se por «legal» tudo quanto pode fazer-se sem se ser apontado e sem se ir preso, pois neste caso o indivíduo é condenado por «violação da lei», por «ilegalidade», e não por «imoralidade».

Aconteceu, pois, que Zaqueu começou a distinguir entre «legalidade» e «moralidade», entre ser «apanhado» e «ser pecador», entre «convenção» e «consciência».

Quem causou dano, tem por dever restituir, pois que a injustiça destrói o equilíbrio da ordem, cuja prevalência é indispensável à sociedade. Esse equilíbrio só pode ser restabelecido pela restituição do roubo.

Eis, pois, Zaqueu pronto a reparar o mal que praticara: «Desde já, Senhor, aqui mesmo dou aos pobres metade de tudo quanto possuo e se a alguém de qualquer modo prejudiquei, quero restituir-lhe quatro vezes o valor desse prejuízo».

¹⁵ [Informal] - Indivíduo que obteve muitos cargos rendosos.

Não é bastante a vergonha nem é suficiente o remorso: é mister que haja também restituição.

Para absolvição de muitos outros crimes basta o arrependimento e a contrição, mas para o de roubo, mesmo promovido à categoria de «comissões» mais ou menos legais — a absolvição não virá enquanto retivermos os seus frutos em nossas mãos. É, portanto, com justo fundamento que a essas restituições se dá o nome de «dinheiro de consciência». Quem cumpre dez anos de prisão por desonestidade, guardando entretanto a bom recato o produto do roubo, não reparou o seu crime nem perante a sociedade nem perante Deus,

A moralidade desta parábola é que a lisura em negócios, a lealdade em empregos, a honestidade nos funcionários públicos devem basear-se, não na «legalidade» e no que à sua sombra se pode fazer, mas sim na consciência que manda dar a cada um o que lhe pertence — não para fugir da cadeia quando se é desonesto, mas antes porque ninguém consegue fugir de si mesmo para se esconder da própria consciência, e ninguém pode esconder-se da sua consciência porque também não conseguirá jamais ocultar-se de Deus.

Capítulo XXIX

Criminalidade Infantil

Vamos aqui considerar duas falsas explicações de criminalidade infantil. Consiste uma em atribuir à hereditariedade a culpa dos crimes das crianças.

Havia na antiga Judeia uma parábola nesse sentido: «Os pais comeram uvas verdes e é aos filhos que toca sentirem a boca amarga».

Partia-se do princípio de que a hereditariedade das crianças era uma tara fatal e que o delinquente recebera no sangue uma falha moral impossível de remediar — como se as crianças espirrassem quando o pai estivesse constipado, sentissem a garganta seca porque os pais tivessem sede, ou amargor de boca porque os seus progenitores tinham comido uvas verdes.

O profeta Ezequiel transmitiu ao povo de Israel a mensagem do Senhor: «Enquanto Eu viver, essa parábola nunca mais deve ser para vós uma parábola em Israel... é a alma que peca».

Sim, a responsabilidade é pessoal e o crime não pode ser atribuído a heranças biológicas.

Não obstante, porém, este Divino mandado de não fazer da hereditariedade o fator determinante da criminalidade infantil surgiu, todavia, no fim do século passado um criminologista italiano, Cesare Lombroso, que sustentou a teoria de que a humanidade se dividia em duas categorias predestinadas: os que nascem bons e os que nascem maus.

Um criminologista inglês, o Dr. Charles Gorang, destruiu essa teoria da fatalidade hereditária de Lombroso e demonstrou que o tipo físico do criminoso é coisa que não existe. Verificou ele que a constituição mental e física dos cidadãos exemplares e dos criminosos era idêntica. Todos a quem o estudo fez chegar indiscutivelmente a essa conclusão, concordam com o Dr. R. B. Cattell: «Falar em hereditariedade do crime, ou mesmo apenas em hereditariedade de modalidade do caráter, é evidentemente um absurdo. Um ato não pode ser herdado, somente o pode uma susceptibilidade ou tendência para a mais fácil prática de certas espécies genéricas de atos».

A segunda teoria falsa acerca da criminalidade infantil é a que lhe atribui a causa às condições econômicas e principalmente à pobreza. Afirma-se que as crianças criadas em zonas de miséria, ou até que não dispõem de campos de jogos ou de salões de baile, são delinquentes.

Esta teoria popularizou-se especialmente entre os sociólogos da escola de Karl Marx, fundador do Comunismo, segundo cujas teorias são os fatores econômicos que condicionam a literatura, as artes, a moral, o procedimento dos indivíduos. Esses pensadores artificiais aplicam à juventude uma teoria falsa. Bastam as seguintes considerações para demonstrar à evidência que as condições econômicas não são a causa da criminalidade infantil. Quantos lares idênticos não existem em zonas de pobreza que, todavia, produzem crianças totalmente diferentes - nuns, cumpridoras e piedosas, noutros viciadas e criminosas. Se as condições econômicas fossem a causa, deviam produzir iguais efeitos.

A diferença entre tais crianças resulta, portanto, do ambiente familiar, e não da falta de dinheiro e da carência de luxos.

Acresce que é na classe média que a criminalidade infantil está hoje a acentuar-se, e até na classe abastada, não obstante a circunstância de ser mais fácil «abafar» os atos delituosos dos moços ricos do que os dos

pobres.

Também como demonstração da existência de causas diferentes das econômicas, Santo Agostinho, que foi um delinquente infantil, diz nas suas «Confissões»:

«Resolvi roubar e roubei, não por influência estranha, necessidade ou penúria, mas por espírito de zombar da justiça, por orgulhosa insolência pecaminosa, porque roubava o que possuía em abundância e até de muito melhor qualidade. O que eu, portanto, desejava gozar não era o objeto que eu roubava, mas sim, afinal, o próprio pecado de roubar.»

Essas falsas explicações, tais como a da hereditariedade e a das condições econômicas, esquecem que todas as crianças são dotadas de inteligência e vontade e podem, por conseguinte, criar um ideal próprio de vida e caminhar para ele livremente.

O problema da criminalidade infantil será atacado nas suas raízes, quando começarmos a educar o caráter das crianças por métodos de disciplina moral, tendo sempre presente que elas não nascem más pelo fato de terem berços de madeira em vez de berços de ouro. As crianças são semelhantes a jardins: não basta cultivar lindas plantas, é também indispensável arrancar as ervas ruins. Isto exige disciplina.

Foi moda no passado zombar dessas «antigualhas»¹⁶ de Deus, que se chamam moralidade e santidade do matrimônio, e o fruto dessa zombaria é a criminalidade infantil dos nossos dias.

É indispensável que o dia de amanhã pertença a Deus, à virtude e ao patriotismo, - de contrário, pereceremos.

¹⁶ Antigualha: 1. Objeto antigo. 2. Costume antigo.

Capítulo XXX

A Mocidade e o Heroísmo

Tem-se dito que a característica dos tempos de hoje consiste em serem atração máxima da mocidade as estrelas de cinema, os cantores de jazz, os jogadores de futebol e outros que tais — em vez de o serem os heróis e os santos.

Os jovens não são culpados disto, mas sim os seus maiores. O mundo sofre de uma crise de mediocridade.

Nos séculos passados houve homens excepcionais que puseram na moralidade absoluta o alvo da sua existência.

Na ordem natural houve assim os sábios da Grécia e os arautos do Budismo, e na ordem sobrenatural houve os profetas de Israel e os santos do Cristianismo.

A maioria dos homens é constituída por «conduzidos» e não por «condutores». Efetivamente, quanto mais rápidos são os métodos de comunicação, mais crescerá o número dos imitadores.

Como disse Toynbee, as multidões são, em geral, incapazes de criar: o marxismo utiliza-as e explora-as como meio de instalação dos seus chefes no governo das nações. Em todas as sociedades, as grandes inspirações provêm de uma minoria criadora.

Assim tem sido desde o Pentecostes, em que eram apenas doze os discípulos aptos a receberem o Espírito da Redenção.

Quando é tão insignificante e escassa a inspiração proporcionada à

mocidade, quando as ideias de excelência na sociedade atual se encontram em tão baixo nível que um pequeno esforço basta para as atingir, forçoso é lembrar que existem ideais tão altos e tão absolutos que só é possível atingi-los à custa do maior heroísmo.

Em certa ocasião, um rapaz rico, de alta situação social e com renome na sua cidade, veio ter com Nosso Senhor e disse-lhe: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a Vida eterna?»

Este moço julgava que bastava indicarem-lhe o que era o Bem, para conseguir imediatamente pô-lo em prática. Julgava ele que a virtude era simples questão de preceitos, de mandamentos e de regras e que todos os homens são capazes de fazer seja o que for.

Paixões, tendência para o mal, egoísmo, seriam defeitos que o esforço próprio dominaria. Nessa ordem de ideias, ele acreditava em que só por ignorância havia neste mundo falta de moralidade e falta de santidade.

Nosso Senhor desfez esse banal e tacanho conceito de bondade, surpreendendo o jovem com esta pergunta: «Por que Me chamas bom? Ninguém é bom, exceto Deus».

Repare-se que Nosso Senhor se recusou a aceitar para Si o qualificativo de «bom», e fê-lo apenas pelo significado banal em que o moço o empregara. Quis dessa maneira que ele pesasse bem as Suas divinas palavras e compreendesse que a fonte de toda a bondade é somente Deus, a Bondade Infinita. Se, portanto, não reconhecia como Deus Aquele que falava, então não o reconheceria como Bom.

É dilema tremendo este com que têm de se haver quantos pensam que Jesus Cristo foi apenas um homem-bom: se Ele não é Deus encarnado, então não é bom. Mas os homens-bons não mentem. Logo, se Cristo não é tudo quanto afirma que é, então ninguém pode chamar-Lhe bom.

Nosso Senhor quis também com aquela Sua resposta mostrar que não era dado a homem algum ser bom exclusivamente por suas próprias forças,

pois que toda a Bondade tinha uma só fonte. E se em Deus se encontra o único Bem verdadeiro, então é d'Ele apenas que provém o auxílio para que pratiquemos boas ações.

O moço do Evangelho afirmou que tinha cumprido os mandamentos. Isso, porém, não constituía aos olhos de Jesus a perfeição. Nosso Senhor, fixando nele o olhar, sentiu amor por ele e disse-lhe: «Falta-te ainda uma coisa. Vai para casa, vende tudo quanto possuis, dá-o aos pobres e dessa maneira guardarás no Céu o teu tesouro. Depois, volta para Mim e segue-Me». Ao ouvir estas palavras, o moço deixou pender a face e foi-se embora cheio de tristeza, porque era muito rico.

O amor de Cristo a este moço era exigente: recusou-se a consentir facilidades nos requisitos morais, a fim de lhe tornar mais suave a admissão entre os Seus discípulos; pelo contrário, quis tocar-lhe no ponto fraco da riqueza, exigindo-lhe que a cedesse aos pobres. Quando o moço assim procedesse, então estaria verdadeiramente em contato com a fonte da bondade e apto para possuir a bem-aventurança eterna.

É necessário que todos quantos têm procurado tirar os espinhos ao Cristianismo e tentado transformá-lo assim numa confortável poltrona de moralidade humana, compreendam que o ideal cristão é ainda mais alto do que estamos dispostos a crer, e que há neste mundo centenas de milhares de almas que ainda o procuram atingir. Tal qual o moço deste episódio evangélico, nenhum coração humano ignora que ainda falta qualquer coisa para o alcançar plenamente. Muitos há, com efeito que, a exemplo desse moço, se afastarão, embora cheios de tristeza, quando descobrem que é mister algum sacrifício heróico. O que é preciso, por conseguinte, é que não pratiquemos o erro de não proporcionar ao moço o ensejo de compreender e de apetecer o heroísmo. É muito maior do que geralmente se supõe a capacidade da juventude para tudo quanto é santo e quanto é bom.

A propensão revolucionária da mocidade de hoje é, afinal, um protesto contra a geração dos seus maiores, por não ter sabido dar-lhe ao menos uma possibilidade de escutar os ideais da Suma Bondade.

A amargura da mocidade de agora não provém de recusar-se a seguir esses ideais, mas sim de nem sequer os ter ouvido.

Capítulo XXXI

Usa, serás mestre

Ninguém conseguirá jamais aperfeiçoar o caráter se não compreender o velho preceito: «Usa, serás mestre». O sábio tornar-se-á mais sábio, o rico tornar-se-á mais rico, e o que pouco tiver, aprenderá a conservar esse pouco.

É talvez por força desse proverbial preceito que acontece tantas vezes — com protestos da generalidade das gentes — que nos sorteios de automóveis, estes saem a quem já possui um, e que nos testamentos os legados chorudos¹⁷ vão para quem já tem dinheiro. Repare-se, porém, que isso não representa cegueira da sorte, mas sim antes a confirmação do fato de serem aqueles que já possuem dinheiro os mais aptos para o fazerem render com maior lucro, dobrando e até mesmo triplicando assim o seu produto.

Os tesouros aumentam quando empregados: enterrados, enferrujam-se. São os que têm que receberão.

Até mesmo nas esferas mais altas da ordem moral, são os que mais uso fazem do bem, que mais lhe alargam a projeção e mais o enriquecem. Quanto maior uso se faz da inteligência para os altos objetivos a que ela se destina, mais ágil e profunda ela se torna. Pelo contrário, os que se contentam com olhar em vez de pensar, os que preferem ver história ou

¹⁷ Legado: aquilo que se deixa por testamento a quem não é herdeiro forçoso ou principal. Chorudo: [Figurado] - Que dá muito lucro ou muita vantagem. = LUCRATIVO, PINGUE, RENDOSO. Importante.

histórias em séries de desenhos, em vez de as lerem em prosa, acabam por chegar a uma altura — ou melhor, por descer a um nível em que ler um livro sério representa para eles um martírio, se não uma impossibilidade. À força de tudo querer abreviar e tornar fácil, acaba-se por atrofiar por falta de uso as mais altas faculdades do espírito.

Numa ordem moral mais elevada ainda, quando a voz da consciência é ouvida, respeitada, seguida e obedecida, essa mesma consciência torna-se mais sensível ao dever, mais compreensiva dos fardos que pesam sobre os outros e mais caritativa para com as provações e dores alheias.

Quando, pelo contrário, se fazem ouvidos moucos às vozes da consciência, quando se permite que elas sejam abafadas pelos clamores do erotismo carnal, quando os instintos animais são obedecidos em detrimento dos imperativos divinos, a consciência principia a anquilosar-se, a secar, a enrugar-se como flor a que se chegasse um ferro em brasa.

Todos nascemos com um «capital moral» que é a consciência. Se empregarmos esse capital, aumentamo-lo em acréscimo de bondade e de honradez. Pelo contrário, a falta de uso desse capital moral traduz-se na sua perda, tal qual sucede à toupeira, cujos olhos perdem a faculdade de ver, por passar a vida às escuras debaixo da terra. Desleixos dessa ordem são punidos com terríveis castigos: qualquer espécie de talento que se possua acaba por se perder, e bem depressa esses a quem tal sucede tornam-se semelhantes à mulher dissoluta de quem fala o Livro dos Provérbios, que limpava a boca e dizia: «Não cometi pecado algum».

Este preceito explica por que razão certos intelectuais de tão profundo saber nem sempre são dotados de virtude que se compare com a sua ciência. Quantos mestres há que sabem todos os argumentos com que Aristóteles demonstrou a existência de Deus, e que, todavia, nunca Lhe dirigiram uma palavra de prece!

Como jamais procederam de harmonia com o escasso conhecimento

que dessa maneira ficaram a ter de Deus, aproveitando-o para aprofundar a sua união com Ele, esse conhecimento atrofia-se como árvore que secasse sem ter chegado sequer a produzir fruto.

É o emprego da inteligência, e não a sua mera posse, que auferir recompensa. O conhecimento de qualquer verdade que possa influir na vida dissipar-se-á em fumo quase sempre, se quem esse conhecimento possuir o tratar com indiferença ou menosprezo. As verdades morais que já conhecemos, se não lhes obedecermos inteiramente com disciplina e com esforço, são tardarão a parecer-nos verdades desagradáveis, porque não conformamos com elas o nosso modo de vida.

Todos os doutores em teologia deviam ser santos e todos os doutores em filosofia deviam ser tão perfeitos como Platão ou Sócrates e, todavia, a verdade é que a maior parte dos santos nunca se doutorou em teologia e a maioria dos homens moralmente perfeitos nem sequer cursou filosofia. Para que a inteligência, a vontade e o sentimento moral do dever possam desenvolver-se, é mister que sejam presos ao coração dos homens com aros de ferro, para que nele se entranhem profundamente e sejam capital que principie a produzir o lucro de uma vida feliz e tranquila.

O que é verdade na ordem natural, é também verdade na ordem sobrenatural ou da divina graça. Só os que sabem usar das graças que recebem, receberão mais graças. Assim como na ordem natural só se nos depara uma segunda oportunidade após termos utilizado devidamente uma primeira, assim também na ordem espiritual só depois de nos havermos sacrificado inteiramente na conquista do Reino de Deus é que receberemos novos incentivos de maiores energias e virtudes. Em todos os corações esta lei está escrita: seja o que for que cultivemos, material ou divino, isso crescerá, e seja o que for que desprezemos ou de que não cuidemos, isso morrerá. Verdade desatendida será verdade aborrecida; verdade obedecida será verdade recompensada, mais prodigamente que dinheiro aos mais altos

juros. Só de nós depende a escolha, pois colheremos o que tivermos semeado!

Capítulo XXXII

Verdadeira História da Criminalidade Infantil

Criminalidade infantil é, em geral, tratada em cada país como se fosse apenas um problema nacional de cada estado, — como realmente é em grande parte.

Melhor compreendido e tratado seria, porém, se fosse encarado em função da situação internacional da mocidade.

Haverá, por exemplo, alguma relação entre a criminalidade infantil nos Estados Unidos da América e a mentalidade da juventude comunista da China ou de qualquer outra nação?

Visto o problema nas suas linhas gerais, verificamos que existem na realidade três graus progressivamente agravados de criminalidade infantil.

O primeiro grau ou causa dessa criminalidade é de ordem filosófica e educativa. Resulta de se ensinar à mocidade que não existe diferença entre o bem e o mal, que essa diferença não passa de uma questão de «ponto de vista» e que só em função desses pontos de vista se chama a isto «virtude» e àquilo «vício». Está ligada a este critério a falsa teoria psicológica de que nunca se deve ensinar à mocidade que existe uma coisa chamada responsabilidade pessoal, pois que há somente reflexos sociais, os quais são

susceptíveis de serem regulados e orientados por uma técnica sociológica apropriada. Por estes processos, destrói-se o sentido da responsabilidade, do dever e da justiça perante a sociedade, visto que se atribuem as culpas ao ambiente, à sociedade, à hereditariedade, ou às glândulas endócrinas, em vez de se atribuírem ao livre arbítrio de cada jovem.

O segundo grau ou a segunda causa da criminalidade na juventude ocorre quando a influência comunista se infiltra numa democracia e se serve dos moços como de uma Quinta Coluna consciente ou inconsciente, para minar os alicerces da sociedade, como passo necessário para a instauração dum Estado Comunista. Alcança-se esse objetivo preliminar transformando a liberdade em licença, destruindo as bases morais e espirituais da mocidade, induzindo-a ao uso de estupefacientes o que constitui uma técnica especificamente comunista — e aos maiores desmandos de imoralidade. Neste segundo grau, incita-se a juventude a fazer tudo quanto lhe apetece, em nome da «liberdade», a renegar os pais e os superiores por fazerem parte de uma «ordem anacrónica», a cometer selvagerias, a corromper outros jovens, a viver, enfim, sem disciplina, nem decência, nem regras, nem ordem,

O terceiro grau é o que Dostoievsky profetizou, quando escreveu que «a liberdade ilimitada é o limiar da tirania ilimitada». Chegado esse terceiro grau, chegou a altura em que os Comunistas «apertam as tarraxas» à mocidade. E isto que aqui dizemos é o que está, de fato, a ocorrer na China, segundo uma técnica que é, aliás, a mesma em qualquer parte do mundo. A mocidade é então sujeita a uma disciplina de ferro, obrigada a entregar totalmente a sua vontade, a sua liberdade, as suas opiniões e até mesmo as suas próprias pessoas ao imperativo da criação duma sociedade revolucionária. As normas do treino comunista passam então a ser as do sacrifício, da autocapitulação, da autodisciplina ascética, a fim de que o «*tchong-yong*» ou domínio do pensamento e das ações sejam para os

jovens o supremo objetivo da sabedoria e da educação. Exige-se-lhes que repudiem família, amigos, liberdade mental e até a si próprios. Como o ensina um dos compêndios para uso da juventude chinesa: «Se procuras o teu aperfeiçoamento pessoal, estás a enganar-te a ti mesmo. Só existe um mandamento: obedecer ao Partido». Nem durante as férias escolares este treino sofre interrupção, pois são aproveitadas para «retiros» em que se lhes pede que demonstrem a sua dedicação ao Partido deixando de usar sapatos, trabalhando ininterruptamente oito horas por dia, passando até sem comer, se for preciso, - tudo a fim de instaurar a sociedade revolucionária.

Por outras palavras: enquanto as Democracias e as nações do mundo ocidental que se intitulam cristãs desleixam o espírito de sacrifício, de disciplina e de ordem moral, os Comunistas aproveitam-se dessas verdades, pervertem-nas, e assim «viradas do avesso» põem-nas ao serviço do ódio, em vez do amor; da tirania, em lugar da liberdade, e da multidão em vez da pessoa humana. Traduzindo isto em linguagem mais espiritual: o Mundo Ocidental deixou cair por terra a Cruz de Cristo e o Mundo Comunista apanhou-a, ergueu-a ao alto e plantou-a nos Calvários da moderna civilização materialista, mas transformada sacrilegamente num gigantesco martelo com o cabo para baixo cravado no chão, e a cabeça de ferro atravessada no topo, qual brasão sobre fundo rubro de sangue e fogo. É sobre esse martelo que o homem de hoje é crucificado.

Importa, por conseguinte, que o Mundo livre tempere a educação da mocidade com um bocadinho de disciplina, a bem dessa liberdade, para que os Comunistas não possam arrebatá-la em holocausto à escravidão dela e de todos nós.

Perdoar

Capítulo XXXIII

Não Basta Perdoar

A psicologia moderna enriqueceu profundamente os nossos conhecimentos acerca das razões subscientes da vontade. Como, porém, não teve na devida conta o sentimento da culpa, assim também não apreendeu uma das maiores necessidades do coração humano, a qual vem a ser a de «reparar» o mal que tenha sido praticado. Numa ou noutra ocasião sucede decerto a muitos rapazes quebrarem vidros de janelas; os que tinham recebido lições de honradez, não só tratavam de ir buscar a bola que assim entrara por infração na sala da aula, como não se esqueciam de «pagar o vidro».

Esta pronta disposição para reparar o mal mantém-se na idade madura em muita gente, quando o mal praticado é meramente externo, como seja embater com outro automóvel ou partir uma peça de louça num café.

Quando, porém, se trata de danos morais e íntimos, tais como excessos alcoólicos, escândalos de imoralidade, propagação de calúnias, muita gente julga que nada mais lhe cumpre fazer senão «passar uma esponja» sobre o mal cometido e não pensar mais nisso. Pois até mesmo as leis da física demonstram que isso não é bastante. Suponha-se um indivíduo parado num ponto A, que representa uma zona neutra. Surge outro indivíduo, que suporemos investido em funções de comando, a ordenar que se desloque três passos para a direita. Imaginemos que, em vez

de obedecer, o tal indivíduo dá três passos para a esquerda. Nessa altura, compenetra-se de que desobedeceu, pede desculpa e obtém-na. Veja-se, porém, onde ele está: está a três passos de distância do ponto neutro A, de onde terá que se deslocar mais três passos para chegar ao local que lhe ordenaram. Quer dizer que, antes de dar estes três passos na direção devida, tem primeiro de dar três passos de penitência, como antes dera três passos de desobediência.

Outro exemplo ainda mais simples: imaginemos que durante uma conversa, o nosso interlocutor nos rouba o relógio. Tem logo um rebate de consciência e pede perdão, que nós lhe concedemos, mas com a condição de ele nos restituir o relógio.

Não basta, por conseguinte, que se peça e obtenha perdão: é necessário que, para reparar a falta, se preste reparação, seja por que maneira for.

Toda a infração duma lei, quer civil, quer moral, constitui uma quebra da ordem, etimológica e rigorosamente uma «desordem». Para restabelecer o equilíbrio, é mister qualquer compensação. Nos que praticam o mal, é fácil que surja o remorso, mas é mais difícil e raro que se faça penitência e se preste reparação. O ladrão arrepende-se, quando é apanhado; o professor que ensina subrepticiamente comunismo aos discípulos, envergonha-se quando se vê descoberto, mas nada disto constitui renúncia ao mal praticado, a qual só será efetiva e certa quando esse mal for devidamente reparado.

Dinheiro roubado tem de ser restituído; calúnias propagadas têm de ser desmentidas; pecados secretos têm de ser eliminados por confissão sacramental e penitência, em proporção da ilegitimidade do prazer que neles se teve.

Nem sempre, aliás, se impõe que a reparação do mal seja prestada na mesma espécie, pois que a caridade tem poder para reparar uma multidão

de pecados.

É por esta razão que aqueles que desfrutam o privilégio de possuírem os bens deste mundo, podem reparar os pecados mediante esmolas aos pobres por amor de Deus.

A razão psicológica do espírito de crueldade que caracteriza o mundo atual consiste em que aqueles que têm escondido no mais profundo da alma um sentimento de culpa, sentem instintivamente a necessidade de a reparar de alguma forma. Como, porém, se negam a reconhecer lealmente essa culpa como propriamente sua, infligem aos outros o castigo que só eles mesmos deviam sofrer. Quem não é duro consigo mesmo à conta das suas próprias faltas, será sempre duro com as faltas alheias.

O orgulhoso que julga ter sempre razão, está sempre pronto a ralar com os criados, com o imbecil do condutor «daquele automóvel», com os complexos da sogra e com a incompetência dos empregados do seu escritório.

E aqueles que a si próprios se consideram «excelentes corações» são incapazes de limar arestas do seu feitio e trato quotidiano, a fim de se tornarem realmente boas pessoas. A imensa crueldade dos governos comunistas deve-se ao seu sistema de atribuírem automaticamente aos outros a culpa dos próprios erros.

Quando certos indivíduos adoecem em consequência de excessos que praticaram, os cuidados do médico e os carinhos da enfermeira podem vir a servir-lhes de desculpa para recaírem nos mesmos excessos, tão depressa se vejam restabelecidos.

O nosso amor ou desamor por alguém ou por qualquer coisa mede-se pela dose de sofrimento que estamos dispostos a suportar para conseguir aquilo que amamos, ou para evitar aquilo que detestamos.

Uma coisa é o perdão de Deus e outra coisa é nós demonstrarmos que desejamos realmente esse perdão, e só o demonstraremos pela

qualidade de energia que consagrarmos a reparar o mal que praticamos.

E isto explica a razão por que na tradição de todas as relações existiram sempre vários tipos distintos de reparação retroativa, tais como a oração, as esmolas e as penitências corporais. Suponha-se que, de cada vez que um indivíduo cometesse um pecado, fosse obrigado a ficar um prego numa parede; e que, de cada vez que fosse perdoado, tivesse de arrancar um desses pregos. Mesmo que chegasse a poder arrancar todos os pregos, nem por isso a parede ficaria lisa, pois que permaneceria crivada de buracos. Pois a reparação de todos esses pecados seria nesta parábola o trabalho de tapar com argamassa todos esses buracos, para que a parede ficasse de novo perfeitamente lisa. Quando o homem moderno voltar a proceder dessa maneira, quando recomeçar a dar aos pobres, quando reaprender a ser duro e ríspido consigo mesmo, para de tal maneira fazer reparação do mal que praticou, então é que terá dado o mais largo e firme passo, para atingir essa íntima paz que jamais o mundo lhe deu, porque somente Deus lhe pode dar.

Capítulo XXXIV

É preciso dominarmo-nos

Se existe ensinamento que à nova Civilização moderna custe aprender é o da necessidade de nos sabermos dominar. A educação, a propaganda e a tendência geral dos tempos de hoje proporcionam facilidades para cada qual gozar os prazeres que lhe apeterem e para dar largas aos seus instintos egoístas. E o Comunismo contribui para aguçar esses apetites com o seu credo de que, por meio da força, podemos fazer nosso o que pertence aos outros. E também por sua vez o Socialismo contribui para essa tendência com a sua teoria ilusória de que, se o Estado fizer propriedade sua tudo o que pertence a cada um, cada um fica afinal proprietário de tudo, sem gastar um centavo. Por seu turno, a educação também colabora em igual sentido, pois que limita o seu papel a mobilar¹⁸ os cérebros com meia dúzia de fatos, esquecendo-se completamente de formar a vontade, que é a base do caráter.

Parte-se do pressuposto de que os homens são tão inteiramente bons, que os seus mínimos desejos, apetites, instintos, vontades ou caprichos devem poder ser satisfeitos. Ora, a verdade é que existem igualmente em nós tendências más, das quais nos tornamos escravos se as satisfazemos. Isto não quer dizer que a nossa natureza seja totalmente corrupta, — porque o não é; significa, sim, que ou nos comportamos como comboios peritamente conduzidos, que não saem dos carris, ou como comboios sem

¹⁸ Guarnecer ou equipar com mobília.

governo, descarrilando em nome de uma falsa liberdade, para «vivermos a nossa vida». Ou então, como um rio que, enquanto se mantém dentro do seu leito pode ser uma via útil para o tráfego comercial, mas que se prefere sair do traçado das suas margens se transforma no flagelo de uma cheia ou no lodaçal de um pântano. Se em cada homem não existisse qualquer coisa que nos inclina para o mal, nunca teria sido preciso que todas as religiões tanto insistissem na necessidade do sacrifício e da penitência, como acontece especialmente no Cristianismo, que nos ordena mortificação.

A propensão para o mal, que em nós existe, assemelha-se, na força com que nos faz descer para a animalidade, à lei da gravidade, quando existe outra lei diametralmente oposta, lei espiritual que nos impõe o dever de procurarmos alcançar os altos cimos, tais como a inteira verdade na nossa inteligência e o perfeito Amor na nossa vontade.

Espírito e corpo têm cada qual as suas leis próprias, que às vezes se contrariam, qual parelha de cavalos em que um puxa para a direita e o outro para a esquerda. Governados pela Lei de Deus, espírito e corpo trabalharão harmoniosamente; mas se o corpo estiver em desacordo com o que é vantajoso para a nossa mais alta natureza espiritual, o resultado será a destruição da paz e da felicidade interior.

Existem neste mundo numerosas pessoas que constituem «casos mentais», como agora sói dizer-se, ou que, falando claro e à antiga, são «malucos». Ora também existe muita outra gente que tem infringido muitas vezes as leis da consciência, arruinando assim o espírito e o coração tão profundamente, que até imagina poder curar-se com o mesmo tratamento que se receita para os doidos. Coisa, porém, impossível, visto que o mal deles é de ordem moral, ao passo que o dos desequilibrados mentais é de carácter orgânico ou funcional, e que a ruína das suas vidas a causaram eles, em consequência de desregramentos, assim como um pedaço de vidro ficaria arruinado se fosse utilizado para britar pedras.

A palavra «pecado» é vocábulo que ninguém hoje em dia gosta de ouvir, e todavia principiariamos a ser mais felizes logo que nos compenetrássemos de que, provavelmente, a maior parte dos nossos males provêm do fato de sermos pecadores. O recurso às bebidas alcoólicas e aos comprimidos de anestésicos constituem processos com que muita gente procura fugir aos brados da consciência que lhes recorda os preceitos da lei moral.

Pecado é «des-ordem» e no sentido lato da palavra não há des-ordem, — se voluntária e propositada — que não seja pecado. Aqueles que argumentam que essa noção de pecado origina um «complexo de culpa», inventam um nome pseudocientífico com que pretendem justificar a renúncia ao tratamento adequado. Então por que não reduzir também a um mero «complexo de doença» o estado das pessoas que estão enfermas e pedem que lhes chamem um médico?

Reconhecido por qualquer pessoa o fato de ter procedido mal, pode essa pessoa começar a enveredar por bom caminho, se quiser realmente também que o mesmo esforço que despendeu para cometer esse mal lhe será bastante, uma vez orientado em sentido oposto, para praticar o bem.

Um cordel enrolado em volta de um dedo impedirá momentâneamente a circulação, mas o sangue continuará a afluir, procurando vencer esse obstáculo, o que dará origem a compressão, dor e, por fim, a febre. Quer isto dizer que a circulação, que é boa e precisa, torna-se neste caso um mal. Pois o mesmo pode dizer-se do pecado. A ação da nossa vontade e esforço, coisas boas em si, tornam-se em mal, porque são orientadas na direção nefasta dum pântano maléfico, de onde se evolvem gases venenosos que entontecem o espírito. Assim como um comboio descarrilado acaba por se destruir a si próprio em consequência da sua velocidade, assim também corre à sua perdição aquele que descarrila dos trilhos da Lei de Deus. Graças, porém, à misericórdia divina, podemos

regressar ao bom caminho e empregar para chegarmos à bem-aventurança o mesmo esforço que havíamos malbaratado na senda do pecado.

Pecar é, com efeito, empregar energias em sentido proibido, mas que a graça de Deus orientará para a direcção permitida.

Capítulo XXXV

O Fariseu e o Publicano

Não ser que se arrependa, um coração onde reside o pecado transbordará constantemente de censuras e de ódio contra tudo e todos. Não acreditar nas virtudes alheias é sintoma característico de que no íntimo dum coração se esconde o vício. São os interesseiros e egoístas os que mais acusam os outros de nada fazerem, senão movidos pelo interesse próprio.

Sempre os políticos venais duvidarão da honradez dos políticos honestos, assim como os ladrões não acreditam que exista gente que o não seja, e assim como os corruptos chamam hipócritas às pessoas de sentimentos religiosos, porque bem sabem que se aparentassem caloroso interesse pelas coisas de Deus, toda a gente lhes chamaria hipócritas a eles, e com razão.

O pecado é para a alma o que uma infecção é para o corpo. Sangue infectado por daninho vírus, manifesta-se em palpitações febris; moral infectada pelos vícios manifesta-se em irritação, ansiedade, descomedimento de linguagem e num sem-número de outros sintomas de instabilidade mental.

De nada serve tentarmos negar as deficiências morais da gente dos nossos dias, e ainda menos tentarmos disfarçá-las sob aparências espectaculares do gênero das que se denominam «obras caritativas», como tentam fazê-lo pretensiosamente muitas pessoas da «sociedade». Nosso

Senhor contou a parábola de dois homens, cujos pecados só Deus e eles próprios conheciam: um era o Fariseu que avançou pelo Templo dentro até ao santuário e proclamou a Deus tudo quanto estava a fazer para «tornar melhor este mundo» (como está em moda dizer-se hoje) dando esmolas aos pobres, colaborando com o governo, não dando escândalo com a prática de pecados públicos, ao contrário dos outros que frequentemente os cometiam. No que se enganava este Fariseu era em comparar a sua vida, não com os preceitos divinos e morais, mas sim com o comportamento exterior da gente má, perante o qual a própria vida lhe parecia digna de exaltado elogio próprio. Será talvez por isso que muita gente gosta de ouvir e de ler notícias de escândalos: porque, à vista deles, chega a julgar-se a si própria um poço de virtudes.

Por isso, a oração do Fariseu era: «Agradeço-te, Senhor, porque não sou como os outros homens». O egoísmo chega a tais extremos, que tudo quer pôr ao seu serviço, incluindo a oração e até o próprio Deus.

Quando Filipe, rei da Macedônia, pôs cerco à cidade de Samos, lembrou-se de usar o estratagema de enviar arautos aos sitiados, para os induzir a capitularem, anunciando-lhes que queria conquistar-lhes a bela e famosa cidade, tal como um homem apaixonado quer conquistar a sua amada. Os habitantes de Samos enviaram-lhe em resposta um orador que disse ao Rei não ser costume do seu país cortejar as mulheres ao rufar dos tambores e do clangor das trombetas. Pois o Fariseu também foi ao Templo para cortejar a Deus com a proclamação dos seus altos feitos de ação social, — o que era, afinal, uma maneira de dizer a Deus que não precisava d'Ele para nada, pois não tinha pecados que carecessem de perdão, mas sim e apenas virtudes dignas de recompensa.

Entretanto, lá no fundo do Templo, o Publicano orava: «Senhor, tende piedade de mim que sou um pecador». Ora isto deve servir de lição a quantos dizem que o princípio da redenção está na contemplação do

pecado, quando a verdade é que o verdadeiro espírito de penitência acorda em nós, não tanto pela consideração da nossa maldade, mas sim pela consideração da Bondade de Deus. Quem está doente e só pensa na sua doença em vez de pensar no que lhe receita e aconselha o médico, desespera em vez de esperar.

Não foram os pecados cometidos que deram ao Publicano o direito de pedir perdão, mas sim, a Bondade de Deus.

Existe como que uma equação entre a miséria do homem e a Misericórdia divina. Se pensarmos somente na Misericórdia de Deus sem nos humilharmos, podemos cair no pecado de presunção; se nos humilharmos e pensarmos apenas na nossa miséria esquecendo-nos de que Deus é infinitamente bom, corremos o risco de desesperar.

De um lado, o Nosso Pai que está nos céus; do outro lado, a nossa alma que está no pó, - eis a verdadeira equação que resolve o problema da renovação e redenção da vida. Quanto mais alto um balão sobe no espaço, mais pequeno vai ficando; quanto mais alto uma alma sobe para Deus, mais pequena parece aos próprios olhos.

O pior mal deste mundo não é o pecado: o pior mal é não quisermos reconhecer que pecamos, tão certo é que o cego mais cego é o que teima em afirmar que não é cego, pois que esse jamais chegará a ver.

O Fariseu no cimo da nave do Templo foi um exemplo de certas teorias psicológicas dos nossos dias, pois que a sua prece se baseava na convicção da sua própria bondade intrínseca.

Quando, porém, não se crê na Bondade de Deus e na maldade das nossas vidas, o coração começa a encher-se de azedume. Sempre que uma época ou um povo perdem a fé na Divindade, sobe nas almas a maré do ódio - e o ódio é fonte venenosa de destruição e ruína. Quem tem a consciência de que pecou, bate no peito como que para expulsar o mal que se lhe alojou no coração, como fez o Publicano. O cínico, porém, que não

tem Deus para quem possa apelar na sua angústia amarga, pode bem julgar que só no suicídio terá refúgio, pois que é quase sempre para esse fim que o desespero conduz.

É extenso o saber dos homens acerca do Universo, mas é bem escasso acerca de si mesmo, talvez porque quase toda a gente tem medo de se ver a si própria, tantas são as nódoas que lhes conspurcam a alma.

Se, porém, tivessem a coragem e a humildade, uma vez que fosse, de olharem para dentro das suas consciências, de reconhecerem as suas culpas e de erguerem os olhos para a Bondade e Misericórdia divina, como o Publicano, então veriam como Deus «escreve direito por linhas tortas».

Humildade

Capítulo XXXVI

Espírito de crítica

Críticos são em muitos casos homens falhados. Crítico literário, é um cavalheiro que tentou fazer literatura, sem mesmo ter chegado a produzir obra de jeito. Crítico dramático, é outro que se senta em cima da resma de papel em que nunca escreveu uma só peça, para criticar as peças que os outros escreveram. Nem sempre, sem dúvida, — mas frequentes vezes, o espírito de crítica resulta da incapacidade de produzir, ou é manifestação de inferioridade. O padroeiro desses críticos que acham mau tudo o que os outros fazem, porque não conseguem eles próprios fazer nada que seja bom, — é Judas. Quando viu Maria Madalena derramar óleo perfumado nos pés de Nosso Senhor, criticou o desbarato¹⁹. E como era ladrão, não podia compreender que certas coisas perdem o caráter sagrado que porventura tenham, quando são postas em leilão. O retrato duma mãe, o anel dum pai, o presente dum amigo, tudo isso perde o valor no instante em que é avaliado. Quem verdadeiramente dá, jamais tem em conta o valor do seu presente: tem mesmo o cuidado de suprimir a etiqueta do preço, a fim de que jamais se possa estabelecer proporção entre o dom de quem ama e o amor de quem dá, como também se diz na Imitação de Cristo. O crítico, porém, — como disse Oscar Wilde, «é um indivíduo que de tudo sabe o preço e de tudo desconhece o valor».

Judas tinha a bolsa do dinheiro presa na cintura quando Maria

¹⁹ Desperdício.

Madalena derramou o conteúdo do vaso de alabastro nos pés de Jesus. Criticou-a por egoísmo, assim como depois atraçou o Divino Mestre por avareza. Deu, porém, uma aparência moral à sua censura, com dizer que o perfume podia ter sido vendido e o produto dado aos pobres. Não há traidor algum que não procure qualquer falso pretexto de justificação moral para a sua vilania. Nessa crítica não vai parcela de sinceridade de alma, ao passo que no dom de Madalena foi todo o coração e toda a alma.

Nem sempre se repara em que os que criticam os outros revelam muitas vezes os seus próprios caracteres. A crítica de Judas não se baseava no amor dos pobres, mas no fato de que ele era um ladrão. Foi por isso que Nosso Senhor, que lhe lia no segredo do coração, lhe respondeu: «Deixa-a em paz». Parabéns sem amizade, palavras doces sem afeto, discursos em prol dos proletários sem sinceridade, — são tudo máscaras que Nosso Senhor, naquela sua réplica a Judas, arrancou do rosto dos críticos.

Pensar apenas no valor de venda das coisas, é macular o que elas podem ter de verdadeiramente precioso. As alegrias inocentes da meninice, o sacrifício duma esposa, a ternura duma filha, — são coisas que não têm neste mundo dinheiro bastante para as pagar. Reduzir tudo às sórdidas tarifas dos valores materiais é esquecer que certos dons, como o de Maria Madalena, são de tal maneira preciosos, que o coração que os ofereceu será sempre louvado enquanto existirem homens sobre a Terra.

Embora o espírito de crítica possa resultar duma ambição malograda, pode todavia ter a sua utilidade. Convém todavia não esquecer que não se deve cavar um buraco sem ter qualquer coisa com que o encher. É melhor estímulo dum esforço encorajá-lo do que criticá-lo, talvez porque ninguém olha primeiro para si próprio e não tem portanto a consciência dos próprios defeitos. Não existe neste mundo pessoa alguma de tão mau caráter, que não conserve ainda dentro de si alguma possibilidade de melhoria. Para acender uma fogueira, a madeira seca é preferível à úmida, mas até para

esta chegará momento em que acabará por arder.

O que não consegue o poder dos homens, facilmente o pode fazer a Graça de Deus. Maria Madalena, que por ter derramado o jarro de perfume nos pés de Cristo foi tão censurada pelos assistentes e principalmente por Judas, decerto que compreendeu nesse momento que o único refúgio das maledicências e vitupérios dos críticos era o coração d'Aquele que tudo sabe e que, portanto, tudo pode perdoar. Há tantos desgraçados, cujas vidas já estão tão repassadas de amarguras, que as críticas só lhes servirão para mais os afundar no desespero. Críticos, já o mundo tem demais: do que precisa este nosso pobre mundo de hoje é dos apóstolos que lhe deem ânimo. Quem, porém, lho poderá dar, senão o Divino Salvador misericordioso, manancial perene de toda a esperança?

Capítulo XXXVII

Muleta ou Cruz?

Certo marido, que era o primeiro a confessar que não conseguia ser fiel à esposa, ainda por cima a exprobrava por se refugiar em Deus, dizendo que ela se servia da religião como se fosse uma muleta. Quer isto dizer que a ideia íntima que ditava a este marido tal censura, era de que cada qual deveria obedecer apenas ao seu exclusivo critério de moralidade, sem se importar com coisa alguma senão consigo mesmo. O orgulho abominável de viver unicamente para a satisfação do egoísmo próprio chega aqui a um tal extremo de vertigem, que até os olhos podem também ser considerados «muletas» porque para ver precisam das flores, das aves, do mundo exterior, enfim; que também os ouvidos serão «muletas» pois que, para ouvirem, dependem do canto dos pássaros, do som das vozes, dos ruídos exteriores; que o estômago também será «muleta», porque carece de comida para exercer a sua função...

Ora é certo que nada existe na natureza que seja completo intrinsecamente e por si próprio: tudo depende de qualquer coisa alheia e externa — exceto o egoísta. A triunfal razão de ser das próprias nuvens é a de se desfazerem em chuva que vai cair prodigamente sobre outras coisas.

O egoísta, porém, porque vive unicamente para si próprio, acabará provavelmente por se desfazer em desventura e desespero, quando descobrir a inanidade da sua vida, — quando, após ter consumido até ao fim o saboroso tesouro da juventude e da maturidade, se encontrar às portas

da velhice e compreender então o desamparo da solidão.

Não, a religião não é muleta, é cruz. Não é porta de fuga, é um encargo; não é processo de evasão, é aceitação de responsabilidade. Exige sacrifícios e impõe que os suportemos.

Muletas servem de apoio, mas a cruz — é para nós a carregarmos às costas. De muletas servir-se-ão os covardes, mas é preciso ser-se herói para abraçar uma cruz.

Se quem imaginou que é coisa fácil carregar com uma cruz, chegar a reconhecer que se enganou e quiser reparar esse erro mediante penitência e sacrifício, descobrirá então de quanta coragem precisa para a tomar sobre si próprio.

A cruz leva-se aos ombros do orgulho e da inveja, dos maus desejos e dos ímpetos de cólera, até que o áspero contato do seu peso tenha conseguido desgastar inteiramente todas essas paixões ruins e as haja trocado pelas grandes e puras alegrias da vida, — porque, tal qual sucede a certas aves canoras, os seus mais doces cantos têm de ser aprendidos nas trevas. Enquanto na gaiola bate a luz do sol, os canários aprendem somente breves trilos, mas, na escuridão, aprendem longos cantos melodiosos tão perfeitamente, que jamais os esquecerão. Até em plenos desertos de salitre irrompem fontes de água doce; é à beira dos precipícios das montanhas que desabrocham as mais belas flores, e as canções mais belas foram inspiradas pelas mais dolorosas agonias da alma. Ousará alguém dizer que o ouro se encosta à muleta do fogo por ser o fogo que o separa das escórias que o envolvem? Ou que o mármore se apoia na muleta do cinzel que o desbasta e dele faz uma estátua? Muleta para quem não quer ouvir a voz da consciência é o alcoolismo, mas para quem se arrepende e se liberta do vício, a religião não é muleta, é uma cruz.

Quando a mãe de dois dos discípulos pediu a Nosso Senhor que os seus filhos ficassem à direita e à esquerda d'Ele na glória celestial, o que

afinal pedia para eles — eram muletas. Em resposta, porém, Jesus perguntou-lhe se eles seriam capazes de beber o cálix dos heróicos sacrifícios. Assim como a neve é fria e todavia aquece e rejuvenesce a terra, assim também os sacrifícios e as dores suportadas com resignação cristã aquecem e rejuvenescem a alma. Os que se encostam a muletas apodrecerão banhados em delícias; os que carregam cruzes purificar-se-ão em sofrimentos.

Quando um incêndio devasta uma floresta em labaredas furiosas, sucede que o calor faz abrir as pinhas dos pinheiros e liberta as sementes, que na terra aquecida e fertilizada produzirão novas árvores. Assim também levar uma cruz, se primeiramente é fogo de sofrimento para a alma, é-lhe também depois fonte de venturas e até de santidade.

Os egoístas e os tímidos que comparam a religião a uma muleta assemelham-se aos cegos, que chamam visionários aos que veem. Um barco não é muleta para quem quer atravessar um rio, assim como não o é um lápis para quem quer escrever. Só lhes chamará muletas quem tiver medo de atravessar o rio, ou quem não souber e tiver preguiça de aprender a escrever.

Os heróis têm que contar com a zombaria dos comodistas e dos medrosos — dos mesmos que, ao verem erguido ao alto rio Calvário o Herói Supremo da Cruz, o chasquearam²⁰ desafiando-O a que dela descesse, se era capaz.

Segredava-lhes o instinto egoísta que aquele amor era a condenação do amor-próprio. Desde sempre este mundo esteve dividido entre duas categorias de homens: dum lado, os que alcunham de muleta a religião, porque não a compreendem nem creem nela, e, do outro lado, os que lhe chamam cruz, porque creem, porque souberam ouvir e compreender o

²⁰ Chasquear: verbo transitivo: 1. Dirigir chascos a. 2. Zombar de. verbo intransitivo: 3. Dizer chascos.

conselho de Jesus: «Tomai a vossa cruz e segui-Me».

Capítulo XXXVIII

Os dons espontâneos são os melhores

Muitos dos que estão no Céu, foram na Terra alcoólicos, adúlteros, ladrões, bandidos, — mas não está no Céu ninguém que não se tenha feito humilde.

Ora existe muita gente para quem esta palavra «humildade» evoca automaticamente a ideia de subserviência, de que «ser humilde» consiste em deixar que os outros nos deem pontapés, que equivale, enfim, a ser-se «capacho». Assim o supunha esse grande poeta que foi Keats, que por isso escreveu que detestava a humildade. Ora a humildade não é ter-se desprezo por si próprio; é, sim, o conhecimento do que verdadeiramente somos e valem, acrescido de respeito pelos outros. Foi assim que São Paulo disse que «a humildade é a verdade».

Um homem que medir um metro e noventa centímetros de altura não será humilde se disser: «Oh! não, eu só tenho um metro e quarenta», — porque não dirá a verdade. O mesmo acontecerá a um grande cantor de ópera que afirme ser um ninguém na arte do canto, ou a uma mulher bonita que disser que é feia. Semelhantes afirmações contrárias à verdade não trazem humildade: são, pelo contrário, manifestações de vaidade,

hipocritamente disfarçada sob o manto da falsa modéstia. Em casos tais, a humildade consiste em reconhecer que Deus nos concedeu os dons que nos são elogiados, mas reconhecê-lo com modéstia sincera, pois que não há ninguém verdadeiramente humilde que não se sinta embaraçado com os encômios²¹ de que for alvo, visto que sabe que os seus talentos e predicados lhe foram dados por Deus: «que possuis tu que não tenhas recebido, e por que te ufanas, se tudo quanto és, o recebeste?» No mais íntimo do seu coração, o humilde agradece a Deus e oferece-Lhe os elogios com que os outros homens o distinguem. Recebe esses elogios como as janelas recebem a luz do dia, sem os tomar para ele, mas sim para os depor gratamente aos pés de Deus, cuja bondade o adornou com esses predicados.

Todas as coisas boas que os homens possuem, fazem com que corram o risco de cair no exagero, se porventura esquecerem que tudo isso lhes foi dado. Um homem investido de poder corre o risco de se ensoberbecer e de impor tiranicamente a sua vontade; outro dotado de brilhante inteligência incorre no perigo de olhar com sobrançaria²² para o ignorante, esquecendo-se de que este será talvez dotado de qualidades morais de muito maior valia que as suas faculdades intelectuais, e o audaz e corajoso pode tornar-se temerário e acabar por perder-se, por não ter querido atender o conselho dos prudentes.

Os que sabem ser cautelosos e vigilantes desprezam com facilidade os que o não sabem ser, e os fortes incorrem na tentação de quererem obrigar os fracos a darem as mesmas largas passadas que eles dão e enfurecem-se com eles por não poderem acompanhá-los. Ora a vida tem de ser temperada com aquele senso moral que reconhece serem dons de Deus a riqueza, a saúde, o saber e, acima de tudo, a fé, e que tudo isso só aumentará e terá proveito se inspirar humildade e agradecimento a Deus.

²¹ Encômio: 1. Elogio rasgado. 2. Gabo, aplauso, louvor.

²² Sobrançaria (sobranceria): 1. Qualidade do que é sobranceiro. 2. Orgulho; altivez. 3. Sobrecenho.

Ambicionamos sempre o que é melhor, mas cumpre não esquecermos que os melhores presentes são os dados espontaneamente. A primavera é um presente, a música é um presente, são dons as rosas, o ar que respiramos é um dom, é um dom a erva humilde, o ribeirão de frescas águas murmurantes, o céu esbraseado ao pôr do sol e o límpido rosicler²³ da nova aurora.

Até o amor é também um dom, porque se for imposto, será suborno ou será rapto, assim como o amor da pátria, quando forçado, é tirania. E o que é verdade no amor dos homens e das mulheres, é verdade no amor de Deus: do Seu lado, é livre, espontâneo, e do nosso lado deve também ser espontâneo e ser reconhecida gratidão: «A quem ouvir a Minha voz e lhe abrir a porta, Eu irei à casa dele e comerei com ele e ele a Meu lado».

Porque mais não somos senão recipientes dos dons de Deus, devemos ser-Lhe humildes, reverentes e agradecidos.

Perguntou alguém um dia a Daniel Webster, que foi presidente dos Estados Unidos, qual tinha sido o pensamento mais impressionante que jamais lhe ocorrera ao espírito, e ele respondeu que havia sido e nunca mais esquecera «o da sua responsabilidade perante Deus pelos dons que d'Ele havia recebido». Garfield, outro antigo presidente dos Estados Unidos, disse também a mesma coisa por palavras diferentes: «É acima de tudo indispensável que em qualquer ação que eu pratique, eu fique a ter boa opinião de James Garfield, porque ter de comer e beber, dormir e acordar com um homem a quem se despreza — seja eu próprio esse homem — é para mim insuportável só como ideia, e o que seria então se fosse uma realidade?»

O vaidoso coleciona recortes do que os jornais publicam a respeito dele, — e o humilde prefere acumular graças de Deus.

²³ Rosicler: adjetivo de dois gêneros: Que tem a cor da rosa e da açucena. Nome masculino: Cor afogueada como a da rosa.

Capítulo XXXIX

Dor e Angústia

Deus criou este mundo pequeno demais para nós. Os nossos desejos são maiores que tudo quanto conseguimos realizar, os nossos sonhos são mais risonhos do que a vida e as nossas esperanças são mais vastas que os nossos amores. Os nossos desejos são um oceano imenso, mas temos apenas uma pequena taça que não nos permite senão beber dele algumas gotas. A todos os instantes esbarramos com as muralhas do universo e ferimo-nos nas sebes de arame farpado que o rodeiam. E outra não é a razão profunda de todas as mágoas e de todos os sofrimentos: — é que fomos criados para o infinito. As nossas almas têm asas que, porém, não podem voar para além das grades dos nossos corpos e que se ferem ao esbarrar com a trivialidade do mundo em que vivemos.

A primeira resposta que dão todas as religiões à insatisfação da alma, é a de que fomos criados para Deus. Se desde o instante em que nascemos a nossa alma já estivesse repleta do amor desse Deus, jamais teríamos que experimentar sombra de angústia. Sofremos tais angústias, porque elas destinam-se a suprir de alguma forma as deficiências do nosso amor.

É bem frequente que aprendamos e apreciemos a lição de que não devemos pôr as mãos no fogo, com o termos queimado nele as pontas dos dedos. Assim também a obediência amorável às ordens dos nossos pais nos pouparia a muitos perigos, mas na falta dessa obediência, o castigo ou a dor

terão sido a consequência e ter-nos-ão dado a lição devida. Criados para Deus, absorvemo-nos todavia com as ninharias da terra, como se para elas somente houvéssemos nascido. É na terra que construímos os nossos ninhos, é na terra que edificamos o castelo das nossas esperanças e ambições, mas surge a dor como um incêndio que tudo desfaz em cinzas. Vamo-nos saciando de prazeres, vamo-nos aborrecendo de entusiasmos, vão-se esquecendo de nós os melhores amigos, até de riqueza e de poderio nos vamos saturando até à náusea, e tudo isso faz com que no mais recôndito dos nossos corações nós murmuramos com ansiedade cada dia mais intensa: «Meu Deus, será que tudo passa, menos Vós?»

A missão da Dor não consiste apenas em recordar-nos que a vida terrena não é tudo, pois que a Dor serve também para nos ajudar a expiarmos e a obtermos perdão para os nossos pecados.

Encontramos sempre a Dor à beira do pecado, para nos ser auxílio na redenção da nossa alma. Por isso, nem sempre a Dor será *externa*, como sob a forma de doença ou de desastre; pode ser, e é realmente as mais das vezes, dor *interna*, mesmo quando apenas a sentimos como um vago desconforto, como um remorder da consciência, como impressão de que há qualquer coisa que não vai bem, uma sensação de isolamento e de vazio na nossa alma. É esta forma de Dor que nos tempos de hoje está a encaminhar novamente para Deus tantas almas e tantos corações. Não há nada que mais faça sentir a um coração a angústia de estar vazio do que a sensação duma profunda sede. É disto analogia simbólica bem expressiva a conversão da Samaritana por Nosso Senhor à beira duma fonte.

Essa mulher já tivera cinco maridos, e o homem com quem então estava a viver nem sequer era um marido. Pois assim mesmo, ela tinha sede de amor. E é bem interessante e digno de nota que, nos Evangelhos, foi ela a primeira pessoa que chamou a Nosso Senhor o «Salvador do mundo». E do que Ele a salvou, foi da sede e do pecado.

Ora esta espécie de sede é mais feita de angústia que de dor. Não há ninguém que não tenha sofrido de angústia — até os moços em meio das suas alegrias. A angústia tem de certa maneira qualquer espécie de parentesco com a esperança, porque é uma sensação de que o universo não é um sonho vão e de que as aspirações da alma hão de ser satisfeitas — mas aonde? O pessimismo olha somente para o passado, na desesperada convicção de que nada o pode redimir, ao passo que a angústia expectante olha para o futuro, com a esperança de que o passado pode ser remediado.

A angústia provém, inclusive, da íntima certeza de que cada alma tem recursos que não utilizou ainda, e tanto basta para que a alma ganhe ânimo para erguer os olhos para o alto, confiada nesses recursos que lhe darão forças para chegar a mais sublimes destinos. A angústia não nasce da fraqueza nem do medo, antes é sintoma de fortaleza e de possibilidades de êxito.

Em vez de se entregar ao desespero, o homem moderno deve antes principiar a ter esperança, pois que Deus Se serve da angústia para chamar as almas a um amor que ultrapassa todos os amores do mundo e a uma ventura perante a qual todas as venturas da terra são tristezas.

Este século em que vivemos e que tem sido cenário da maior acumulação de riqueza e de força que jamais houve em qualquer dos séculos passados, caracteriza-se também por ser aquele em que maior tem sido a angústia dos homens. Os que encaram essa angústia como quem olha para o fundo dum abismo, deixam-se avassalar pelo negrume do desespero; os que resistem à atração e à vertigem da contemplação desse abismo e à beira dele erguem os olhos para o Céu, entoarão com alegria os cânticos da infinita bem-aventurança.

Capítulo XL

Juízos Temerários

Quase que a única espécie de reforma de que hoje se ouve falar é a reforma Social, — e sabe Deus quão necessária é, realmente. Importa, porém, não esquecer que certas pessoas arvoram-se em reformadores sociais a fim de não terem de se reformar a si próprias. O comunismo, por exemplo, é uma filosofia muitíssimo cômoda, porque, segundo ela, todas as nódoas estão exclusivamente no pano dos outros. Preenchida a condição prévia de haverem sujeitado cegamente o espírito à tirania de Moscou, os comunistas acham legítimas todas as suas mentiras, imoralidades e traições. Também os democratas têm, aliás, os seus «reformadores sociais» dessa espécie de aventureiros metediços que pretendem endireitar a consciência dos outros para fugirem ao risco de lhes endireitarem a consciência deles. Querem arrumar as casas alheias, mas deixam a casa própria cheia de lixo.

Foi contra estes falsos reformadores que o nosso Divino Mestre disse: «Como consegues tu ver o argueiro nos olhos do teu irmão e não vês a trave que está nos teus olhos? Com que direito vais dizer ao teu irmão, — Irmão, deixa-me tirar dos teus olhos esse arguciro, se nem vês a trave que nos teus próprios olhos está? Hipócrita, começa por tirar primeiro a trave dos teus olhos, e só então terás a vista limpa para poderes tirar o argueiro dos olhos do teu irmão.»

Quer isto dizer que não há ninguém que não tenha qualquer nódoa.

No trigo mais estreme²⁴ se encontra farelo. Antes de censurar os outros, é preciso responder a duas perguntas: No que eu estou a criticar, não será maior a parcela do bem que a do mal? E: Eu procederia melhor? Se a parcela do bem é maior que a do mal, a nossa crítica estabelecerá uma proporção errada. Tanto o jogador Francisco como o jogador Manuel atiram a bola para fora do campo ou por cima da baliza, — mas apareça o crítico desportivo de qualquer jornal que seja capaz de não cometer as mesmas faltas. É fácil criticar o que os outros fazem, mas fazê-lo nós próprios é já coisa diferente. Como disse um poeta francês: «A crítica é fácil, a arte é que é difícil.» Ver que o arado não abre na terra um sulco direito, é coisa que todos podem ver, mas poucos serão capazes de traçar com ele uma linha reta. Conhecemos um grande pintor retratista que estava a pintar o retrato duma dama, a qual não parava de se queixar: «Faça-me as sobrancelhas mais arqueadas!» «Por que é que não pinta a minha boca mais pequena?» «Desfaça-me essa ruga na minha testa!» A certa altura, o artista acabou por entregar os pincéis e a paleta das tintas à tal senhora, para que ela pintasse o próprio retrato à sua feição.

Como espirituosamente disse alguém, não existe neste mundo um só monumento que tenha ficado ao gosto de todos os críticos.

Um dos piores defeitos psicológicos da hipercritica consiste em destruir completamente nos indivíduos a capacidade de se conhecerem a si próprios. Ninguém será capaz de conhecer o jardim da sua casa, se estiver constantemente a olhar por cima do muro para o quintal do vizinho.

Não olhar cada qual para dentro da própria alma dá origem a uma carência daquela humildade de espírito que nos torna bondosos e compassivos para com os outros. Quem não reconhece as próprias faltas será para o próximo um juiz, em vez de ser um irmão. O espírito torna-se incapaz de se examinar a si próprio, se gasta o tempo todo a descobrir as

²⁴ Muito puro ou sem mistura.

faltas alheias. Quem aprendeu bem, todavia, a lição de tirar primeiro a trave dos próprios olhos, será sempre bondoso ao tirar o argueiro dos olhos do seu irmão.

Vã tarefa será a de andar a perscrutar as cicatrizes dos outros, quando estiverem a sangrar as feridas próprias. Há pessoas que parecem não estar contentes enquanto não tocam com os dedos nas alheias feridas, enquanto não as arranham e reabrem, como se sentissem prazer em não as deixar sarar: dir-se-ia que tais pessoas não são seres humanos, são vermes da podridão. Outras pessoas há que se deleitam quando vêem que o vizinho é alvo de críticas e que a sua reputação fica arrasada, — talvez para poderem concluir que em comparação com esse vizinho, não são afinal tão más como isso. São como os abutres, que tem o condão de sentir primeiro que ninguém o cheiro dos cadáveres.

Só o exame da nossa própria consciência nos faz compassivos na maneira de julgarmos os outros, pois que tendo olhado de frente as nossas culpas, teremos adquirido a compreensão e a generosidade para avaliar as dos outros. O grande pregador francês Massillon, quando lhe perguntaram certa vez onde aprendera o seu extraordinário conhecimento das paixões humanas e o seu talento para lhes resolver os complexos problemas, respondeu: «No estudo do meu próprio coração». Na busca da sua própria perfeição, haviam-se-lhe deparado, um após outro, os males profundos que envenenam os corações de todos os homens. Daí o vigor pungente dos seus sermões, a cujo respeito Luís XIV disse: «Tenho ouvido muitos pregadores e muitos me têm agradado, mas cada vez que o ouço a si, fico desagradado de mim mesmo».

A melhor maneira de aprender a bem receitar para os outros, é termo-nos tratado a nós próprios. Como judiciosamente disse Francis Quarles: «quem limpa uma nódoa com outra nódoa, fará uma nódoa maior.» É por isso que a maneira mais eficaz de reformar os outros consiste

em dar-lhes o exemplo, como Florence Nightingale a instalar hospitais durante a guerra na Crimeia, ou como São Francisco Xavier a tratar na Índia os doentes.

Se não merecermos a confiança de acreditarem que somos capazes de conservar a pureza da nossa alma, não haverá ninguém que nos confie a sua.

Convívio Intelectual

Capítulo XLI

Como se deve ler

Jamais na história do mundo se depararam aos olhos dos homens tantas palavras escritas, como nestes nossos desvairados tempos. Há coisa de um século era ponto de fé que a letra de imprensa teria o condão de fazer boa e sábia a toda a gente, exatamente como os alimentos a tornam saudável. Ora os alimentos podem provocar a gota, assim como a letra de forma pode causar indigestões intelectuais. E como é superabundante a quantidade de palavras impressas que todos os dias aparecem à disposição do público, afigura-se aconselhável oferecer-lhe também algumas sugestões a respeito de leituras — de leituras sérias, entenda-se.

O vocábulo francês que significa «ler» diz-se *lire*, e a palavra que traduz «escolher» ou «designar» é *élire*.

A primeira regra será portanto esta: o melhor processo para *ler* é *escolher*. Livros, revistas, jornais — são como as inúmeras pessoas que encontramos nos carros elétricos²⁵, nos cinemas, nas feiras e nas festas mundanas. Como nos é evidentemente impossível travar relações com essa gente toda, procedemos a uma seleção. Pois também dentre a catadupa²⁶ de livros que se acastela diante dos nossos olhos, temos que escolher e preferir os poucos que poderão convir-nos para companheiros. Assim como as

²⁵ Viatura urbana de transporte de passageiros, geralmente com apenas uma composição, movida por eletricidade e que circula sobre trilhos de ferro. (No Brasil, eram chamados de *bondes*).

²⁶ 1. Queda estrondosa de água corrente. = CATARATA. 2. Saída ou corrente impetuosa de algo (ex.: elogios em catadupa). = JORRO, TORRENTE.

abelhas utilizam para fabricar o mel apenas uma pequena parte do conjunto de cada flor, assim também a nossa mente só aproveita para o fabrico da verdade uma fração mínima do acervo de palavras que um linotipo²⁷ imprime.

A recíproca da regra acima formulada consistirá portanto em eliminar tudo quanto não é essencial e que não serve por conseguinte para alimentar a inteligência.

Daqui, porém, surge a pergunta: Então, como escolher? Responde a esta pergunta a segunda regra, e responde pela forma negativa: Não adotar o critério de ler somente o que «acaba de sair» dos prelos ou o «livro da semana».

Não quer isto dizer que tais livros devam ser excluídos sistematicamente, mas sim que a inteligência não se deve deixar guiar pelo princípio de que o mais recente é necessariamente o melhor. E a melhor prova disto é o fato de nada nos parecer hoje tão velho como o livro que estava no pináculo da fama apenas há três anos: quase nos parece agora tão antiquado e tão cediço²⁸ como o jornal de ontem... Para separar o trigo do joio, não há nada como o tempo: no seu silencioso decorrer, vai manejando a foice e cortando tudo quanto é medíocre, por mais celebrado que tenha sido pelas trombetas da publicidade. Importa muito menos a leitura do que «acaba de sair», que a leitura do que foi preciso reimprimir após um certo tempo. Os sonetos de Shakespeare, por exemplo, são qualquer coisa de sobrevivo aos tempos e cujas edições ainda hoje se sucedem.

A terceira regra consiste em evitar livros que apenas excitam emoções, sem incitarem a qualquer espécie de ação. Há livros que excitam a emoção e ao mesmo tempo inspiram a ação. São estes os que convém cultivar, porque provocam uma comunhão íntima da inteligência com o que

²⁷ Antiga máquina de compor e fundir os caracteres de imprensa às linhas.

²⁸ Muito velho; sabido de todos (ex.: história cediça). Entediante, aborrecido.

se está a ler.

Foi esse o efeito que uma obra de Cícero produziu em Santo Agostinho e que os tratados de Aristóteles provocaram em São Tomás de Aquino. São emoções boas, essas — pois que aperfeiçoam a nossa compreensão da vida, aprofundam a nossa aspiração para o bem, iluminam-nos o caminho e principalmente incitam-nos a maior actividade.

Livro que nos proporcione incentivo para melhorarmos de vida, será sempre um livro bom.

Outras emoções, porém, existem que são inteiramente alheias a qualquer espírito de ação, de verdade e de bondade, tais como a duma história sentimental de paixão ou dum melodrama em que há um criminoso com um frasquinho de veneno.

Lêem-se coisas que suscitam emoções de terror, de ternura, de justiça ou de vingança, mas que não produzem no leitor nada de prático: são sentimentos sem fatos, são impressões sem ações — árvores cheias de folhas e que não dão frutos, ou linguetas de fechadura de porta com que uma criança se entretém abrindo-a e fechando-a, só para brincar, — até que a mola da lingueta perde a força e acaba por não funcionar. Em quantos leitores esses livros suscitam emoções, sem que exista um alvo apropriado onde se traduzam em atos: surge uma emoção de amor — mas somente por uma entidade irreal, ou uma emoção de cólera contra a injustiça — mas que se desvanece ao virar da página.

Mentalidades assim acabam por se assemelhar àqueles estômagos que produzem sucos gástricos à simples vista de alimento que nunca chegam a provar sequer.

Uma das razões por que muita gente fica impassível perante as cruéis injustiças deste mundo e não se comove com as maiores tragédias, é a de que a sua capacidade de emoções já está embotada e gasta com a leitura de injustiças imaginárias e de tragédias de ficção. Quando se lhes depara uma

realidade em que essas emoções deviam surgir e conduzir à ação, já estão incapazes de funcionar.

Ora, como os dias da nossa vida são ainda mais breves do que julgamos, é da maior vantagem que, para lermos com proveito, saibamos escolher com acerto.

Capítulo XLII

Siso nas palavras

Pessoas a quem algum embaraço gástrico não deixa conciliar o sono, costumam dizer que têm a cabeça mesmo por cima do estômago. Pois não é menos sério o caso das pessoas que têm sempre na ponta da língua uma torrente de palavras e que por isso nem dão tempo ao bom senso para as mandar calar.

Foi a essa espécie de intemperantes faladores que alguém deu este conselho: «Pensa antes de falares, e depois de pensares, fica calado». Ter tento na língua é das coisas mais difíceis e era por isso que os antigos Persas ensinavam à mocidade estas duas coisas: falar pouco e só dizer a verdade.

Os que falam demais dividem-se em três categorias principais. Constituem a primeira os do gênero «mestre-escola», cuja preocupação é constantemente a de «porem cada qual no seu lugar», como se tivessem recebido de Deus e do Código o encargo de darem sentenças a toda a gente, para o que essas pessoas julgam e dizem ser «o bem delas».

À segunda categoria pertencem os que passam a vida a criticar e dizer mal dos outros, achando defeitos ou interpretando em mau sentido tudo quanto os outros dizem e fazem. São os que ao visitarem um museu de arte criticam cada quadro, quanto mais não seja — por não estar bem pendurado, sem se lembrarem de que em casa deles os quadros estão pendurados de cabeça para baixo. A mania da crítica resulta do mau comportamento, porque não há neste mundo um só crítico que não mereça

crítica. E assim, passar a vida a criticar os outros é um processo cômodo de fugir à autocrítica.

Quanto à terceira categoria de faladores, essa é formada por simples e vulgaríssimos mentirosos profissionais. Conscientes da própria insignificância e pequenez, servem-se da mentira e do exagero para darem importância às suas pessoas, construindo para isso um mundo imaginário, cujo traçado obedece à fantasia deles.

Foi Sócrates quem disse: «Fala, para eu te poder ver». É que a expressão verbal constitui realmente o retrato dum espírito e o espelho duma alma: revela tudo quanto uma pessoa foi, é e será.

Basta uma palavra dita por qualquer, para que a seu respeito pensemos logo: «é um ignorante», ou «é um vaidoso», ou «é um mau homem», ou «é um bom homem». Vendaval de palavras é sinal de tempestade de alma. A inveja assolapada num coração atraiçoar-se-á no tom da voz, mas quando no coração vive o amor, até nas palavras se lhe refletirá o brilho e se lhe sentirá o calor. É que basta um rato morto numa casa para a empestar de alto a baixo.

É física e psicologicamente impossível saber conversar agradavelmente, sem que primeiro se tenha ensinado o coração a ser bom e humilde, pois que é do coração que as palavras nascem.

Quanto maior for a perfeição moral, maior será a arte de saber falar com agrado e para edificação de quem ouve.

Muitas das recomendações que hoje se fazem acerca da arte de bem conversar não passam, afinal, de lições de hipocrisia, e melhor se deveriam intitular «Arte de disfarçar o pensamento», «Arte de elogiar a quem se despreza», «Arte de cumprimentar a quem se detesta» ou «Arte de mentir a quem se quer enganar».

É à luz de dois critérios que as palavras devem ser julgadas: o da sua transparência e o do seu objetivo. As palavras devem ser como as janelas:

devemos poder ver através delas. Não devem ser como cortinas, a esconderem o interior da alma, a separarem-no do exterior dos lábios: entre o que temos no pensamento e o que dizemos com a boca deve haver sempre identidade.

Se a não há, deve a boca ficar muda. Rara será, neste mundo, a pessoa que não tenha encontrado alguma vez alguém pertencente à espécie numerosa dos que nunca disseram nem dirão jamais o que em verdade pensam, ou nunca sinceramente pensam nem pensarão o que em palavras dizem.

Felizmente, porém, há muitos outros, pelo contrário, cujas palavras são como portas abertas de par em par, a deixar ver o coração, — e que sinceramente esperam e desejam que aceitemos o seu convite para jantar.

Também a palavra falada deve ter a sua moralidade própria. A palavra é veículo de transporte das ideias, assim como um automóvel é veículo para transporte de pessoas ou de coisas.

Aquilatamos a moralidade própria dum veículo pelo critério do fim para que esse veículo foi construído. Utilizar um automóvel para assaltar um banco, é utilizá-lo para um fim mau; utilizar as palavras para enganar, para malsinar, para caluniar, é torná-las imorais. Um comunista que se aproveita da liberdade da palavra para construir um estado comunista onde não há nem haverá a liberdade da palavra, utilizou o veículo das palavras para um fim ilícito e nefasto e deveria ser condenado exatamente como o condutor dum automóvel que o utilizasse de propósito para atropelar transeuntes.

Assim como os cavalos têm freio e os barcos têm leme, assim os homens têm miolos que lhes devem servir para governar as palavras. E quando assim aludimos aos homens, aludimos também às mulheres, está bem de ver, embora em geral os homens falem mais de coisas e as mulheres falem mais de pessoas.

Dantes, atribuía-se às mulheres o quase monopólio da má-língua. Pois esse pouco invejável privilégio está a ser-lhes arrebatado pelos homens.

Quando um doente vai consultar o médico, este começa por dizer-lhe: «Deixe-me ver a sua língua». Pois sabemos de certeza, porque no-lo assegurou Nosso Senhor, que palavras muito semelhantes nos serão ditas no dia derradeiro pelo Divino Médico e Juiz. Preveniu-nos Jesus de que teríamos de responder por cada palavra dita em vão. Para que mais lembrados estejamos sempre dessa responsabilidade, convém que tenhamos sempre na memória as palavras de David: «Terei cuidado com as minhas palavras, para que não peque com a minha língua, e travarei a minha boca com um bridão²⁹ quando estiver ao meu lado um caluniador».

²⁹ Freio em que o bocado (parte do freio que entra na boca do cavalo) é articulado no meio.

Capítulo XLII

Palavras fora de moda

Que efeito produziriam no público os jornais, se de repente modificassem o seu vocabulário e comesçassem a empregar palavras antiquadas para exprimir certas verdades imutáveis e eternas? É uma pergunta pertinente esta, visto que hoje em dia são tantas as palavras que se empregam fora do seu significado próprio, que a gente chega a pensar que nenhuma realidade concreta elas traduzem.

Assim, por exemplo, quem, se lembra dessas realidades que se chamam couves e cenouras, quando lê a palavra «vegetais»? E quem evocará na tela da imaginação essas outras realidades imediatas e conhecidas, como são as vacas ou os cavalos, perante o vocábulo «quadrúpedes»? Quem se comove com o infortúnio dos cegos, quando se lhe deparam sob a denominação de «invisuais»? Para estas aberrações têm contribuído em larga medida os comunistas, desde que principiaram a usar a palavra «democracia» para designar a sua «tirania», a chamar «paz» à «guerra», fria ou quente, feita pelas suas Quintas Colunas, e «libertação» à sua «ocupação».

A palavra «progresso», que traduz a ideia de marcha para um ideal, passou a significar a troca dum ideal por outro oposto.

Antigamente, dizia-se de um homem que ele estava a fazer progressos, quando no caminho de Paris para Roma, chegava a Florença; agora, diz-se que está a «progredir» quando vai parar em Moscou.

Lê-se nos jornais que um rapaz foi preso por ter morto a tiro outro

rapaz a quem nunca vira, só para mostrar a sua audácia, e esses jornais classificam-no de «delinquente» ou de «psicopata», — quando há boas dezenas de anos, no tempo dos nossos avós, lhe teriam chamado «rapaz de maus instintos» e «criminoso». A uma mulher nova que mata um homem, chamam os jornais «atraente», «gentil», ou «popular artista de variedades» — consoante os casos — como se qualquer dessas denominações tivesse tanto que ver com o crime, como o teria a menção da cor dos olhos dum jogador de futebol com o número de vezes que ele mete a bola nas balizas³⁰. Dizer-se que «um homem de cabelos ruivos ganhou a corrida dos 100 metros» é tão despropositado como anunciar-se que «uma cantora de sambas matou o pai».

Dir-se-ia existir o terror pânico de usar expressões moralizadoras, ou mesmo de censurar por motivos de moral seja o que for. Com um ar presumido de sabedoria científica, usam-se vocábulos da psicologia ou o calão sociológico, quando não até a terminologia médica «complexos», etc. — ; mas «bom» ou «mau», «justo» ou «injusto», são palavras que se evitam escrupulosamente. Há, porém, uma circunstância em que esta palavra «bom» aparece logo, e vem a ser quando a mãe dum rapaz mau — mãe que abandonou o marido e nunca se importou com os filhos — é entrevistada pelos jornais a propósito dum crime de morte praticado pelo filho. Nessa altura, a mãe diz e os jornais repetem que o jovem assassino «era um bom rapaz».

Isto faz lembrar a forma como o grande romancista inglês G. K. Chesterton descreveu sarcasticamente o que sucederia, se ele tivesse assassinado a bisavó. Contava Chesterton que toda a gente que viesse a saber do caso, o classificaria com mil palavras diferentes, excetuada uma somente: a palavra «mau». Uns chamar-lhe-iam desequilibrado, outros tarado, ou possuidor duma hereditariedade mórbida, ou de escassa

³⁰ Trave, gol.

formação moral, ou indisciplinado, ou que se tratava dum crime patológico ou de resultado dum complexo de Electra, ou que fora autor duma cena macabra ou dum espectáculo sinistro, — ou até que ocorrera «o desperdício econômico duma simpática bisavó...» E toda a gente esqueceria o único aspecto digno de menção no caso: que fora um ato mau, um crime contra a lei de Deus e contra a lei natural, porque a bisavó tinha o sagrado direito à vida. Dir-se-ia existir uma conjura tácita para banir qualquer palavra que evoque preceitos morais — sem os quais nenhuma civilização pode subsistir.

Se não for promulgada sem delongas uma lei severa que proíba se descrevam crimes à luz de critérios pseudopsicológicos e econômicos, não tardará que ao «mal» se chame «bem», desde que essa transmutação seja dita com arte e jeito.

Não vem longe o dia em que autores de peças teatrais e novelas, e até os próprios assassinos, chamarão à supressão de vidas humanas «o crime perfeito». Tal qual se poderia denominar a lepra ou o cancro³¹ — «a doença perfeita».

Notas desafinadas num trecho de música não ficam afinadas porque o executante veste casaca e gravata branca de laço. E a criminalidade, principalmente a criminalidade infantil, jamais será eliminada se continuar a ser considerada em abstrato, em vez de o ser concretamente nas pessoas dos moços criminosos que constituem o problema. Não existe médico nenhum que cure uma doença só com mudar-lhe o nome, nem pode professor algum curar a ignorância dos seus alunos alegando que se os não deixasse passar nos exames em cada ano, criaria neles um «complexo de inferioridade».

O Bem e o Mal não se confundem nem se trocam mutuamente. O que é justo sê-lo-á sempre, embora venha a não existir neste mundo um só

³¹ Câncer.

homem que seja justo, e o que é injusto também nunca deixará de o ser, mesmo que todos os habitantes da Terra venham a adorar a injustiça.

Capítulo XLIV

São precisas Universidades

Não seria esplêndido que nos Estados Unidos e em cada país do mundo fossem criadas Universidades? Criadas Universidades? Pois não existem inúmeras Universidades por esse mundo fora, em cada um dos Estados da América do Norte, em cada Nação das cinco partes do mundo?

Não! Não são Universidades, são pluriversidades. Uma uni-versidade não é simplesmente um conjunto de estudantes reunidos num mesmo local: é um corpo unificado de saber, é uma comunhão de princípios aceitos, compreendidos e respeitados por todos.

Ao contrário, uma multi-versidade, como as que existem nos Estados Unidos, é formada de ramos de ciência desligados e divergentes, em que se afigura não ter cada ramo de saber nenhuma relação com outro ramo de conhecimentos; em que a especialização atinge o cúmulo de se verificar que a seção de bioquímica está em desacordo com a seção de biologia, e que ambas estão em desacordo com a seção de genética; em que as aulas de filosofia consistem apenas na exposição das várias teorias e sistemas contraditórios, — tal qual como se no curso de arquitetura apenas se ensinasse a história da arquitectara em vez de se ensinar como se constrói uma casa. As teses defendidas pelos doutorados em filosofia são sobre temas tão especializados, que a generalidade do público nenhum ensinamento delas colhe, pouco, a Faculdade e, praticamente nenhum, os

próprios estudantes que escreveram essas teses.

A hiper-especialização tem os seus inconvenientes. Na sua Divina Comédia, Dante sugere-nos que foi a demasiada especialização a causa real do malogro da construção da Torre de Babel. A divisão e multiplicidade das línguas não foi o castigo imediato e direto com que Deus puniu o insensato orgulho dos homens que pretendiam com aquela construção escalar os céus: não; bastou a Deus permitir que os construtores da Torre inventassem eles próprios idiomas diferentes, dessa maneira castigando-se a si mesmos. Como cada grupo de construtores se consagrava exclusivamente a uma tarefa determinada, cada grupo foi criando a sua própria terminologia tão especial e tão característica, tão adaptada apenas a cada uma das tarefas profissionais que, passado algum tempo, cada um dos grupos se viu na impossibilidade de ser entendido por qualquer dos outros que se haviam especializado em tarefas profissionais diferentes. E o resultado foi a confusão das línguas e a confusão ainda pior da família humana.

Uma verdadeira universidade deve ter um corpo de doutrina semelhante ao corpo humano, Nem todas as ciências são de categoria e importância igual. Assim, também o corpo humano pode viver privado dum dedo, mas não pode viver sem a cabeça.

Há no nosso corpo uma hierarquia, uma ordem, uma precedência e assim deve ser também nas relações entre as diversas faculdades e escolas universitárias. O saber assemelha-se hoje em dia a uma dessas disparatadas pinturas futuristas em que as pinceladas de tinta se sucedem sobre a tela, sem formarem um quadro homogêneo e compreensível. Ora a instrução deve ser qual pirâmide, em que certas ciências superiores coroam e iluminam as ciências inferiores. Como disse o sábio Aristóteles, um dos maiores, senão o maior dos filósofos da Grécia antiga, a matemática era ciência superior à música e até superior à física.

Onde, porém, tudo não emana dum princípio superior e a ele obedece, onde não existe acordo básico acerca do *motivo por que* educamos e instruímos os alunos, então a universidade dispersa-se em serviços, faculdades e departamentos divergentes, tal qual o corpo humano, quando a alma o abandona, se dissocia em elementos químicos diferentes e autônomos. Realmente, pouco interessa educarmos um homem, se ignoramos o significado e o fim último a que ele se destina. Não basta que seja para lhe dar apenas um modo de ganhar a vida, porque a vida é mais importante do que o seu ganho, e também não basta que seja para servir a Pátria, porque a maior parte duma vida é ocupada noutros serviços. Ora sucede precisamente que a razão basilar por que temos somente multiversidades é a de se haver perdido o conceito do nosso fim último e único. Como escreveu o maior dos pensadores de todos os tempos: «O amor de Deus é construtivo, porque orienta para a união os muitos e variados desejos do homem, ao passo que o amor de si mesmo é destrutivo, porque dispersa o homem consoante os seus inúmeros e desvairados instintos». Isto é, dispersa-o na adoração e serviço de inúmeros e falsos deuses.

Quando os homens creem em Deus, a educação congrega-os numa universidade; quando, porém, os homens creem em muitos deuses, eleitos à escolha e consoante os desejos de cada qual, tais como os deuses do Prazer e da Riqueza, então dispersam-se em pluriversidades.

Não há nisto intento nosso de censurar a especialização, mas sim afirmar que o problema é afinal outro, ou seja: qual é o fim essencial do homem, mesmo que seja um especialista em qualquer ramo de ciência ou de arte? O filósofo americano William James viu bem esse antagonismo entre a unidade e a pluralidade na vida, quando escreveu durante uma excursão de campismo: «Houve uma noite em que me pareceu que todos os deuses da natureza de todas as mitologias efetuavam no meu espírito uma

incrível reunião com o Deus moral da minha alma. E senti então que este Deus e aqueles deuses nada tinham de comum». Isto que William James sentiu no íntimo do seu coração, sente-o e experimenta-o hoje a nossa atual civilização. A desintegração da alma do homem moderno é multiforme e discordante: consciente ou inconsciente, é uma pluriversidade que cada homem alberga no seu coração.

Por isso, repete-se a pergunta: haverá mestres que queiram dar-nos universidades? Porque, se vier a havê-las, virá com elas alguma paz para as almas.

Esperança

Capítulo XLV

A Psicologia do Desespero

Cobras, lagartos e escorpiões ignoram o que é o desespero, bem como as couves, os camelos e as centopeias.

Somente ao homem, em cuja alma existe o infinito e o eterno, é dado desesperar. Quanto maior tiver sido a expectativa, tanto mais pungente pode ser a desilusão. Quanto mais alta é a esperança, mais acerba será a dor por não conseguirmos realizá-la.

De todas as criaturas, só o homem é dotado duma alma capaz de ambicionar o infinito, só ele tem aspirações que vão além do que vê, apalpa e sente; só ele é capaz de alcançar tudo quanto no mundo existe, ficando todavia insatisfeito. Tal a razão porque, sempre que não alcança o infinito e o eterno para que foi criado e em que só pode encontrar satisfação, ele desespera.

A aspiração íntima do homem pela verdade e pelo amor, pela beleza e pela perfeição, demonstra que lhe falta qualquer coisa para lhe encher e completar a vida. Essa aspiração traduz uma esperança e na sua forma mais simples, a esperança é olhar ansiosamente, confiadamente para o futuro.

Nem o lavrador lançará à terra a semente, nem a mãe apertará ao peito o seu filhinho, nem o homem de ciência se empenhará nos seus estudos e pesquisas sem a esperança.

Nenhuns braços erguerão ao alto uma enxada para cavar o campo, nenhuma mão pegará numa pena para escrever o livro, se não forem

movidas pela esperança de que algum bem poderá resultar de tais labores.

Essa esperança que em nós alimentamos poderá realizar-se aquém ou além-tempo. Se é neste mundo que pomos a nossa última e final esperança, o desespero será inevitável. Porque, alcançado mesmo tudo quanto havíamos esperado, — que paz nos dará essa posse, se a morte, esse cortar fatal de todos os laços, não tardará a separar-nos de tudo quanto havíamos esperado? Experimentaremos, dessa forma, no mais profundo do coração, a sensação dolorosa do arrancar pela raiz essa satisfação transitória que havia brotado tredamente³² no solo da aspiração do infinito, — experimentaremos a diferença de sabor entre o invólucro doce e a amêndoa amarga.

Quando, porém, se situa para além desta vida esse desejo de perfeição e essa aspiração ao infinito, então não haverá ensejo para desesperar.

Todos quantos estão a par do pensamento do mundo durante os dois últimos séculos, não ignoram que, após um período de otimismo ilimitado, os homens passaram a encarar os problemas deste mundo com um desespero tal, que torna atualmente necessário o estudo e a intervenção dos psiquiatras. Hoje em dia, o otimismo está desvalorizado. Os homens preferem à felicidade a segurança. Todos os filósofos do passado fundamentavam a crença universal na existência de Deus na lei moral e na aspiração inata dos homens à felicidade; hoje em dia, é por alguma parcela de segurança econômica que os homens anseiam.

Esta mudança de perspectiva pode exemplificar-se com as diferentes atitudes de quem viaja por mar. Antigamente, a primeira preocupação de quem embarcava num navio consistia em obter um camarote confortável; hoje, a primeira coisa que um passageiro faz ao entrar a bordo é ir verificar o seu cinto de salvação. São muitas atualmente as pessoas que não têm a certeza de haver ou não um seguro porto de destino na viagem desta vida, e

³² Falsamente.

chegam por isso a achar melhor não pensar em tal problema, porque bem adivinham que a resposta as poria diante de obrigações morais a que não estão dispostas a sujeitar-se.

Quando uma época tem a esperança duma vida futura na perfeição da felicidade para além desta vida,, desfruta dum sossego e duma paz que o desenrolar dos acontecimentos não consegue perturbar.

Quando, porém, os homens perdem a esperança e não têm um Deus a quem recorram, então é natural que se empenhem desesperadamente em obter desta vida o máximo que ela pode dar.

O crente pode esperar, mas o pagão tem de se apressar, porque para ele tudo acabará quando as portas da vida se fecharem. Tal a razão de tão ásperas contendas e de tão precipitadas correrias para se gozar o mais possível antes que desapareça no horizonte o sol da vida.

A consequência lógica do desespero é o Comunismo. Quando se renega a crença no fim último dos indivíduos, é evidente que nenhuma barreira haverá a opor aos apetites terrenos que se desenfrearão com ferocidade sem limites.

A rapidez com que surgem guerras, as quase incessantes revoluções que abalam o mundo moderno, tudo provém do frenético desespero com que se procura aproveitar alguma coisa, antes que o mundo acabe — ou que acabe para o mundo cada indivíduo.

Os que têm esperança são como as crianças quando lançam para o ar as suas estrelas de papel³³. Podem elas subir tão altas que até se percam de vista, mas quem tem na mão o cordel com que elas se seguram, sente-lhes o impulso. Assim também, enquanto pomos em Deus a nossa esperança, também sentimos na vida terrena a Sua força e o Seu impulso. Tal qual, porém, o herdeiro deve confiar no seu direito à herança para que possa vir a recebê-la, assim também é mister a fé no além, para que nele venhamos a

³³ Pipas.

ter a nossa parte. E com tão firme alicerce da nossa esperança, nenhum desespero a fará ruir.

Capítulo XLVI

A Religião da Confiança

Tem-se afirmado que a nova fé do mundo atual é a «religião da confiança», cujo evangelho se encontra nos inúmeros livros de várias espécies, onde se assegura que os homens podem libertar-se do medo, da ansiedade, do terror, da melancolia, da depressão e da falta de confiança em si próprios, mediante injeções maciças de vitaminas psicológicas fabricadas no laboratório do seu próprio cérebro.

Ora esta espécie de religião não é nenhuma novidade; só lhe chamam nova aqueles que ignoram a história antiga e desconhecem, portanto, o que é já velho.

A «religião da confiança» foi inventada há 1.500 anos, mais ou menos, por um celta nascido na Inglaterra, chamado Pelágio, que viveu por alturas do ano de 400.

Também ele afirmava que o homem pode erguer-se sozinho, por suas próprias forças; que não carecia de auxílio exterior; que as molas partidas dos relógios se consertavam por si; que se podia chegar às estrelas mesmo sem escadas; que um par de mãos, por mais sujas, podiam lavar-se esfregando-as uma contra a outra sem necessidade de coisa alguma alheia ao homem, como seria água e sabão; que o corpo não carecia de remédios além dos que o próprio sangue proporcionava, e que o espírito não precisava de nenhum conhecimento da verdade, além daquele que o próprio pensamento lhe ditava. A única diferença entre essa antiga heresia que ficou a chamar-se «pelagianismo» e a moderna religião do «psicologismo»

consiste em que o Pelagianismo sempre conseguia apresentar argumentos mais sólidos em prol da auto-suficiência do homem, do que os atuais Psicólogos.

É verdade que, dentro de certos limites, o homem é capaz de a si próprio se bastar. Assim, por exemplo, o seu corpo coopera com os remédios receitados pelo médico; a sua vontade corresponde ao amor que outrem lhe consagra; o seu espírito constrói saber com os elementos colhidos pelos seus cinco sentidos. É mister, porém, notar que, em tudo isso, o homem reflete apenas o que lhe vem de fora, — pois que para as grandes provações da vida, o socorro não só lhe virá de fora, mas também lhe virá de cima; não realmente da humanidade, pois que esta não representa senão o aspecto total dos problemas pessoais de cada homem, mas sim de Deus, a cujas influências salvadoras corresponderemos.

É inteiramente legítimo que a Religião da Confiança se denomine a si própria uma psicologia, pois que o homem carece realmente de depositar um bocadinho mais de confiança na sua dignidade, como criatura de Deus que é, e um bocadinho menos de confiança na sua insignificância como bípede sem penas que também é. O que já não é legítimo, é chamar Cristianismo à Religião da Confiança: lá porque os Hindus comem caril³⁴, não se segue que seja Hindu quem comer caril.

A «religião» do Psicologismo é, em última análise, uma mística de comodidade, no sentido de que crê que a vida deve ser isenta de cruces. Ora o Cristianismo, pelo contrário, é a religião da Cruz.

O Psicologismo diz: «Quem me seguir, não tem de carregar com a cruz». Nosso Senhor Jesus Cristo disse, ao contrário: «Tomai cada dia as vossas Cruzes e segui-Me». O Psicologismo nega que os malogros, as privações, as provações, os desalentos e as dores sejam a trama da vida. O

³⁴ Condimento de origem indiana, geralmente de cor amarela, feito da mistura de várias especiarias reduzidas a pó.

Cristianismo, pelo contrário, afirma que o são, mas que nos cumpre aceitar, suportar e espiritualizar em união com Jesus Crucificado, assim como a água imunda das sarjetas se transfigura num bloco de neve alvinitente³⁵ graças ao influxo purificador do Sol. Cristo jamais escondeu dos Seus discípulos quanto lhes custaria seguirem-nO; vezes após vezes, sempre que neles viu sintomas de defecção, Ele lhes proporcionou ensejo de O deixarem, se assim quisessem.

Uma coisa é prometer aos homens que podem livrar-se de cruces e provações, e outra coisa bem diferente é prometer-lhes isso em nome do Cristianismo.

O preceito cristão é claríssimo e inequívoco: «Os que sofrerem com Cristo, reinarão com Cristo». Tal sofrimento neste mundo não significa, porém, que seja incompatível com a paz e com a esperança: «Dar-vos-ei uma paz que o mundo desconhece». E mais: «Vinde a Mim todos os que suportais pesados fardos e encontrareis repouso para as vossas almas».

Nosso Senhor acentua sempre a antítese entre o «mundo» e «Ele», entre a religião da confiança presunçosa e a religião da confiança divina. O Psicologismo pergunta: «Qual é o caminho mais agradável e fácil para o homem?» O Cristianismo, porém, pergunta: «Qual é o caminho que Deus traçou ao homem?» E só neste caminho se encontra a paz do espírito.

³⁵ De um branco brilhante.

Capítulo XLVII

O Tesouro do Coração

Quem tiver conseguido ler os centenares de livros que tratam da psicologia moderna notou, decerto, que todos eles, praticamente, concordam no conceito de que o homem ignora o que se passa no interior da sua própria mente. Tem de ir a um psiquiatra ou a um psicanalista para ficar a saber no que pensa. É coisa inteiramente diversa de ir a um médico para saber por que se sofre do estômago, visto que o estômago não tem paredes de vidro através das quais possamos ver o que lá se passa e descobrir a causa duma indigestão. Com efeito, o nosso espírito tem janelas de vidro, isto é, possui a faculdade de a si próprio se rever, e dessa maneira se conhecer e conhecer os seus motivos e razões. Já do mesmo não é capaz o estômago, porque não é espiritual e carece, portanto, da faculdade de reflexão. Disto se conclui que um médico será sempre indispensável para o estômago, ao passo que nem sempre um psicanalista ou um psiquiatra serão necessários para o espírito, salvo o caso de este se ter tornado anormal.

Quando os moradores duma casa são malucos, os vizinhos sabem melhor do que eles toda a série de disparates que eles praticam, e assim também um psiquiatra conhecerá melhor um espírito anormal, do que este se poderá conhecer a si próprio. Numa casa normal, porém, quem lá mora sabe melhor do que os vizinhos quais as decisões tomadas, quais as afecções e também quais as divergências que por lá vão. Foi assim que Nosso Senhor nos deu uma firme norma psiquiátrica quando disse: «Onde

estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração». Basta a qualquer de nós olhar o espelho do seu próprio coração e nele verá a causa dos seus cuidados. A questão está em saber o que cada qual considera ser o seu tesouro. E esta palavra não significa necessariamente dinheiro, jóias ou papéis de crédito, mas, sim, traduz o que cada qual considera ser o melhor da própria vida ou o máximo valor que nela possui, aquilo que com o mais ansioso empenho procura conquistar e aquilo, portanto, por cuja causa mais se afligirá se o não alcançar ou se o perder: quantas vezes nós dizemos que «pusemos nisto ou naquilo o nosso coração», querendo assim dizer que fizemos disso o nosso tesouro.

Analise-se os sonhos quanto se quiser, estudem-se numa criança as influências ancestrais, investigue-se o complexo de Édipo, disseque-se o complexo de Electra, explorem-se até ao fundo as cavernas abissais do «ego» e do «alter-ego», vasculhe-se o sótão do inconsciente — e depois de toda uma mobilização do arsenal da psicanálise, nada disso nos dirá o que faz com que cada homem seja o que é. Saiba-se, porém, o que cada homem pensa no mais íntimo do seu coração; descubra-se a fonte da sua maior alegria, quando a experimenta, e a causa da sua mais atroz desilusão quando privado daquela alegria, e ficar-se-á a saber qual é o deus desse homem, — o seu tesouro.

Cada coração tem milhares de pequeninos desejos que são como os milhares de folhas dum arbusto que um arame obriga a estar inclinado numa certa direção. Desprenda-se o arame e o arbusto ficará livre e tomará outra posição. O mesmo sucede com o coração.

Quando liberto de todas as restrições, para onde nos levarão os seus desejos? Não há coração que não aspire essencialmente à posse de três tesouros, todos eles enganosos: o egoísmo, ou seja, a consecução da própria vontade: a luxúria, ou seja o desordenado apetite sexual: a avareza, que é o amor desordenado do dinheiro e dos seus luxos.

A maior parte das aflições dos homens provém de terem posto o coração nessas coisas ou noutras semelhantes, donde não lhes vem a paz. Um homem normal não carece de ajuda alheia para saber onde tem o coração: em noventa por cento dos casos, encontrá-lo-á onde ele não devia estar. Bem-aventurados aqueles cujo tesouro é Deus, e cumprem a Sua divina vontade em todas as circunstâncias, tendo-O presente em todos os pensamentos. Para esses, aconteça aos corações humanos o que acontecer nestes tempos da era atômica, o coração deles será tão imortal como o seu tesouro. Pelo contrário, como podem aqueles cujo coração não está em paz aconselhar os corações dos outros? Será que um psicanalista vai consultar outro psicanalista? Estará ele tão repleto da verdadeira paz da alma, que possa encaminhar os outros pelas sendas da paz? Ninguém pode dar o que não tem. Se a psicanálise é realmente a via segura da verdadeira paz, como se explica que possam existir tantos psicanalistas infelizes? Seja como for, o Deus de Bondade, além de nos ter ensinado o segredo de viver feliz, também proporcionou a quem for mais ou menos normal a possibilidade de poupar muito dinheiro psicanalisando-se a si próprio — ou, mais simplesmente, fazendo o seu exame de consciência e procurando saber assim qual deve ser o tesouro do seu coração.

Se forem pessoas anormais e tiverem as cordas desafinadas, então estará bem que vão consultar um psiquiatra, lembrando-se, porém, primeiro, de que muita gente não é tão desequilibrada como supõe. Sucede apenas que puseram os corações em tesouros falsos. Deus não é difícil de encontrar: o que é difícil é dominarmos o egoísmo e o orgulho, como é indispensável para que O possamos encontrar. Conseguindo esse domínio, a recompensa é infinita e é eterna.

Capítulo XLVIII

Significado do Natal

Cada menino que neste mundo tem nascido, nasceu para viver. Exceto Um. E essa única exceção foi a do Menino que nasceu no dia de Natal. Esse nasceu para morrer. A fim, porém, de compreender por que foi que Ele nasceu só para morrer, é mister que saibamos primeiramente que era Deus que Se fazia homem, e não um homem que se faria deus. Ele já existia desde toda a eternidade, antes de começar a existir no tempo. A história da Sua natureza humana principia no presépio de Belém, mas a Sua Pessoa Divina já era eterna. Como Ele próprio mais tarde disse durante a Sua vida humana: «Antes de Abraão ser, já Eu era».

Por mais que os homens gostem de cães, é mais que improvável que homem algum tivesse sequer a ideia de tomar forma de cão, mesmo que tal lhe fosse possível, só por amor dos cães. Semelhante coisa significaria não só ter de se sujeitar às limitações próprias desse animal, como também condenar-se a ter de viver com os outros cães e como eles. E, todavia, um homem fazer-se cão é nada, comparado com Deus fazer-Se homem, sujeitar-se às limitações da natureza humana e à companhia duma dúzia de ignorantes pescadores.

Aquele que criou o mundo, ei-lo sob a forma e aspecto de criatura; Aquele que é eterno, ei-lo feito tempo transitório; Aquele cuja imensidão infinita não cabe no espaço do universo, ei-lo que elege para viver uma

escassa parcela da ínfima Terra. Aquele que é origem de todas as leis, sujeita-Se à lei que O condena à morte, lembrando ao juiz que O condenava que «não teria esse poder, se não lhe tivesse sido dado do Alto». Pois que eram feitos de carne e sangue aqueles a quem resolvera salvar, assim também Ele se fez carne e sangue com todas as limitações de espaço e tempo.

Nenhuma dificuldade temos em compreender que qualquer personagem de alta posição possa abster-se de envergar os trajes do seu cargo a fim de passar despercebido: um rei não carece de estar sempre sentado no seu trono. Não é, portanto, de contestar que Deus podia, se assim quisesse, despojar-Se a Si próprio da Sua Glória, — e é precisamente esse o termo de que se servem as Escrituras para narrar o mistério do Natal: «Despojou-Se a Si próprio». Escondeu a Sua Infinita Majestade no seio da Sua Virgem Mãe, a fim de nascer como todas as crianças; despojou-Se da Sua eternidade para nascer no tempo finito deste mundo e para nele viver como súdito sob as leis e o domínio do César Romano; regressou, por assim dizer, ao princípio da eternidade, para renascer no tempo. Revestiu da fraqueza humana, como o resto dos homens, a Sua Natureza Divina, e fez com que Ele próprio necessitasse das criaturas que Ele havia criado.

Acima de tudo, porém, Ele, que é eterno, sujeitou-se, ao tomar a natureza humana, à morte que Ele próprio sentenciara que seria o castigo do pecado do primeiro homem que Ele próprio havia criado.

Na Sua Divina Santidade, fez-se igual a qualquer de nós em tudo, exceto no pecado, e porque assim se fez, Ele, que era Deus, foi tratado como se não fosse santo, como se não fosse a Santidade mesma.

Foi «Jesus» o nome que Lhe deram quando nasceu, porque, como os anjos proclamaram, «salvaria do pecado o Seu povo». Não tomou o nome de «Mestre», porque então haveria sido apenas um reformador de moral como fora Sócrates; nem o nome de «Juiz», porque assim teria anunciado o

julgamento, antes de haver pregado a misericórdia e o perdão. Mais tarde, quando principiou a Sua vida pública, João Batista saudou-O, chamando-Lhe «o Cordeiro que tira os pecados do mundo», aludindo assim evidentemente aos muitos milhares e milhares de cordeiros que haviam sido imolados desde os dias de Abraão, como prefiguração deste Cordeiro que espontaneamente vinha para ser imolado para redenção dos homens.

Arnold Toynbee faz notar na sua obra histórica monumental que, em todas as sociedades em dissolução, um indivíduo que surja com poder de iniciativa criadora é chamado a desempenhar a função de salvador. E Toynbee distingue três categorias de salvadores eventuais: o salvador que acredita no progresso automático e que intenta salvar o mundo por meio de máquinas e de técnicas; o salvador armado de espada, que não torna a embainhar mesmo depois de ter aberto com os seus golpes o caminho do trono; e o salvador que julga poder salvar o mundo com discursos mais ou menos filosóficos. Nenhum destes, diz Toynbee, pode ser portador de salvação: o único que pode salvar a civilização é o Salvador que salvou os homens do pecado. Apontando para Cristo, conclui Toynbee: «De pé e com os olhos fitos na outra margem distante, só uma figura se eleva sobre as ondas e enche todo o horizonte. É Aquele o Salvador». Sim, o Salvador, que nasceu no dia de Natal. Talvez que, no fim de contas, a salvação dos homens não esteja numa grande reserva de bombas atômicas armazenadas em vastas cavernas, mas, sim, num Menino abrigado sob um presépio e a Quem chamam o «Salvador dos homens».

Liberdade

Capítulo XLIX

Que é a Liberdade?

Perguntado a Santo Agostinho, «o que era o tempo», respondeu: «Sei o que é enquanto não mo perguntais», Muitos diriam o mesmo acerca da liberdade. Todos falam nela, todos se dão ao cuidado de refletir no seu significado. Como matéria de fato, há duas espécies de liberdade: uma é estar-se livre *de* alguma coisa; a outra é ser-se livre *para* alguma coisa. Uma é a liberdade de escolha, que nos permite escolher entre o bem e mal; a outra é uma liberdade mais alta que condiciona a consecução da verdade e da bondade.

Estar-se livre de necessidades e estar-se livre do terror são exemplos de liberdade negativa: nada indicam acerca do que os homens devem fazer dessa liberdade de que desfrutam. Há um abismo de diferença entre o condutor dum automóvel estar livre de encontrar empecilhos na estrada, e ser livre de ir no seu carro a outra qualquer cidade para visitar parentes ou amigos. Pode um doente estar livre, desde há muito, da tuberculose de que sofreu durante anos: subsiste para ele o problema do que tenciona fazer da sua vida.

A segunda espécie de liberdade encontra-se definida na Bíblia: «A Verdade tornar-nos-á livres». Isto implica que, acima e primeiro que a elementar liberdade de escolha, existe a mais alta e mais nobre liberdade que provém de se haver escolhido o que era bom e era justo. Só quando um aviador conhece verdadeiramente um avião, é que dispõe da liberdade de nele voar; só quando um médico conhece verdadeiramente as leis da

medicina, é que tem a liberdade de a exercer; e também só quando um lavrador conhece verdadeiramente as suas vacas, é que tem a liberdade de as mungir³⁶. Assim também, quando um indivíduo conseguiu dominar as suas paixões viciosas e as sujeitou aos ditames da razão e dos supremos princípios espirituais, está então senhor dessa verdadeira liberdade de caráter que proporciona a paz e a felicidade.

Homem privado da liberdade de proceder mal, nada mais será do que um autômato, mas a liberdade de proceder mal pode ser o princípio da perda da liberdade. Quem considera a liberdade de beber como sendo o direito de beber sem conta nem medida, descobrirá um belo dia que já não tem liberdade para deixar de beber. A esta tirania íntima dá-se o nome de alcoolismo. Aquele que aprende, porém, a conhecer a verdade da vida, saberá conservar a sua liberdade em face dessa tirania e doutras análogas, que são o castigo dos abusos da liberdade de escolher. O perigo da tirania e da escravidão está sempre latente quando concentramos a nossa liberdade inicial na satisfação apenas dos apetites, sejam estes de que espécie forem, intelectuais ou materiais.

A segunda e mais alta liberdade baseia-se na aceitação duma verdade — que em última análise não será, porém, uma verdade abstrata. A filosofia pode proporcionar satisfação ao espírito, mas somente por algum tempo, — e pouco tem que mereça amor. Ninguém morrerá de amores por um teorema de geometria ou por uma tábua de logaritmos, por mais que o teorema e os logaritmos sejam matematicamente certos e verdadeiros.

Só nas pessoas encontram repouso e conforto os corações humanos. Jamais houve neste mundo pessoa alguma que identificasse a verdade com ela própria, a não ser Jesus — porque era o Filho de Deus. Todos os mais criadores de religiões limitaram-se a dizer: «Eu proclamo a verdade», ou «Dou-vos este código de preceitos morais», ou «Eis os mandamentos».

³⁶ Ordenhar.

Só Jesus podia dizer e afirmou: «Eu sou a Verdade». N'Ele, a Verdade e a pessoa, o Ideal e o fato conjugavam-se. E é porque Deus se manifesta em Cristo, que a Verdade se tornou digna de ser amada.

Desde há pouco mais de século e meio que os homens se deixaram tyrannizar pela baixa liberdade de serem obrigados a escolher entre «direitas» e «esquerdas». Esta sujeição a um plano horizontal torna a vida tão aborrecida e desinteressante, que não poucos são os que preferem depor nas mãos do Estado aquela sua baixa liberdade. Foi assim que nasceu o Socialismo, em que o Estado é tutor de todos e de tudo. Isso, porém, só acontece nas civilizações em que os indivíduos perderam o conhecimento da Divina Verdade e do Divino Amor. Fartos de terem de fazer incessantes escolhas que jamais endireitam o mundo, ou ainda menos lhes dão paz às almas e aos corações, os homens acabam por aclamar um ditador.

É assim que o Comunismo representa a tragédia da liberdade. O falso liberalismo, que dá aos homens a liberdade de escolherem o que quer que seja sem os habilitar com um critério que lhes permita distinguir o que é bom e o que é mau, acaba por gerar o caos. Atrás dele, vem o Comunismo, que organiza esse caos. E teremos então a nova definição de liberdade, enunciada pelo fundador do Comunismo: «A liberdade é a necessidade». Por outras palavras: sereis livres enquanto obedecerdes cegamente ao ditador. O que os Comunistas afinal fizeram, foi roubarem a Verdade ao seu dono legítimo, que é Deus, e identificarem-na com o seu regime totalitário.

Quer o saiba, quer não saiba, o mundo está atualmente perante a necessidade de ter de escolher entre a escravidão a esse regime e a amorável sujeição Aquele que disse: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Capítulo L

O Amor é mais forte do que a Morte

Muito mais pessoas têm sofrido por causa da sua religião desde que em 1917 o Comunismo se instaurou na Rússia, do que nos três primeiros séculos da era cristã.

Talvez, sem o sabermos, vivamos na época do Grande Martirológio, — e teremos que esperar até que a Rússia acabe por abolir o Comunismo, para sabermos quantos milhões de pessoas lá sofreram a perseguição e o martírio. Haverá, porém, que acrescentar aos da Rússia os que foram perseguidos nos três Países Bálticos, onde uma população total de 22 milhões, e nas Nações Europeias que ficaram por detrás da Cortina de Ferro, onde 92 milhões de almas ficaram também sob o jugo da tirania comunista. E, no outro lado da Terra, há que acrescentar ainda à lista dos mártires os da China, da Coreia e do Vietnã.

Tudo isto dá-nos o direito de perguntar o que acontecerá quando a Foice e o Martelo deixarem de ceifar e de esmagar os réus do novo crime de crer em Deus. Para se responder a esta pergunta, bastará evocar a lembrança de São Paulo e dos seus companheiros, que numa das suas jornadas missionárias foram a Antióquia. Mal lá haviam chegado, estalou

contra eles uma perseguição que os obrigou a partirem para Icônio. Também aqui se levantou uma perseguição em que São Paulo e os seus companheiros foram apedrejados. Fugiram, então, para Listra, em obediência ao mandado do Divino Mestre: «Quando numa cidade vos perseguirem, fugi para outra», — não para lá repousarem, mas para pregarem o Evangelho. O poeta latino Ovídio deixou-nos uma descrição de Listra, situada numa planície rodeada de montanhas.

Nas muralhas da cidade havia um pequeno templo pagão, a par do qual se erguiam uma tília e um carvalho. Era uma cidade pitoresca, para onde vieram, na pegada³⁷ de São Paulo, alguns dos seus perseguidores de Antióquia e de Icônio, que lá incitaram a população contra o Apóstolo e os seus companheiros, que foram apedrejados e deixados por mortos. São Paulo deve nessa ocasião ter-se lembrado das pedras que vira arremessadas contra o primeiro mártir, Santo Estêvão, enquanto ele próprio guardava os mantos dos apedrejadores. Quantas vezes tem sucedido que os pecados de que fomos réus, embora nos hajam sido perdoados, ressurgem na velhice perante nós sob a forma de penitências que nos recordam, de alguma forma, esses pecados da mocidade!

Perante aquelas perseguições, que fizeram, porém, São Paulo e os seus companheiros? Outros quaisquer teriam talvez fugido para mais longe ainda, pondo maior distância entre os seus perseguidores e eles.

A verdade, porém, foi que eles voltaram a visitar todas as cidades onde haviam sofrido, — primeiro Listra, depois Icônio, depois Antióquia e, por fim, Pisídia, donde primeiro tinham fugido para Antióquia.

Batido, fatigado, aquebrado, São Paulo tornou a essas mesmas cidades, tal qual nos velhos tempos as alterosas naus de guerra voltavam ao combate, apesar de desmastreadas e crivadas de rombos no costado, mas de

³⁷ 1. Sinal ou vestígio do pé. 2. Conjunto de marcas deixadas pela passagem de algo ou alguém. = PISTA, RASTO, TRILHA, VESTÍGIO.

bandeira sempre orgulhosamente arvorada.

Virá um dia em que os 600000 refugiados do Vietnã do Norte, muitos dos quais sofreram pela fé em Cristo, hão de regressar outra vez aos seus lares, para retomarem o fio da sua missão onde o deixaram. Das minas de sal e de urânio da Rússia e da Sibéria sairá um dia uma longa procissão que através das estepes retomarà o caminho de regresso para Moscou e para Kief. Os que fugiram dos países bálticos para a América a fim de escaparem às perseguições, voltarão às suas terras natais, ainda que seja apenas para uma visita de saudade. Os milhares de missionários que, depois de longas e dolorosas estadias em prisões, foram expulsos da China, também tornarão a visitar os seus antigos seminários, hospitais e leprosarias, onde receberão mais do que haviam perdido, tal qual aconteceu com as riquezas de Jó.

Muitas vezes, é a pedra que se atirou fora que vem a ser a cúpula da abóbada. Não é, aliás, preciso que todos esses que hão de regressar, voltem como vencedores materiais: basta que regresse deles o ânimo invencível com que demonstraram que nem as perseguições, nem as forcas, nem a foice nem o martelo, nem os males do presente, nem as sombras do futuro conseguiram jamais fazê-los renegar o seu profundo amor à verdade e à justiça. Voltarão perante os seus perseguidores de hoje para lhes provar que o amor é mais forte que todas as torturas.

Com os corações puros de maldade, responderão às maldições com bênçãos, assim como já tinham respondido às sevícias com o perdão. Na região da Coreia, treze missionários foram presos pelos comunistas. Seis foram logo mortos e outros seis morreram na prisão. Só um sobreviveu a longas torturas, — e vai agora regressar à Coreia. É o princípio do Grande Regresso.

Há qualquer coisa de misteriosamente simbólico nos regressos ao mesmo lugar onde se viveu um tempo. Um dos comunistas chineses que

torturou, durante três anos, um missionário americano, até que este acabou por morrer, — ao ser informado da morte da sua vítima, foi ao quarto onde o missionário tinha vivido, amarrou uma corda numa viga do teto e enforcou-se. Dir-se-ia que sentiu ser necessário e justo que naquele mesmo sítio onde fora cometido o crime, ali mesmo devia expiá-lo por suas próprias mãos. Talvez que Judas se tenha enforcado na cruz vazia onde morrera Nosso Senhor.

Neste momento, não nos interessa, porém, falar da expiação do mal, mas sim da recompensa do bem. E assim, todos os que figuraram nas levas da morte e lhes sobreviveram, hão de regressar um dia, como São Paulo regressou a Antióquia, para demonstrarem que o amor é mais forte do que a morte.

Capítulo LI

“Estou no meu Direito”

Não há ninguém que julgue precisar de que lhe ensinem os seus direitos. Toda a gente passa a vida a dizer que tem direito a isto ou àquilo, a proclamar que não consente que lhe atropelem os seus direitos, que lhe saltem por cima...

Em compensação, é raríssimo ouvir quem quer que seja dizer que tem o dever de fazer isto ou aquilo, que deve respeitar o direito alheio. Todos enchem a boca com os seus direitos, poucos conhecem sequer de vista os seus deveres.

Qual é, porém, a relação entre uns e outros, entre direitos e deveres? Constitui direito tudo quanto é inerente à personalidade, a fim de lhe assegurar a permanência e o aperfeiçoamento.

Tal a razão por que o homem tem direito à vida, tal o motivo por que tem igualmente direito de adorar a Deus, segundo os ditames da sua consciência, porque a vida é necessária para a subsistência da personalidade e porque a fé em Deus é precisa para a paz do espírito e a felicidade da alma.

Os deveres estão para os direitos como o lado côncavo duma superfície curva está para o seu lado convexo. Se tenho direito ao que me é necessário para o desenvolvimento do meu espírito, tenho o dever de respeitar nos outros igual direito. Não há direito a que não corresponda um dever, tal qual numa superfície curva não há lado côncavo sem lado

convexo.

Direitos e deveres também se assemelham muito às raízes e frutos duma árvore. Uma árvore tem «direito» de se desenvolver consoante a sua espécie, dando flores e produzindo frutos. Este «direito» da árvore só pode, todavia, ser exercido e afirmado sob a condição de ela reconhecer e obedecer ao «dever» de se conservar enraizada no solo e de haurir do ambiente a luz e o ar, pois de contrário morrerá e o seu «direito» a dar flores e frutos caducará.

Assim também os nossos direitos estão socialmente condicionados por certos deveres, e a separação entre estes e aqueles conduzirá fatalmente à destruição.

As realidades da mecânica também proporcionam exemplos da relação implícita entre direitos e deveres. O pêndulo dum relógio, por exemplo, tem o «direito» de oscilar dum para outro lado. Mas só pode gozar desse «direito» se se conformar com o «dever» de se conservar pendurado num determinado gancho do relógio. E se, para afirmar a sua «liberdade», o pêndulo se recusar a obedecer à disciplina da suspensão, verificará que não é capaz de fazer valer o seu «direito» de oscilar, e não oscilará de fato nunca mais.

Há um provérbio chinês que traduz o mesmo conceito por outras palavras: «A melhor maneira de haver limpeza nas ruas duma cidade é a de cada qual varrer diante da porta da sua casa». Infelizmente, porém, é hoje muito vulgar o desvario sob os seus variadíssimos aspectos.

Há a tragédia do divórcio de maridos e mulheres, que é uma traição à palavra dada e a redução, a uns amores transitórios, de um amor que devia ser perpétuo.

Outra forma de divórcio que também faz aluir os alicerces da sociedade é o que se verifica entre os direitos e os deveres. Assim, o chamado «liberalismo» proclama sonoramente a liberdade e os direitos do

homem, deixando no esquecimento as suas responsabilidades e os seus deveres. É o mesmo que uma árvore querer dar frutos sem estar presa pelas raízes; o mesmo que um pêndulo que pretendesse baloiçar-se³⁸ sem estar pendente do relógio. Em resumo, querer-se o direito a ser livre de tudo, sem se terem deveres para coisa alguma, ou o direito a ter os pés solidamente assentes... no ar.

No extremo oposto, encontram-se os Reacionários, que, pelo contrário, só exigem o cumprimento dos deveres sem qualquer contrapartida de direitos, e que preconizam uma sujeição tão total à comunidade e à tradição, que pouco ou nenhum direito à liberdade deixam aos indivíduos. Para eles, o pêndulo teria apenas o dever de estar pendurado do relógio, sem o direito de sequer se mover, e a árvore teria somente o dever de estar presa ao solo pelas raízes, sem ter o direito de se vestir de folhas. Em resumo, os Reacionários afirmam, o dever de se terem os pés parafusados solidamente numa chapa de cimento.

O espírito moderno dá importância demasiada à banal diferenciação política entre «direitas» e «esquerdas», quando, praticamente, estar nas direitas e estar nas esquerdas é tudo estar-se afastado do centro, e estar-se afastado do centro é, etimológica e realmente, ser-se «excêntrico». As democracias fariam melhor e gozariam de mais saúde, se cada cidadão perguntasse à sua consciência se estava «acima» ou estava «abaixo»: acima, no caminho da perfeição da Vida, da Verdade e do Amor, que é Deus, ou abaixo, no caminho que leva para longe de Deus.

Cada célula do nosso corpo tem «direito» a ser alimentada pelo plasma do sangue, mas sob a condição indispensável de cumprir o «dever» de se conservar no nosso corpo. Assim também os direitos individuais são função dos deveres sociais. Os nossos direitos sobre as pessoas de quem dependemos são inseparáveis do amor que devemos ter a essas pessoas —

³⁸ Balançar-se.

e cada um de nós depende de todos os seus concidadãos e da nação inteira, se não de toda a humanidade, para podermos cultivar e desenvolver a nossa personalidade.

Quem se alheia dos seus deveres e responsabilidades para com a sociedade, demite-se, do mesmo passo, dos seus direitos sobre ela. Se a qualquer cidadão digno for perguntado pelas autoridades se está filiado numa associação de malfeitores, esse cidadão não responderá certamente «que estava no seu legal direito», antes pelo contrário, acederia a responder. Porquê? Porque moralmente só poderia responder que «estava no seu direito», se também reconhecesse os seus deveres.

Ora, se estivesse filiado numa associação de malfeitores, faltaria aos seus deveres, — e faltar aos deveres implica a perda dos direitos. Quem não estuda e não sabe, não tem direito a ensinar; quem não trabalha, não tem direito a salário; quem não ama fielmente a sua Pátria, não tem direito a que ela o proteja. Deus poderá protegê-lo e salvá-lo, se ele se arrepender, mas a tragédia dos nossos tempos é esta: os que não amam a Deus, também quase sempre não são fiéis à sua Pátria.

Capítulo LII

Somos realmente responsáveis?

Como é possível afirmar-se ao mesmo tempo que os homens são livres e não são moralmente responsáveis pelo que fazem? Por um lado, protestamos contra a mínima tentativa de limitar a liberdade humana, e protestamos até ao ponto de preferirmos a licença a qualquer tentativa semelhante; proclamamos a superioridade do «mundo livre» e glorificamos a civilização ocidental que entroniza a liberdade e faz dela a condição da autoridade e o dogma da vida social. Mas, por outro lado, os nossos psicólogos afirmam que um menino que quebra janelas à pedrada; um bandido que mata um velho porque embirra com a maneira como ele assobia; um criminoso que rouba um automóvel e vai com ele assaltar a caixa dum banco, — nenhum deles é moralmente responsável por tais façanhas, em consequência de vários complexos ou reflexos, tais como não ter sido convenientemente alimentado quando era criancinha o tal menino; ter apanhado açoites do velho avô o tal bandido, ou ter sido mimado pela mãe com brinquedos de automóveis e com dinheiro para rebuçados³⁹ o atual ladrão de automóveis autênticos. Pouco importam, aliás, para o caso as explicações e as desculpas com que se pretende isentar os homens da sua responsabilidade moral: tanto faz que seja a explicação darwinista de ter ocorrido uma «falta» no processo evolutivo de

³⁹ Guloseima feita de açúcar em ponto coagulado que se vende geralmente em pequenos pedaços embrulhados em papel ou plástico.

determinados indivíduos, como a noção marxista-comunista de que a má formação moral desses indivíduos resulta duma arrumação defeituosa das suas células e átomos, como ainda a teoria freudiana de que sofrem dum complexo de severidades do avô ou de mimos da bisavó. O fato é que o homem moderno tende para acreditar cada vez mais que nada do que fizer é mal feito. Pois se já se chegou ao cúmulo de haver programas radiofônicos infantis em que a gente ouve meninos ainda de calças curtas a proferirem «conferências» em que afirmam que se outras crianças são o que as «pessoas antiquadas» ainda chamam «meninos maus», é porque a «suposta» maldade dessas crianças é a maneira que elas têm de mostrar que «precisam de mais amor»! Está claro que, por estes processos, ensina-se aos futuros cidadãos, desde a mais tenra infância, a arte da desculpa hipócrita e a ciência de que o importante na vida é saberem desculpar-se habilidosamente.

Ora a verdade é que não há saída deste dilema: ou somos livres, e, nesse caso, somos responsáveis; ou não somos responsáveis, e, então, é porque não somos livres.

O gelo não é livre, e portanto não tem culpa de se derreter; as máquinas de fazer contas não são livres, e, por conseguinte, não são responsáveis pelos resultados que provêm de se lhes haver tocado, por engano, em teclas impróprias; os homens, porém, esses são livres, e portanto tem que prestar contas de todos os seus pensamentos, desejos, palavras e ações. E a garantia dessa liberdade dos homens é e chama-se o Inferno seja muito embora uma garantia negativa, que todavia significa que os homens são realmente tão livres, que até escolhem livremente o seu destino para toda a eternidade.

Se queremos que o mundo continue a ser livre, temos de querer e de promover que o mundo continue a ser responsável, — e num mundo responsável é imperativo basilar o reconhecimento destas verdades: nem

todos os homens são bons, nem todos os que praticam más ações são apenas «anti-sociais».

Robinson Crusoé, quando vivia sozinho na sua ilha, não podia ser «anti-social» e contudo podia ter praticado más ações e ser por elas moralmente responsável perante a sua consciência e perante Deus, que por elas lhe exigiria contas.

O homem é dotado da faculdade soberana do livre arbítrio, por virtude da qual não pode ser obrigado a pecar por imposição de «forças sociais», sejam elas quais forem, a não ser que voluntariamente consinta no pecado. Quando Santo Estêvão, o protomártir do Cristianismo, foi morto à pedrada, murmurava esta oração: «Senhor, não lhes imputeis este crime».

Três anos depois, São Paulo, ao recordar o apedrejamento de Estêvão, em que colaborara por ter ficado a guardar os mantos dos apedrejadores, confessou: «Eu estava lá e ajudei».

Não se pode ser duas coisas contrárias ao mesmo tempo. Como disse o Presidente Lincoln, «ninguém pode ser meio escravo e meio livre». O mesmo acontece com a civilização: não nos é lícito afirmarmo-nos, por um lado, cidadãos livres, e por outro lado atribuímos às condições económicas e sociais e a outros pretextos semelhantes as culpas das más ações que praticamos. Se não somos livres, então quem quererá ser virtuoso? Será atitude séria atribuímos a complexos fatais a culpa de todas as más ações e a nós próprios o mérito de todas as boas?

Se o mal que fazemos é condicionado fatalmente pelas nossas glândulas de secreção interna ou por fatores económicos, com que direito não atribuímos também à fatalidade das mesmas causas o bem que praticamos, em vez de com ele nos desvanecermos e dele esperarmos elogios e recompensas?

Foi o próprio Jesus Cristo Nosso Senhor quem nos assegurou da nossa liberdade, quando nos preveniu do Juízo Final, em que será patente a

toda a humanidade a história da consciência de cada um de nós, o inventário e balanço dos pecados que cometemos e das boas ações que praticamos durante a vida. E nesse Juízo Final seremos julgados, porque somos livres e, portanto, responsáveis.

Que políticos e homens de ciência se ponham, portanto, de acordo, pois que os primeiros não podem falar de mundo livre e de homens livres, enquanto os segundos negarem a liberdade das ações humanas. Ora os políticos têm razão quando afirmam que os homens são livres; logo os homens de ciência estão em erro quando dizem que os homens não são responsáveis pelos seus atos.

A Religião e os Homens de Hoje

Capítulo LII

Estará a Religião a tornar-se popular?

Dizem que a Religião está em progresso. Ora não há dúvida que se fala e escreve a seu respeito, mas também acontece o mesmo com a Ética e a Moralidade, que são igualmente assuntos de interesse o que não quer dizer que estejam em progresso. O que importa, por conseguinte, apurar é se há presentemente acréscimo de perfeição moral e aumento de interesse e de conhecimento do Bem e do Mal, e se esses progressos se traduzem em progresso do Cristianismo.

Se pusermos a par umas das outras as religiões Budista, Confucionista, Taoísta e Cristã, parecerá, à primeira vista, que apenas se distinguem umas das outras por meras diferenças na forma, mas não na essência, de encarar o problema do Bem e do Mal, pois que todos esses sistemas religiosos têm por objetivo a solução desse problema.

A fim, porém, de se poder discutir com inteligência acerca de religião, é indispensável ter sempre bem presente no espírito que o Cristianismo não é uma religião natural, como o são as outras religiões aludidas, das quais o Cristianismo é realmente diferente, — e essa

diferença é a que existe entre o orgânico e o inorgânico. Como disse Nosso Senhor, «quem nasceu da carne, é carne, quem nasceu do espírito, é espírito». Em todas as outras religiões, o homem dirige-se para Deus, — e é esse o seu movimento inicial; no Cristianismo, é Deus que se dirige para o homem, que corresponde então a essa iniciativa.

Nenhuma outra religião, a não ser o Cristianismo, situa liminarmente dessa maneira toda a questão.

A diferença, portanto, entre todas as religiões naturais e sistemas éticos que neste mundo existem, assemelha-se à diferença que pode existir e existe, por exemplo, entre as conchas de animais marinhos que morreram e as deixaram vazias, e os cristais, — todas coisas inanimadas — , ao passo que a diferença entre essas religiões todas e o Cristianismo é comparável à que separa os cristais das células vivas.

Por outras palavras, as outras religiões não passam, na melhor das hipóteses, de filosofias, ao passo que o Cristianismo é uma biologia espiritual.

Uma das leis basilares da física ensina que, por si próprio, qualquer corpo permanecerá no estado de inércia, ou no de movimento uniforme em linha reta, a não ser que seja posto em movimento, no primeiro caso, ou desviado da sua trajetória, no segundo, por qualquer força extrínseca.

O mineral enterrado no solo permanece mineral enquanto a vida não o utiliza e opera nele uma transmutação; assim também o homem natural, o homem simplesmente «humano», natural e humano ficará, enquanto uma Vida Divina, exterior a ele, o não arrebatou e o levanta a uma altura de dignidade espiritual e moral que ele não encontraria só em si próprio e por si próprio jamais atingiria.

Ora foi precisamente para isto que Deus Se fez Homem na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo: «Eu vim para que tivésseis vida». Daqui se conclui, segundo as Escrituras, que os homens se dividem entre vivos e

não-vivos: «Dizeis-vos a vós próprios vivos, e todavia estais mortos».

Significa isto que alguns têm apenas a vida natural: respiram, sentem, andam e falam, mas sob o ponto de vista divino, não têm vida, falta-lhes aquela vida que só Deus pode dar e a par da qual tudo o mais é morte.

A moral do Cristianismo não é, portanto, mera codificação teórica de normas psicológicas, sentimentais e éticas, mas, sim, a posse pela alma dum princípio de vida superior, caridade ou amor de Deus. Tal qual sucede na ordem científica, também na ordem cristã não existe a geração espontânea: assim como toda a vida provém doutra vida, assim também a vida em Deus tem necessariamente de provir de Deus. E assim como a alma é a vida do corpo, assim a vida divina é a vida da alma.

Jamais se viu, porque jamais ocorreu, que por si só um homem se fosse tornando mais e mais generoso, menos e menos egoísta, até se encontrar repentinamente embebido do espírito da Vida Divina. Os seres minúsculos que vivem no mar não podem crescer mais e mais, até ao ponto de chegarem ao tamanho das baleias, pois, como disse Nosso Senhor: «a não ser que torneis a nascer...» É essencial ter presente no espírito esta verdade quando se fala de religião, da mesma maneira que é necessário saber a diferença que existe, por exemplo, entre a química e a fisiologia, quando se fala acerca de ciências. A tendência que atualmente se nota para identificar o Cristianismo com o freudismo, com as aspirações materiais do operariado, com a sua participação nos lucros das empresas, com assistência social e outros objetivos incontestavelmente lícitos e desejáveis, mas de ordem puramente material, representa como que uma ablação do espírito que deve animar e realmente anima e constitui a essência íntima da religião de Jesus Cristo. Tal confusão pode efetivamente popularizar uma religião a que se dê o nome de Cristianismo, mas que o verdadeiro Cristianismo possa jamais ser popular entre os homens, isso é coisa bem

diferente e mais que duvidosa, pois que foi Jesus Quem disse:

«Separei-vos do mundo e por isso o mundo odiar-vos-á».

Capítulo LIV

Será a Religião uma Ambulância?

Em cada dez jornalistas que forem entrevistar pessoas acerca do assunto da Religião, nove começarão a entrevista com esta pergunta: «Acha que a Religião está em progresso?» Se, porém, 9 entrevistados lhes retorquirem, perguntando-lhes, per sua vez, — ou se os jornalistas começarem por perguntar aos entrevistados — o que entendem por «Religião», é certo e sabido que uns e outros esbugalharão os olhos, sem saberem atinar ao certo com a resposta. Uns imaginam que a religião é uma espécie de auto-ambulância, cuja missão consistisse em recolher os fragmentos dispersos de uma ordem social e econômica desconjuntada, até que chegue o momento em que o progresso científico atinja tal perfeição, que lhe permita consertá-la e pô-la a funcionar com equilíbrio e com justiça.

Consoante este critério, parte-se do princípio de que a Religião serve para «empurrar para a frente» os movimentos sociais, as ideias políticas e as reformas econômicas, e entende-se que o maior elogio que se lhe pode fazer consiste em dizer-se condescendentemente que «a Religião presta o seu auxílio» para a consecução desses fins. O critério implícito, quando não

explícito, nesta teoria da «religião-ambulância» é o de que a Religião não tem outro valor nem outra serventia que não seja apenas a de fornecer um impulso emotivo aos movimentos sociais, — qualquer coisa como uma linha de poesia no meio duma estatística, ou de uma orquestração musical, a servir de «fundo» duma peça radiofônica. Isto é, atribui-se à Religião o mero papel de «prestar» para alguma coisa que não tem nada de religioso e que pode ser até anti-religioso, e concede-se-lhe generosamente que, nesse caso, e só nesse caso, desempenhe a sua «função», assim como um par de luvas velhas a desempenha nas mãos de uma cozinheira, para não se escaldar ao mexer nas panelas que estão ao lume⁴⁰. Tão depressa, porém, as panelas esfriem, dispensa-se o uso das luvas, isto é, dispensa-se a Religião, logo que cessa a conveniência do impulso sentimental que ela pode servir para dar aos movimentos sociais.

Não admira que pessoas dotadas de seriedade intelectual não se sintam atraídas por semelhante religião, assim reduzida ao papel de oxigênio ideal que se injeta nos pulmões duma civilização moribunda, a fim de tentar proporcionar-lhe um prolongamento de vida mediante a respiração artificial. E, assim, a hostilidade a uma religião que sirva apenas de emoções ou de acompanhamento musical a teorias de psicanálise, não constitui demonstração da irreligiosidade; prova até, pelo contrário, que procuram sinceramente uma religião que verdadeiramente o seja, esses que tal hostilidade manifestam. A esses, diz-lhes a razão que a religião não é um mostruário de ideias, é uma prática; não é um agulhão para espicaçar veleidades preguiçosas, mas sim um antídoto do mal, assim como os remédios não são apenas uns auxiliares da saúde, pois que são também e principalmente os agentes de combate aos vírus e micróbios que originam as doenças. A Religião dirige-se às realidades, antes de se preocupar com os ideais; interessa-se mais com o que «é», do que com o que «devia ser»,

⁴⁰ Fogo que se acendeu para alguma utilidade.

— e as realidades giram à volta do que os homens são, veem e sentem, como, por exemplo, «os carneiros que se perderam do rebanho», os «filhos pródigos», as «figueiras que não dão fruto», todas essas imagens concretas das parábolas de Nosso Senhor, por Ele evocadas ante o pano de fundo dessa terrível realidade de que Deus é a Suprema Bondade, mas também a Suprema Justiça.

A Religião conseguiu transformar, «voltar do avesso», o velho mundo pagão, porque a Boa Nova que pregava tinha por fulcro a possibilidade para os homens de crucificarem nas suas vidas o mal que as corroía e de ressurgirem para uma vida nova, segundo a lição dada pelo Divino Verbo, que foi semente lançada à Terra para renascer frondosamente. Karl Marx, que viveu na mesma época em que Arnold definia a religião como sendo «um código de moral encadernado em emoção», insurgiu-se acertadamente contra semelhante critério sentimental. Preferiu-lhe o critério prático, a aplicação à realidade, como expressamente o afirmou nestas linhas da sua crítica de Ludwig Feuerbach; «Os filósofos têm *sonhado* com a transformação do mundo: pois nós *vamos* transformá-lo».

Ora é também pela realidade que a verdadeira religião se interessa; pelo que os homens são realmente no âmago das suas almas, tais quais Deus as vê, pois que, perante Ele, todas as consciências são transparentes. Como escreveu um teólogo anglicano, Maurice Reckitt, «os homens não têm capacidade para escolher entre Deus e o demônio, enquanto não sabem distinguir entre um e outro, e o objetivo da religião consiste precisamente em os ensinar a fazer essa distinção».

Os que alegam e citam o Sermão da Montanha para com ele justificarem o seu critério idealista da Religião, esquecem que era tão realista Quem pronunciou as Bem-aventuranças, que foi realmente crucificado. E quem for agora realisticamente puro num mundo freudiano;

realisticamente manso e humilde de coração num mundo agressivamente comunista; realisticamente pobre num mundo inebriado pela ânsia das riquezas, acabará por ser também crucificado.

Nunca as ideias somente levaram homem algum ao cadafalso, a não ser que ele pusesse em prática esses ideais. Que um dos que entendem que as Bem-aventuranças são «ideias» procure conformar com elas a sua vida de cada dia, e não tardará a saber que praticar o Cristianismo o fará precisar de recorrer aos serviços de uma ambulância de pronto-socorro.

Capítulo LV

Suicídio Cósmico

O governo norte-americano preveniu, recentemente, o seu povo e, por conseguinte, o mundo inteiro, dos efeitos pavorosos da bomba de hidrogênio, a cujo respeito alguns homens de ciência afirmam que pode destruir totalmente a vida em toda a Terra, ao passo que outros, menos pessimistas, opinam que numa guerra atômica os Estados Unidos têm que contar com a morte de cinquenta milhões de habitantes, pelo menos.

Perante semelhantes perspectivas, ocorre perguntar por que será que os homens se preparam para um suicídio universal. A verdade é que não há a mínima relação intrínseca entre a energia atômica e a destruição da humanidade, e a prova está em que, posta a bomba do maior poder destrutivo que se possa imaginar nas mãos de São Francisco de Assis, nem uma só andorinha correria risco de morrer. De fato, não é entre a energia nuclear e a ruína do mundo que existe relação: é entre a imaginação e vontade dos homens e a destruição que tal relação se estabelece. Assim, por exemplo, acontece com um archote aceso, posto nas mãos dum incendiário, e com a chama duma forja posta nas mãos dum ferreiro: não são a mesma coisa. Há entre o incendiário e o ferreiro uma diferença análoga à que existe entre um homem que se serve da água para se suicidar, afogando-se, e outro homem que a aproveita para se exercitar, nadando. Isto é, uma diferença de espírito e de intenção, apenas. Num e noutro caso, o fogo é o

mesmo e é a mesma a água; o seu emprego é que diverge, consoante duas filosofias ou critérios diferentes.

Qual será, portanto, a conexão que existe entre a mentalidade dos homens de hoje e semelhante risco de suicídio coletivo? Nietzsche, na sua loucura profética, previu um século de guerras: «Anuncio o advento duma idade trágica... Temos que nos preparar para uma longa série de ruínas, devastações e revoltas... Haverá guerras como jamais o mundo viu... Não tardará que a Europa fique envolta em trevas, e assistiremos ao alastrar dessa escuridão... Vem aí a catástrofe, uma catástrofe de que sei o nome, uma catástrofe cujo nome não direi... e em que toda a Terra se contorcerá numa agonia atroz».

Por que motivo predisse Nietzsche esse espectáculo da Terra coberta pelo negrume da morte? A esta pergunta ele próprio respondeu que a carnificina universal, que ele profetizava, seria o resultado do ateísmo que ele pregava. E o ateísmo de Nietzsche não era o ateísmo grotesco dos primários besuntados de pseudo-ciência, que se nos depara nas obras de H. G. Wells, de G. Bernard Shaw e de Bertrand Russell, mas, sim, um ateísmo militante, por cuja inspiração satânica o homem quer a morte de Deus. Um ateísmo que não consiste em se duvidar da existência de Deus, mas sim na vontade de não ter Deus, Como disse o próprio Nietzsche: «Devemos fazer da morte de Deus a vontade esplêndida e suprema». Ora é desta mesmíssima inspiração o ateísmo militante do Comunismo.

Se, porém, o homem não quer que Deus exista, terá fatalmente que inventar qualquer coisa que O substitua, qualquer coisa que lhe sirva de conforto na solidão em que ficará nesse novo mundo sem Deus, — novo mundo que será, segundo o próprio Nietzsche, o do advento do niilismo.

E continuando a profetizar, Nietzsche antevê que «a morte de Deus terá necessariamente repercussões terríveis», pois que a humanidade anti-Deus caminhará apressadamente para a sua própria destruição. O filósofo

russo Nicolau Berdiaeff deu a seguinte explicação deste conceito de Nietzsche: «Onde não há Deus, também não haverá homens». Significa isto que, se o homem não for a imagem e semelhança de Deus, se for apenas o seu próprio «absoluto» e pseudodeus, estará implicitamente desinteressado no seu íntimo, exatamente como se a sua alma tivesse sofrido uma desintegração atômica de ordem psíquica. Fragmentada a sua alma em milhares de partículas divergentes, o homem encontrar-se-á subconscientemente preparado para destruir o mundo. Ou melhor, terá deixado de ser homem, porque nada lhe restará do que constitui a dignidade humana.

Um ateísmo que quer a morte de Deus, necessariamente quer também a morte do homem, consoante uma lógica imperativa confirmada pelos máximos doutrinadores desse ateísmo.

Tendo renegado a mão misericordiosa de Deus, que o amparava e conduzia para o seu celestial destino, o homem ficará reduzido a um joguete do acaso ou dos tiranos inconscientes que hão de carregar nos computadores que farão explodir as bombas atômicas.

O homem que odeia a Deus, odiar-se-á a si próprio intimamente e exteriorizará esse ódio no ódio aos seus semelhantes para os destruir. Porque o ateísmo gera o niilismo, e este, a vontade de aniquilação do mundo.

Há tanta razão para temermos a energia atômica, como a há para temermos o sol, onde a energia atômica gera a luz que nos alumia e o calor que aquece a Terra. Do que devemos ter receio, é da consciência e do critério dos que dispõem das bombas atômicas. O problema da bomba atômica resume-se, afinal, embora em larguíssima escala, no problema que um simples fósforo pode suscitar: nas mãos de uma dona de casa, serve para acender o fogão ou a lareira, mas nas mãos dum criminoso, pode servir para incendiar uma casa. Nas mãos de homens tementes a Deus, a energia atômica fará progredir as indústrias, ao passo que nas mãos de

gente sem Deus poderá ser a ruína da humanidade. Não é, portanto, das bombas atômicas que devemos ter medo, mas sim dos homens que não têm Deus.

Capítulo LVI

Cristianismo Fácil

Lembram-se da famosa resposta que o grande romancista católico inglês, G. K. Chesterton, deu quando lhe disseram que o Cristianismo tinha sido posto à experiência e se verificara ser deficiente? Essa resposta foi: «O Cristianismo não foi posto à experiência porque se verificou que era rígido». É, porém, de duvidar que devesse ser essa a resposta adequada. Talvez se aproximasse mais da verdade prática dizer que o Cristianismo não foi posto à prova, porque se verificou ser demasiado fácil. Hoje em dia, muita gente alheia-se do Cristianismo, não por achá-lo difícil e rígido, mas porque lhe parece demasiado condescendente e fácil; não porque exige de mais, mas sim porque pede de menos.

Primeiro que tudo, dá-se do Cristianismo uma definição tão larga, que permite abranger não só o que não é cristão, como até o que poderá chamar-se, provavelmente, comunismo.

Muitos que se intitulam cristãos identificam o Cristianismo com as reivindicações operárias, ao passo que outros o confundem com a defesa da propriedade privada, ou seja, do Capitalismo. Chamam cristãos a uns, porque são adversários de determinados personagens políticos; e também denominam cristãos a outros, porque são partidários desses mesmos personagens. E quantos sermões não são proferidos do alto dos púlpitos, que não passam de pregações de banal moralidade, e em que uma dose

insignificante de bons propósitos recebe o nome elogioso de «espírito de Cristo»?

Não falta quem considere imediatamente como manifestação de hostilidade a mínima censura ao Cristianismo e, por causa disso, proclame a sua descrença da geração atual.

Está claro que sempre que tais censuras ou ataques provém dos que já fazem profissão de anti-Cristianismo, nenhuma conclusão favorável se pode tirar. Quanto, porém, aos que protestam contra a descristianização das massas, é de presumir que tais protestos não traduzam intenções anticristãs, ou sequer antireligiosas, mas, sim, pelo contrário, sejam ditadas pelo desejo de acordar consciências adormecidas. Alguns dos que assim criticam, terão talvez posto o dedo nas feridas das consciências de certas pessoas que se intitulam e se julgam cristãs — e que bem andariam se fizessem exame dessas suas consciências perante o Divino Mestre.

Compreender-se-á melhor o problema do homem moderno, quando se reconhecer que ele atingiu, neste século, o fundo da sua alma. O Liberalismo primário, a indiferença invertebrada, a falsa tolerância que não sabe distinguir o bem do mal, o dia da noite, o que é justo do que é injusto, só conseguiram fazer do homem do século XIX um ser inerte e desventurado.

O homem do século XX, pelo contrário, prefere os extremismos e deseja pô-los em prática. Aproveita todos os processos de averiguação, até à psicanálise e à experimentação da alma, para descobrir os abismos da sua própria consciência, — no fundo da qual se lhe depara, por fim, esta evidência: ou deve, aceitando Deus, ir até à santidade, ou nega a Deus e ir até à conclusão lógica do Comunismo ateu. Não existe meio termo. Quer a santidade, quer o ateísmo militante constituem igualmente contraprovas da existência de Deus. O Comunismo ateu não poderia ser militante contra Deus, se Deus não existisse, assim como não poderia ser militante contra as

Pátrias, se estas não existissem. O Comunismo não nega a Deus: desafia-O, odeia-O, e tem por alvo expulsá-LO do Céu e expulsar da face da Terra os que creem em Deus. Tal é um dos extremismos; o outro, que é o da santidade, foi o que produziu São Pio X, o Cura d'Ars, o padre Charles de Foucauld e tantos outros servos de Deus.

O Comunismo é atração para aqueles cujas vidas já são por natureza más, pois que lhes dá uma solidariedade antimoral em que a sua maldade encontra ambiente adequado. Mais vasta e forte é, porém, a atração do absoluto. O homem moderno deseja servir, quer dedicar-se a uma causa. Como dos púlpitos não ouve soarem apelos ao heroísmo e à santidade, mas sim mansas falas lamurientas de tolerância, de bondade sentimental e de moralidade fácil, prefere a violência de Lênin à redenção de Cristo; entrega-se a Karl Marx, em vez de se consagrar a Jesus; prefere enquadrar-se na multidão que adora o ídolo do totalitarismo, a gozar a gloriosa liberdade dos servos de Deus.

Existe latente nas desiludidas almas dos homens de hoje um maior potencial de Bem, do que supõem ou creem saber certos indivíduos que se dizem cristãos, os quais não poderão conquistar para Deus essas pobres almas, enquanto eles próprios não derem o exemplo do regresso a Jesus Crucificado, que mandou que tomassem as suas cruzes os que quisessem segui-LO. É por isso que muita gente se alheia hoje do Cristianismo: porque não ouve que lhe mandem carregar com cruzes, e assim o julga demasiado fácil. A verdade, porém, é que o Cristianismo não tem nada de fácil; e, para que disto nos convençamos, basta que contemplemos um crucifixo e saibamos compreender que ele é condição essencial da ressurreição das nossas almas e da nossa perfeita união com o Pai Celeste. E quando os homens de hoje tiverem assim compreendido que o Cristianismo é áspero e duro, experimentá-lo-ão.

Capítulo LVII

Deus e a Crise do Mundo

S amais o mundo deixou de estar em crise, pois que crise significa um julgamento da maneira por que ele vive e pensa e procede. Cada crise é prenúncio e como que ensaio geral do Juízo Final, assim como uma dor de cabeça é um julgamento de qualquer infração que se cometeu contra as leis da saúde. A «confusão das confusões» que reina hoje em dia na vida política, econômica e social é resultado da revolta dos homens contra a lei moral e a lei de Deus. As crises de que reza a história não representam experiências a que Deus submete propositada e arbitrariamente os homens.

Deus contenta-se com permitir a ação de causas secundárias, deixando que por via delas o mundo experimente, de quando em quando, os efeitos desastrosos das escolhas que o próprio mundo livremente fez. Assim também nas tragédias gregas, Nêmesis personificava a consequência e a punição do orgulho.

A causa última de todas as crises que o mundo atravessou está nas relações entre o homem e Deus, e esta relação alterou-se radicalmente desde há um século até hoje. O ateísmo deixou de ser meramente negativo e passivo, de ser apenas uma negação ou desconhecimento de Deus, para passar a ser um desafio.

O ateísmo atual é militante e destruiria Deus, se tal fosse possível. Assim, ao mesmo tempo que reconhece a existência de Deus, renega essa

existência, pois que é aquele reconhecimento da existência divina que constitui explicação cabal da fúria histórica com que o ateísmo de hoje persegue Deus. Deparam-se ao homem dois caminhos: ou participa com paciência e devoção na vida de Deus, conseguindo assim um bocadinho de ventura e paz, ou então revolta-se contra Deus, divinizando-se a si próprio, — e neste caso constrói um mundo totalitário no qual surgem indivíduos que, segundo as palavras de São Paulo, transformam «a glória de Deus incorruptível numa imagem feita à semelhança do homem corruptível». Nesta mistura absurda de mitomania e de ateísmo, de idolatria e de negação da Divindade reside a explicação do otimismo delirante com que o Comunismo julga poder criar uma humanidade nova, diferente da humanidade que Deus criou. A origem primeira deste mal não está, aliás, no Comunismo russo dos nossos dias, pois que reside no espírito do próprio mal, em Satanás e assim é que, já há um século, o presidente Lincoln podia dizer da guerra civil que ensanguentou os Estados Unidos, que ela era um juízo de Deus «por terem os Americanos olvidado Deus».

Os algozes que executam as sentenças de Deus são muitas vezes os bárbaros. Assim, por exemplo, o povo judaico, o «povo eleito de Deus», foi castigado dos seus pecados por outro povo que o Profeta já descrevera chamando-lhe o «povo sem Deus», — e esse povo foi primeiro o Assírio, depois o de Babilônia e, por fim, o de Roma.

Mais tarde, esta mesma Roma foi castigada pelas hordas dos bárbaros teutônicos e Hunos que destruíram o seu império, assim como nós vemos hoje os Comunistas a fazerem cair maciçamente sobre o Mundo Ocidental o peso da filosofia daninha que esse mesmo Mundo lhes ensinara, no século passado, por via de Karl Marx.

Importa soberanamente às Nações Ocidentais, por conseguinte, que tomem consciência de si próprias como povos livres e tementes a Deus, pois só assim teremos razão para esperar que a Sua bondade e a Sua mise-

ricórdia nos pouparão à tirania dos sem-Deus. Destas nações livres, destacam-se os Estados Unidos, que tomaram a iniciativa — cujos exemplos são raros na História — de irem em socorro dos seus antigos adversários, imediatamente após o fim da guerra. «Amai os vossos inimigos» foi preceito que a Grande República Norte-Americana começou a praticar tão depressa cessaram as hostilidades, a fim de reconstruir moral e materialmente a Alemanha e o Japão.

Foram também os Estados Unidos que se reconheceram socialmente responsáveis para com os pobres e os desgraçados deste mundo. Conscientes de que a posse da riqueza constitui apenas um depósito com todos os seus deveres e responsabilidades, os Estados Unidos consagraram-se imediatamente a evacuar os refugiados que fugiam dos países totalitários, a criar organizações de socorro nas nações arruinadas e nas economicamente fracas, para o combate contra as doenças, epidemias e sub-alimentação. Como que por uma acção reflexa, os Estados Unidos desempenharam para com o resto do mundo o papel do Bom Samaritano, sem propósitos imperialistas e sem terem adquirido a mínima parcela de novos territórios em resultado da guerra.

Finalmente, no plano meramente terreno e político, a América está a desempenhar — abaixo de Deus — o papel acessório de defensora dos povos livres do mundo contra os que pretendem aniquilar a personalidade humana, transformando cada indivíduo em simples peça de maquinismo monstruoso do Estado totalitário.

Assim como, em tempos idos, a América foi terra de inviolável refúgio para os perseguidos, assim também é hoje o bastião da liberdade e a esperança dos povos oprimidos, a fortaleza que resistirá ao Moloch do Comunismo, que intenta escravizar os homens depois de haver exilado a Deus.

Capítulo LVIII

○ Cérebro não é tudo

Quem não viu caricaturas do homem das cavernas a arrastar a mulher pelos cabelos, empunhando na mão cabeluda o cacete com que a tinha sovado selvaticamente⁴¹? Era, de fato, assim que se imaginava, há uma dezena de anos, o homem da Idade da Pedra, mesmo que fosse da pedra «polida», mas é de crer que semelhante ideia deva ser agora abandonada, visto que o procedimento dos Comunistas para com os seus prisioneiros de guerra e adversários políticos faz com que o chamado «homem primitivo» nos pareça, à vista deles, um cavalheiro de alma cheia de ternura. A verdadeira razão, aliás, por que os conceitos que dantes formávamos acerca do homem primitivo se modificaram radicalmente consiste em se ter a ciência tornado mais autenticamente científica.

Mais isentos de preconceitos e mais habilitados com o conhecimento dos fatos, os homens de ciência contemporâneos abandonaram completamente a teoria de Levy-Bruhl acerca da incapacidade de pensamento lógico no homem primitivo, — e o próprio Levy-Bruhl, nos seus últimos anos, já duvidava também do valor dessa sua teoria.

Num estudo sobre a «Mentalidade da Época Glaciar», o Professor alemão Kraft analisou metodicamente os instrumentos de trabalho, de rude pedra lascada, de que os nossos antepassados se serviam e que ele calcula

⁴¹ Selvagem, Rústico, Grosseiro.

datarem de há uns 500000 anos, chegando à conclusão de que deixou de ser possível supô-los artefatos «pré-humanos». Desde que houve, por mais distante no tempo que tenha havido, artefatos, fogo e trabalho em comum, é porque existia «o homem», e não apenas qualquer antropóide pré- humano.

Um objeto é um «artefato», ou não é um «artefato». Se é um artefato, traduz uma relação entre causa e efeito, entre intenção de trabalho e destino de utilização, e denuncia, por conseguinte, a existência da inteligência no mesmo ser que fabricou o artefato: o homem.

Além da prova de inteligência que o fabrico de instrumentos constitui, existe, para mais, a arte. Arte é a projeção do ideal através do material, e só a inteligência humana é capaz de ideal e de o traduzir numa realidade material.

A mais antiga prova que temos da existência do homem é a de que ele era um artista. Como disse Chesterton, não precisamos nunca de procurar muito, para encontrarmos o desenho de um homem a esboçar um macaco, ao passo que, por mais que se tenha procurado, jamais se encontrou o desenho de um macaco a pintar um homem. Nunca os macacos principiaram um só desenho, e sempre os homens os principiaram e acabaram.

O Pitecantropo jamais desenhou bem ou mal um mamute, e o Homo Sapiens desenhou-o bem. Por mais alto lugar que ocupem na escala zoológica, nunca os animais aprenderam a desenhar e a aperfeiçoar-se nessa arte: os cães não pintam agora melhor do que pintavam quando eram lobos ou chacais, e também os atuais cavalos de boa raça não são melhores artistas do que os cavalos selvagens seus antepassados. A criatura chamada homem, porém, era diferente de todas as mais criaturas, porque, além de criatura, era também criador.

Houve um tempo em que o critério em que se baseava o conceito de

não ser dotado de inteligência o homem primitivo consistia no reduzido tamanho do seu cérebro. Hoje, porém, reconhece-se que nenhuma relação intrínseca existe entre a inteligência e o volume do cérebro. O grande escritor francês Anatole France, que foi um espírito argutíssimo, tinha uma capacidade craniana de cerca de 1.100 centímetros cúbicos apenas, igual, portanto, à do Sinantropo, — e Lord Byron tinha uma capacidade craniana dupla da de Anatole France, do que, porém, não se segue que tivesse o dobro da sua inteligência. Não é no tamanho do cérebro que está a inteligência, mas, sim, na faculdade de avaliar as relações entre as coisas, e isto não depende da capacidade craniana.

Outra prova de que a faculdade de pensar nem sempre corresponde logicamente ao volume do cérebro, está na sua proporção para o peso total do corpo. O peso do cérebro humano é apenas de 1/44 do peso do corpo. Os macacos anões da América do Sul, porém, dispõem duma capacidade craniana de 1/27 do peso do corpo, — isto é, proporcionalmente quase o dobro do cérebro humano, — mas, apesar disso, não consta que nenhum sagui tenha até hoje escrito um livro. Se, todavia, o volume cerebral é condição e prova de inteligência, os saguis deviam ser mais talentosos que os homens de ciência ou os grandes industriais. E tanto basta para justificar que o critério do volume cerebral esteja a ser posto de parte como demonstração de capacidade intelectual, e vá sendo substituído pelo da faculdade para fabricar artefatos, que constituem, só por si, contraprova irrefutável de vida espiritual e mental.

Outra noção que está a ser posta de parte é a de que o sentimento religioso surgiu relativamente tarde, — quando afinal é certo que já nos recuados tempos das civilizações das tundras árticas, da chamada «época da Rena», já povos tão primitivos como os Samoiedas e os Koriaks tinham por costume imemorial acumular, à maneira de oferta ao Deus Supremo, os crânios dos animais que tinham matado para se alimentarem.

Não há que fugir a esta conclusão: quanto mais o homem se considera simples animal, mais procede como animal.

As duas Grandes Guerras que no breve espaço de um quarto de século assolaram o mundo, e a perspectiva duma terceira guerra ainda pior, tudo são consequências de se haver o homem reduzido à condição de animal. Agora, porém, que a ciência é a primeira a querer reconhecer que não consegue encontrar no nível pré-humano a mínima prova de inteligência humana, é de esperar que os filósofos e os antropólogos se decidam a admitir essa verdade e com ela a restaurar o homem na sua dignidade intrínseca de ser criado por Deus à Sua imagem e semelhança, em vez de o considerarem simples macaco evoluído. A vida é superior à matéria, a consciência é superior à vida e a faculdade de conhecer a causa das coisas é superior ao instinto. O caminho da paz não está no regresso ao antropóide, do qual talvez provenha o nosso corpo mortal, mas sim no progresso para Deus, de Quem proveio certamente a nossa alma imortal.

Capítulo LIX

O Futuro depende de Nós

Pregada-nos a Poesia, porque é manifestação das nossas aspirações; têm aceitação os livros de psicologia que tratam de terrores, de ansiedades, de força de vontade, porque ou explicam os nossos malogros na busca do ideal, ou acordam as nossas boas propensões. Não obstante a nossa mesquinhez procure limitar o âmbito da vida às dimensões do planeta em que vivemos, verificamos, todavia, que ambicionamos e tentamos alcançar qualquer coisa que está muito para além da Terra.

Para nós, o Tempo não é somente um decurso, como o é para os objetos inanimados e para os irracionais. Para nós, as horas e os anos que vão passando significam o passado, o presente e especialmente o futuro, — e nesse futuro espera-nos a eternidade. E é isto que importa sublinhar, pois é necessário não esquecermos que no tempo de vida concedido a cada ser humano está implícita a eternidade que o aguarda após a morte. A comparação da vida com a música demonstrará bem que a nossa vida não é mero decurso do tempo, pois que, tal qual sucede com a música, implica uma incessante ligação com o passado e com o futuro. Assim, as notas que se tocam num piano são coisa diferente das pancadas dum martelo sobre a bigorna, pois têm que se harmonizar com as anteriores e com as que se lhe sucederão, para dessa maneira criarem um todo metódico, e tanto assim que até podemos algumas vezes, à luz das notas que foram tocadas, adivinhar com acerto as que vão imediatamente suceder-se.

Também as palavras de uma frase podem servir de comparação adequada dessa íntima ligação que existe entre o passado, o presente e o futuro. Assim como o homem, qualquer animal irracional é dotado de ouvido para recolher os sons duma anedota graciosa, mas o irracional não dará uma gargalhada porque não é dotado da faculdade de conjugar num todo completo o que constitui cada frase dessa anedota, — faculdade, porém, que foi dada ao homem. O homem conjuga o «não mais» com o «ainda não», o que passou com o que há de suceder: o futuro é qualquer coisa para onde caminhamos, que estamos a atingir ou queremos alcançar, muito embora não exista ainda no momento atual da nossa vida. E pode ser até que nunca chegue a existir em momento algum.

Da mesma forma, o passado nunca para nós terá passado completamente, como acontece com as coisas materiais, seja a badalada dum sino ou um fósforo que ardeu. O homem, ser racional, sabe que o passado condiciona o presente e influi no futuro: «Se eu tivesse estudado e feito exercício, seria hoje um grande pianista», Embora, porém, o passado se cristalice em costumes e hábitos, estes podem modificar-se, porque somos dotados de vontade livre. Podemos ter vivido durante trinta anos em certa rua e ter assim criado o hábito de tomar sempre o mesmo carro⁴² para voltarmos para casa; mas, se mudarmos de residência, não cometeremos o erro de continuarmos a utilizar o mesmo carro: não somos como a corrente dum rio, que segue inalteravelmente o mesmo leito, entre as mesmas margens.

O que é psicologicamente verdadeiro, é o também moralmente. Um homem moralmente bom tem sempre um ideal que procura alcançar e que orienta quase todas as suas ações. Quem deseja e quer salvar a sua alma, tem sempre em vista esse objetivo em tudo quanto faz. Mesmo quando escorrega e cai, até o remorso ou o arrependimento que sente provém da

⁴² Ônibus ou táxi.

inspiração daquele ideal.

Quer o homem reconheça que a vida deve ter um alvo moral, quer não o reconheça, isso não altera a verdade do fato de estar ele preso de certa maneira ao seu passado e ao seu futuro.

Na nossa vida presente, já estamos constantemente a construir o nosso futuro: o que é eterno está ligado ao que é temporal, o ideal está ligado ao fato material, o que viremos a ser está ligado ao que somos, o «ainda não» depende do «agora».

A busca do que é meramente temporal e material é incapaz de satisfazer o desejo inato do homem por um bem que transcende o tempo e está para fora e para além dele e que é a coisa única mediante a qual ficarão satisfeitas as mais altas aspirações da sua alma. E desta verdade são óbvias as razões, a primeira das quais é a de que não podemos alcançar duma só vez todas as coisas boas deste mundo; a segunda é a de que a posse de algumas dessas coisas é incompatível com a posse de outras, como por exemplo a consecução da perfeição atlética exclui a da perfeição intelectual, e a do pensamento prudente e calmo da idade madura exclui o entusiasmo impetuoso da mocidade. Além disso, como terceira razão ainda, quanto mais segurança econômica se consegue na vida, mais terra-a-terra⁴³ ela se toma, mais incompatível com iniciativas arrojadas e aventureiras.

O bem final não se assemelha a qualquer miragem que nos vai fugindo, à medida que corremos atrás dela: é, pelo contrário, qualquer coisa de que já usufruímos num presente que não se diluiu no passado. O homem deve sempre ambicionar mais do que pode alcançar.

E aquilo que ele ambiciona, tenha disso consciência ou não tenha, é a Vida Perfeita, a Inteira Verdade e o Amor Extático — e tal é a definição de Deus. Por isso, como escreveu Santo Agostinho, «Os nossos corações estão

⁴³ 1. [Informal] Que tem caráter simples. 2. [Informal] Que tem sentido prático. = PRAGMÁTICO.

inquietos enquanto não descansarem em Ti, Senhor Deus!»

ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 26 DIAS
DO MÊS DE NOVEMBRO DE 1956,
NA I M P R E N S A P O R T U G U E S A
RUA FORMOSA, 108-116 — PORTO